

CAMILA CHICRALA COELHO

**SOCIALIZAÇÕES DESIGUAIS: AS JUVENTUDES NAS
CAMADAS POPULARES E NOS GRUPOS MÉDIOS**

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de
Educação da Universidade Estadual de Campinas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Fonseca de Almeida

**UNICAMP
CAMPINAS**

2010

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Título: Socializações Desiguais: As juventudes nas camadas populares e nos grupos médios.

Autor: Camila Chicrala Coelho
Orientadora: Ana Maria Fonseca de Almeida

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Camila Chicrala Coelho e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data:

Assinatura:.....

A. Almeida

Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:

Luiz Sp. Kouzaki

Almeida

A. Almeida

2010

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

C65s	<p>Coelho, Camila Chicrala.</p> <p>Socializações desiguais: as juventudes nas camadas populares e nos grupos médios / Camila Chicrala Coelho . – Campinas, SP: [s.n.], 2010.</p> <p>Orientador : Ana Maria Fonseca de Almeida. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Juventude. 2. Desigualdade social. 3. Classes sociais. 4. Interação social. 5. Família. I. Almeida, Ana Maria Fonseca de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">10-135/BFE</p>
------	---

Título em inglês : Socialization uneven: youths in different social classes

Keywords : Youth; Social inequality; Social classes; Interaction social; Family

Área de concentração : Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação : Mestre em Educação

Banca examinadora : Prof^ª, Dr^ª, Ana Maria Fonseca de Almeida (Orientadora)

Prof^ª, Dr^ª, Kimi Aparecida Tomizaki

Prof^ª, Dr^ª, Graziela Serroni Perosa

Prof^ª, Dr^ª, Agueda Bernardete Bittencourt

Data da defesa: 10/06/2010

Programa de Pós-Graduação : Educação

e-mail : kami_chicra@hotmail.com

*A minha filha, Helena, companheira desde
os primeiros instantes de sua existência.*

*"O mundo social é também representa-
ção e vontade. E existir socialmente é
também ser percebido como distinto"*

Pierre Bourdieu

RESUMO

Esta pesquisa propôs-se a investigar as relações entre a desigualdade social brasileira, o processo de socialização e as práticas juvenis em famílias que ocupam diferentes posições sociais no contexto urbano de uma cidade grande no interior paulista. Para isso, foi realizada uma investigação na rotina diária dos jovens, o que metodologicamente permitiu observar como importantes experiências de socialização vividas por estes em sua rotina sofrem os efeitos da desigualdade social entre seus grupos de pertencimento. O estudo foi realizado através de um mapeamento das principais práticas desenvolvidas pelos jovens na interação com suas famílias, com a escola e com os amigos. As questões norteadoras da pesquisa foram: *(i) A que práticas se dedicam jovens de grupos sociais diferentes? (ii) Essas práticas são produzidas em que tipo de relações e em meio a que experiências de socialização?(iii) Como os diferentes modos de socialização e práticas juvenis podem produzir e/ou reproduzir as relações de desigualdade social entre seus grupos?* A pesquisa envolveu 14 jovens e seus familiares e procurou analisar as variações tanto individuais como intergrupais das práticas dos jovens, a partir de informações obtidas por meio de 42 entrevistas e de observações realizadas principalmente no âmbito doméstico e do bairro. Os resultados confirmam que variações na posição social das famílias não apenas determinam variações na forma como se dão os processos de socialização dos jovens e como são construídos os seus gostos e as suas práticas de lazer, de estudo e de trabalho, mas também repercutem na trajetória social dos jovens.

Palavras-chave: juventude; desigualdade social; posição social; socialização; práticas juvenis; interação familiar; capital cultural.

ABSTRACT

This study is aiming to investigate the relationship between social inequality in Brazil, the process of socialisation practices and youth in families that occupy different social positions in the urban context of a big-sized city in São Paulo. An investigation was undertaken in the daily routine of the young, which allowed us to observe how methodologically important socialisation experiences in their routine suffer the effects of social inequality. The study was conducted through a mapping of the key practices developed by young people in interaction with their families, with school and with friends. The questions guiding the research were: "(1) What practices engage young people from different social groups? (2) These practices are produced in what kind of relationships and experiences in the midst of that socialisation? (3) How the different modes of socialization practices and youth can produce and / or reproduce the relations of social inequality among their groups?" The research involved 14 young people and their families and sought to analyze variations both individual and intergroup practices of young people, from information obtained through 42 interviews and observations conducted mainly in the home and neighborhood. The results confirm that variations in the social position of families not only determine variations in the way we give the socialisation process of youth and how they built their tastes and practices of recreation, study and work but also have repercussions on the trajectory society of young people.

Keywords: youth, social inequality, social status, socialisation, youth practices, family interaction, cultural capital

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
1 O universo estudado e os jovens em foco.....	07
2 As juventudes e as experiências de socialização.....	12
CAPÍTULO 1 AS JUVENTUDES NAS CAMADAS MÉDIAS: ESTRATÉGIAS E SELEÇÕES.....	17
1.1 Paulo: uma rotina administrada rumo à ascensão.....	20
1.2 Bruna e Daniel: jovens de uma família altamente escolarizada.....	25
1.3 Rodrigo e Vinícius: trajetórias em ascensão.....	35
1.4 Carolina: uma jovem de família materna altamente escolarizada e paterna em ascensão social.....	41
1.5 Os jovens, as seleções e as escolas.....	45
CAPÍTULO 2 AS JUVENTUDES NAS CAMADAS POPULARES: REPERTÓRIOS E LIMITES.....	53
2.1 Felipe: a aposta da família.....	58
2.2 Ana e Guilherme: jovens de uma família popular pouco escolarizada.....	65
2.3 Eduardo: outro jovem oriundo da camada popular.....	70
2.4 Gabriela: entre o trabalho, a casa e a escola: uma rotina acelerada.....	72
2.5 Os jovens, os limites e as escolas.....	75
CAPÍTULO 3 ESSAS E AQUELAS JUVENTUDES: ALGUMAS CONCLUSÕES.....	79
3.1 Considerações Finais.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95
APÊNDICE.....	99

INTRODUÇÃO

¹Neste texto discuto os principais resultados de uma pesquisa que se propôs a analisar as relações entre a desigualdade social brasileira, as condições em que se vem operando o processo de socialização e as práticas de jovens pertencentes a famílias que ocupam diferentes posições sociais no contexto urbano de uma grande cidade no interior paulista.

Dessa forma, a pesquisa buscou realizar uma análise comparativa entre as práticas juvenis nas camadas médias e populares, o que se revelou como um grande desafio, pois investigar diferentes lógicas e padrões em grupos díspares em termos de capitais culturais, sociais e econômicos não foi tarefa fácil, e os riscos de incorrer em hierarquizações estavam sempre presentes. Assim, apesar da vasta literatura sobre o tema juventude, a falta de trabalhos de natureza qualitativa e comparativa entre as juventudes em suas diferentes posições sociais no Brasil também deixa este trabalho suscetível a diversas fragilidades. Entretanto, a principal intenção foi investigar novos caminhos, mais do que apontar conclusões.

Para compreender a noção de socialização, categoria central neste estudo, parti da discussão proposta por Norbert Elias, para quem o processo de socialização do indivíduo é não apenas “uma interação entre um ‘dentro’ e um ‘fora’ originalmente distintos, mas constitui uma função e um precipitado de relações, só podendo ser entendido – como a imagem do fio numa trama – a partir da totalidade da rede.” (ELIAS, 1994a). Nessa perspectiva, considerei socialização, aqui, um conjunto de experiências sociais do indivíduo em suas diversas redes de relações, nas quais ele aprende a reconhecer valores, padrões e expectativas grupais. No caso das gerações mais jovens, essas experiências são construídas principalmente na relação com os pais e com o grupo de pares, tendo os pais um papel fundamental e atuando nesse processo como os principais representantes da cultura de seu grupo social (PIKUNAS, 1979).

¹ Em razão da opção pelo relato de minha trajetória pessoal como profissional e pesquisadora nesta parte do texto, faço uso, aqui, da primeira pessoa do singular. A partir do início do relato da pesquisa, porém, optei pela forma impessoal, para acentuar o caráter objetivo deste texto.

Nesse sentido, a juventude constitui uma fase de formação de identidades, e os valores que são “imitáveis” (ELIAS, 1994b), dentro de uma cultura capitalista hegemônica, pertencem às camadas superiores. Dessa forma, o conceito de “imitação prestigiosa” (MAUSS, 1974) também foi útil para compreender as práticas juvenis em seus diferentes meios familiares e sociais.

Importa notar que o meu interesse em estudar as “diferentes juventudes” foi despertado pelo meu trabalho com jovens e suas famílias há sete anos. Atualmente, sou psicóloga no Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas (Comec). O Comec atende jovens e suas famílias, em duas principais frentes de ação: acompanhamento “socioeducativo” de jovens em medida judicial² e aprendizagem profissional para jovens que trabalham como aprendizes em empresas. Nesse trabalho, tenho tido contato com diversas “juventudes”: de diferentes idades, lugares e camadas sociais.

Nos contatos diários com os jovens, acompanhando suas práticas, muitas vezes me flagrei reconstruindo a sociologia da minha própria constituição como pessoa, voltando a lembranças de meus quatorze, quinze, dezesseis anos – o que eu fazia ou não fazia e todos os possíveis significados dessas experiências e do meu percurso social.

Assim, o que me moveu a fazer a pesquisa foi a constatação de que não havia uma juventude a compreender, mas múltiplas juventudes que se revelam no cotidiano através dos relatos dos diferentes jovens que eu atendia, em suas diferentes posições sociais e com suas diferentes práticas: o “menino” que morava na rua e vendia balas no semáforo, o “menor” que realizava furtos no centro da cidade e vivia sob a tutela do Estado em um abrigo, o *playboy* que gostava de frequentar *raves* e de fumar um “baseado”. Esses jovens autotranscreviam-se e eram denominados de diferentes maneiras pelos diversos agentes de socialização com quem interagiam.

² Medidas socioeducativas de Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade. Essas medidas judiciais, previstas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, são aplicadas pelo Juiz da Vara da Infância e Juventude quando um jovem entre 12 e 18 anos de idade pratica um ato infracional.

Nesse percurso e partindo da constatação empírica de que os jovens de diferentes camadas sociais implementam práticas distintas, fui construindo a primeira hipótese da pesquisa — de que a variação das práticas juvenis acompanha a variação na posição social das famílias. Trata-se, é claro, de uma hipótese bastante óbvia e suficientemente tratada na literatura especializada, principalmente em países como Estados Unidos e França (BOURDIEU, 1983; LAHIRE, 2006; LAREAU, 2007). No entanto, estudos realizados no Brasil tendem a assumir que as famílias contemporâneas e, portanto, os grupos sociais perderam a primazia sobre a constituição das práticas juvenis. Esses estudos procuram mostrar que, muito em função das transformações nos padrões de imposição da autoridade, os jovens estariam hoje muito mais sujeitos às influências dos grupos de pares e dos circuitos de sociabilidade do que dos adultos que compõem o grupo de parentesco (ABERASTURY, 1986; MAGNANI, 2005; SETTON, 2005). Mas como esse grupo de pares do qual o jovem participa é construído? Existe relação entre essas redes de relações e a posição social da família desses jovens?

Este trabalho foi organizado para reunir elementos que possam contribuir para esse debate, operacionalizando uma análise cujo eixo central consistiu em verificar que elementos estavam associados à variação das práticas juvenis em camadas sociais distintas.

Para isso, foi realizada uma investigação da rotina diária dos jovens, o que metodologicamente permitiu observar como a desigualdade social entre seus grupos de pertencimento tem efeitos sobre importantes experiências de socialização vividas por eles em suas rotinas. O estudo dessas rotinas foi realizado através de um mapeamento das principais práticas desenvolvidas pelos jovens na interação com suas famílias, escola e amigos.

Considerou-se aqui, como práticas juvenis, uma série de atividades desenvolvidas cotidianamente ou periodicamente pelos jovens, incluindo a prática de esportes, cursos de línguas, dança, teatro, música, informática, cinema, práticas de lazer, saídas noturnas, passatempos, preferências musicais, trabalhos e outras que apareceram no estudo das rotinas dos pesquisados. O que importou foi investigar a

relação entre a ocorrência dessas práticas, o modo como são desenvolvidas e a posição social dos jovens estudados.

Logo nos primeiros contatos com o campo, a pesquisa mostrou que as práticas dos jovens estudados não variam apenas em função da situação econômica de suas famílias, o que reforçou a hipótese de que a recepção da cultura nas diversas camadas sociais é formada de significados, e não de submissão total à esfera econômica.

Assim, as práticas juvenis foram vistas a partir de uma visão dinâmica, considerando todas as camadas sociais como geradoras de cultura (HOGGART³, 1973), o que possibilitou um olhar inter-relacionado para as questões culturais e socioeconômicas que surgiram nas entrevistas com os jovens e suas famílias.

Entretanto, a hipótese de que a posição em relação à cultura “legítima” de um jovem tem efeitos sobre o seu percurso social foi se fortalecendo a cada novo contato com o campo da pesquisa. Nesses contatos observaram-se práticas significativamente diferentes entre os jovens, práticas essas que definiam, por exemplo: o ingresso em uma universidade, a escolha por um trabalho ou, ainda, a participação, ou não, em determinados espaços sociais.

Assim, na exploração do campo, foram surgindo novas questões como: as práticas dos jovens, incentivadas pela família, distinguem aquilo que será reconhecido como legítimo ou não nos espaços sociais dos quais eles participam ou desejam participar?

Como será exposto no decorrer do texto, os dados mostraram que os condicionamentos exteriores (escola, amigos, bairro) tinham efeito direto sobre as práticas dos jovens e eram, em grande medida, determinados pela posição social de suas famílias.

Nessa perspectiva, considerou-se a relação entre as práticas juvenis e o capital cultural (diplomas, nível de conhecimento geral, etc.) e social (rede de relações sociais)

³ Hoggart (1973) busca compreender o meio popular, gerador de cultura, como local de resistência e negociação, e não apenas de submissão.

de suas famílias. Esses conceitos — capital cultural e social — desenvolvidos por Bourdieu, foram utilizados para evidenciar a relação de não dependência ao capital econômico e para pensar no papel diferenciador que determinadas práticas podem exercer na vida do jovem. Nessa lógica, Bourdieu demonstra que jovens de classe média ou da “alta burguesia”, pela proximidade com a cultura “erudita” construída através das práticas de seu meio familiar, têm mais probabilidades, por exemplo, de obter o sucesso escolar. “O que Bourdieu demonstra é que existe relação entre a cultura e as desigualdades escolares: a escola pressupõe certas competências que são de fato adquiridas na esfera familiar.” (BAUDELOT, 2002).

Para esse autor, a estrutura de poder numa sociedade consiste numa representação do espaço social das hierarquias de poder, identificada pelos estilos de vida, e a hierarquia social é composta por sistemas de dominação simbólica (BOURDIEU, 1983). Assim, o espaço social é a representação das hierarquias e suas respectivas distâncias sociais, e as desigualdades estão baseadas em sistemas de violência simbólica. Esse poder simbólico produz a inculcação de determinados padrões culturais no indivíduo, por meio de um longo processo de socialização denominado *habitus*.

Bourdieu propõe que a prática não é nem um precipitado mecânico de ditames estruturais nem o resultado da perseguição intencional de objetivos pelos indivíduos, e sim

o produto de uma relação dialética entre a situação e o *habitus*. O *habitus* funciona como um sistema de disposições duráveis e transponíveis e como uma matriz de percepções, apreciações e ações, o que torna possível práticas infinitamente diferenciadas entre os indivíduos em posições sociais diferentes. (BOURDIEU, 1995).

Como era de se esperar, constatando que as condições de socialização são definidas pela posição social, observou-se que as diferentes práticas juvenis não estão distribuídas aleatoriamente na população em geral, nem no grupo de jovens focalizados para essa pesquisa. Há, em primeiro lugar, uma variação que corresponde à variação na situação econômica das famílias, das quais os jovens em questão ainda são bastante dependentes. A situação econômica é o que permite ou não o acesso a

determinados espaços e objetos. No entanto, ela não explica todas as variações encontradas nas práticas juvenis: o capital cultural da família e as experiências de socialização das gerações ascendentes são fatores importantes na definição dessas diferenças.

Assim, essas primeiras constatações obtidas em campo exigiram considerar a influência das experiências de socialização a que os jovens em foco estão submetidos sempre em relação com a trajetória social de suas famílias. Para tal, também foi importante investigar os “circuitos juvenis”, noção utilizada por Magnani (2005), na qual se consideram espaços de encontro, lazer e sociabilidade como peças importantes para a socialização e a produção das práticas juvenis.

Para fins de análise e após a sistematização dos dados da pesquisa, as práticas dos jovens foram divididas em quatro domínios: (1) **Lazer**: passatempos e saídas diversas com fins de diversão. (2) **Estudo**: cursos extraescolares, realização das tarefas escolares, pesquisas na internet, preparação para o vestibular e leituras de materiais escolares e não escolares. (3) **Trabalho**: práticas ligadas a trabalhos formais e informais. (4) **Atividades artísticas**: práticas relacionadas às diversas artes: cinema, teatro e música.

As mesmas práticas foram também separadas em categorias, conforme as diferentes modalidades de controle e supervisão realizadas pelas famílias:

(1) **Supervisionadas/ incentivadas**: nessa categoria foram consideradas práticas supervisionadas diretamente pelas famílias, como cursos e atividades escolares. Caracterizavam-se por terem horários definidos para serem realizadas pelos jovens, como algumas práticas de estudo, tarefas domésticas, trabalhos e uso da internet. Também foram incluídas nessa categoria práticas como a ida dos jovens a determinados espaços sociais (cinema, teatro, restaurantes, etc.) junto com os pais e a realização pelos jovens, por incentivo dos pais desde a infância, de cursos de línguas, esportes e artes.

(2) **Não supervisionadas/ supervisionadas indiretamente:** práticas realizadas pelos jovens sem a supervisão direta da família, como a ida a lugares sem o conhecimento dos pais; e práticas negociadas, como passatempos, saídas a eventos e outras, realizadas com o grupo de amigos e que, apesar de não serem supervisionadas diretamente, algumas vezes recebiam uma supervisão indireta, como o conhecimento dos pais sobre os lugares que os filhos frequentavam e sobre os amigos.

Nessa perspectiva, as questões norteadoras da pesquisa foram: (i) *A que práticas culturais se dedicam jovens de camadas sociais diferentes?* (ii) *Essas práticas são produzidas em que tipo de relações e em meio a que experiências de socialização?*(iii) *Como os diferentes modos de socialização e práticas dos jovens podem produzir e/ou reproduzir as relações de desigualdade social entre seus grupos?*

Por fim, um dos principais interesses das questões que mobilizaram essa pesquisa está em vinculá-las às discussões e aos debates sobre a desigualdade de experiências educativas das diversas juventudes em suas respectivas camadas sociais e, conseqüentemente, sobre a desigualdade social no Brasil. Assim, a pesquisa, olhando para o histórico das experiências de socialização de duas gerações ascendentes dos jovens, também buscou fomentar reflexões acerca dos processos de transmissão intergeracional das relações de desigualdade entre as camadas sociais.

No próximo tópico serão expostos a metodologia e o cenário onde a pesquisa foi realizada.

1- O universo estudado e os jovens em foco.

O estudo foi estruturado para tentar captar as múltiplas influências que porventura estivessem presentes na rotina dos jovens estudados, provenientes dos diversos espaços - como a família, a escola, a cidade, o “barzinho”, a *lan house*, a balada, o clube, a igreja, o campo de futebol, entre outros. Sendo assim, apesar de o foco principal ter sido o grupo familiar, considerou-se que os grupos de pares e as

redes de sociabilidade⁴ em geral também se apresentam como canais de difusão e produção das práticas juvenis.

A pesquisa exploratória incidiu sobre vinte jovens e suas famílias. Desse universo, retiveram-se quatorze jovens de 13 a 18 anos no início da pesquisa, que pertenciam a grupos sociais bastante distintos: - (1) Camada média, altamente escolarizada, (2) Camada média, em ascensão escolar, (3) Camada média, pouco escolarizada e (4) Camada popular, pouco escolarizada (quadro 1) – o que garantiu variações nas posições sociais e, conseqüentemente, a localização desses jovens em diferentes extratos, no contexto mais geral da sociedade. Os jovens e as famílias excluídos participaram de uma primeira etapa da pesquisa, em que foram estudadas as práticas e a posição social em uma única entrevista com o próprio jovem. Já no trabalho com os casos selecionados para a segunda etapa foi realizada uma rodada de entrevistas com o jovem e com seus familiares, o que possibilitou a investigação tanto da posição como da trajetória social das famílias, durante um período de dois anos. No total de jovens e familiares, foram 30 entrevistados e 42 entrevistas.

Para fins de comparação, os jovens escolhidos para a pesquisa deveriam ter duas características em comum - residir com a família e estar estudando -, o que possibilitou focar a análise na variável posição social.

Além das entrevistas, acompanharam-se os jovens em suas idas a pontos de encontro no próprio bairro e a outros espaços frequentados por eles na cidade. Assim, apesar de o cotidiano dos jovens em foco ter sido apreendido principalmente no circuito da casa e da família, algumas observações complementares puderam ser feitas em outras atividades em diferentes circuitos pela cidade, como: acompanhar um jovem numa ida a um café com música ao vivo, frequentado regularmente por seu grupo de amigos; participar de uma festa com um grupo de jovens amigas ou de um encontro de jovens militantes; ir ao cinema, ao *shopping*, ao fliperama, entre outros.

⁴ Neste estudo, o termo “sociabilidade” está relacionado às visitas, aos encontros com amigos e às festas que envolvem trocas afetivas e comunicações sociais para além do círculo familiar. (ARIÈS, 1981).

A pesquisa foi realizada em um distrito — que concentra famílias de baixa renda, classe média e média superior — de uma grande cidade do interior paulista. Uma vez que a dimensão geográfica apareceu como um demarcador importante de fronteiras entre os grupos de jovens pesquisados, torna-se necessário situar esta região de maneira mais clara.

A região em foco viveu um intenso processo de urbanização e industrialização nas últimas décadas, como todo o País. Dessa forma, o bairro transformou-se num distrito de um grande polo econômico como Campinas, e os camponeses da região passaram a conviver com profissionais de nível superior que vieram em busca de novas oportunidades de trabalho e de educação, trazidas pela instalação de um polo tecnológico e de duas grandes universidades (Unicamp e PUC).

No entanto, é importante ressaltar que, embora o distrito tenha suas peculiaridades, a população que reside atualmente na região não representa os extremos da desigualdade de renda do País, pois não há nem extrema abundância de recursos, nem precariedade absoluta deles nas condições em que vem sendo operada a socialização dos jovens focalizados.

O trabalho de campo ocorreu em quatro bairros da região, os quais, nesta pesquisa, receberam os nomes fictícios de Parque Esperança, Bosque dos Eucaliptos, Vila Santa Teresa e Cidade Jardim. Os bairros Parque Esperança e Bosque dos Eucaliptos reúnem famílias de diferentes camadas dos grupos populares e uma minoria de classe média. As mulheres são, em grande parte, empregadas domésticas, diaristas e babás, desempenhando em geral tarefas manuais. Algumas estão desempregadas. Os homens, por sua vez, trabalham, em sua maioria, na construção civil (pedreiros, carroceiros, pintores e serralheiros) e realizam esses trabalhos nos bairros de classe média das proximidades.

O Bosque dos Eucaliptos é um bairro popular, que tem ruas asfaltadas e todas as casas com água encanada, esgoto e coleta de lixo. Ali coexistem casas de alvenaria, na maioria das vezes resultantes de autoconstrução e inacabadas, e dois condomínios

fechados, formados por casas construídas por construtoras, dentro dos padrões estéticos de classe média.

Já o Parque Esperança possui algumas ruas sem asfalto, embora as casas sejam também de alvenaria, com serviço de água encanada, esgoto e coleta de lixo. Em sua maioria, as casas são também resultantes de autoconstrução, inacabadas, sem reboco e sem pintura. Os terrenos não são todos legalizados.

O terceiro bairro, Cidade Jardim, é de classe média e reúne famílias de professores universitários, engenheiros ou outros profissionais liberais. Os adultos dessas famílias trabalham nas universidades, nas indústrias das vizinhanças ou como profissionais liberais em escritórios e clínicas.

Por fim, o quarto bairro, Vila Santa Teresa, agrega famílias das camadas populares do tipo descrito acima e famílias de classe média e média superior, altamente escolarizadas. Nesse bairro também está localizada a moradia estudantil da Universidade Estadual de Campinas.

As famílias desses quatro bairros encontram-se em uma relação de interdependência, em função, fundamentalmente, do trabalho que desempenham, já que a maior parte dos moradores dos bairros Parque Esperança e Bosque dos Eucaliptos trabalham ou prestam serviço para as famílias de classe média dos outros bairros. Estas, por sua vez, dependem estreitamente desses trabalhos, pois a presença das empregadas domésticas possibilita a participação das mulheres de classe média no mercado de trabalho.⁵

Com essa configuração, uma região bastante diversificada e hierarquizada - com forte divisão e diferenciação de funções –, foi possível observar os jovens de diversas

⁵ Parte desses dados sobre a região foi obtida através do dossiê: “Experiências educativas e construção de fronteiras sociais”, que apresentou os resultados de uma pesquisa de caráter comparativo internacional, desenvolvida entre 2005 e 2007. No Brasil, esta pesquisa ficou sob a responsabilidade do grupo de pesquisa Focus, na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob coordenação de Ana Maria F. Almeida, e do Observatório Sociológico Família-Escola (Osfe), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a coordenação de Maria Alice Nogueira.

camadas sociais e estudar a estrutura preexistente de relações em que aqueles estavam se formando, assim como o histórico de padrão social de suas famílias.

Os primeiros contatos com o campo de pesquisa ocorreram através de duas organizações não governamentais da cidade – O Núcleo de Assistência Social (NAS) que, localizado em um bairro popular, oferece atendimento a famílias populares menos escolarizadas através de atividades socioeducativas voltadas para crianças, no período contrário ao da escola; e O Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas (Comec), que atende jovens de diferentes grupos sociais e localiza-se na área central de Campinas. Tanto para o Comec como para o NAS, a consigna utilizada foi a solicitação de contatos com jovens atendidos pelas instituições e residentes na região delimitada para o estudo. A partir de indicações dessas instituições, foram selecionadas 20 famílias. Em uma primeira visita domiciliar aos jovens e a seus pais, foi feito o convite para a participação na pesquisa. A partir desses primeiros contatos foram incluídos outros jovens, por meio da própria rede de amigos dos primeiros entrevistados.

Paralelamente às entrevistas e às observações, foi realizada uma comunicação sistemática pela Internet com alguns jovens através dos grupos de relacionamentos – Orkut e Facebook. Essa atividade foi construída com os jovens que, logo nas primeiras entrevistas, já afirmaram, como uma de suas práticas preferidas, “navegar” na internet e teclar com os amigos.

É importante ressaltar também que, para definir a posição social dos jovens pesquisados, foi feita uma investigação tanto do patrimônio material (renda e bens), como do patrimônio simbólico (escolaridade, rede de relações e percurso social) de seus grupos familiares. Nesse sentido, focalizaram-se as condições objetivas e subjetivas em que se deu o processo de socialização dos jovens, buscando interrogar, prioritariamente, sobre as características das configurações sociais (ELIAS, 2000) em que estavam inseridos.

Para isso, foi realizada uma rodada de entrevistas com os jovens e seus familiares, com participação maior das mães do que dos pais e de outros parentes.

Esse dado sugere alguns indicadores sobre a divisão de papéis dentro dessas famílias, o que se expressou pela participação maior das mães do que dos pais na pesquisa, mesmo em famílias onde ambos trabalhavam.

É importante considerar também que, conforme contratado em termo de livre consentimento assinado pelos pesquisados, os nomes dos jovens e dos familiares que participaram desta pesquisa são fictícios.

A inserção no campo deu-se de maneira complexa e processual, tendo acontecido de forma diferente com cada grupo familiar entrevistado. As famílias das camadas populares demonstraram maior disponibilidade de tempo e maior possibilidade para a pesquisa dentro de suas casas, talvez por terem em suas rotinas outras visitas de profissionais de instituições sociais, como assistentes sociais, agentes de saúde e outros. Já as famílias das camadas médias, mais escolarizadas, apresentaram, no início, maior resistência e menor disponibilidade de tempo para a pesquisa dentro da casa da família, resistência que foi quebrada com conversas de esclarecimento sobre o sigilo da pesquisa, por exemplo.

Assim, participar do cotidiano dos jovens pesquisados na relação com suas famílias exigiu a construção de um vínculo de confiança e a disponibilidade desses para compartilhar momentos de intimidade, muitas vezes nunca compartilhados com pessoas não pertencentes ao grupo de parentesco.

Finalizando, a questão que norteou todo o trabalho de campo foi verificar em que medida o patrimônio material e simbólico das famílias é capaz de explicar variações na forma como algumas práticas juvenis são construídas.

2 – As juventudes e as experiências de socialização.

Quaisquer que tenham sido os ancestrais da humanidade, o que vemos, até onde nos é possível divisar no passado, é uma cadeia ininterrupta de pais e filhos, os quais por sua vez, se tornam pais. E não se pode entender como e porque os indivíduos se ligam numa unidade maior, uns através dos outros e com os outros, quando se ocupa de si mesmo essa percepção. Todo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. E não é só: todo indivíduo constitui-se de tal

maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existiam antes dele para poder crescer. Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas. (ELIAS, 1994a, p. 26)

Pensar sobre o processo de socialização dos jovens focalizados para a pesquisa exigiu pensar nas particularidades desse processo na atualidade, tanto a partir das contribuições da sociologia clássica (BERGER; DURKHEIM; LUCKMANN), como de autores mais atuais (cf. DUBET, 1996; ELIAS, 1994a; LAHIRE, 1998), para poder compreender o impacto da modernização e das transformações sofridas no interior das agências tradicionais de socialização, assim como para entender esse processo a partir da emergência de uma nova ordem sociocultural, com uma maior presença de circularidade de experiências e referências identitárias na vida das jovens gerações (SETTON, 2005).

Assim, neste estudo, pressupondo contextos diferentes e heterogeneidade de práticas de socialização, buscou-se não olhar para as experiências dos jovens pesquisados como sendo sistematicamente coerentes, homogêneas e compatíveis, pois, cada vez mais, o contato precoce com outros universos além da família está presente na vida das novas gerações. Vive-se, simultânea e sucessivamente, em contextos sociais diferenciados e não equivalentes (cf. LAHIRE, 2002, p. 27-31). No entanto, como será exposto na discussão dos dados, o que se pôde constatar neste estudo foi que as relações sociais vividas pelos jovens da pesquisa fora do universo familiar com outras agências são construídas primordialmente a partir das interações familiares, por meio de negociações e trocas entre as gerações, como ocorre, por exemplo, na escolha da escola – importante espaço de construção de redes sociais pelos jovens.

Nessa perspectiva, o processo de socialização foi concebido com uma participação ativa do jovem na interação com essas instâncias, conferindo a ele certa autonomia e liberdade reflexiva (BERGER; LUCKMANN, 1983). De fato, logo nas primeiras entrevistas, os jovens demonstraram capacidade de dialogar, questionar e negociar um universo de relações; de participar de suas experiências de socialização não como agentes passivos, como revelado no caso de alguns jovens: podiam interferir

no processo de escolha de uma nova escola, nas decisões sobre saídas e escolha da faculdade para o vestibular.

Por fim, na análise sobre a trajetória social das famílias, levaram-se em consideração principalmente os dados sobre a educação recebida pelas gerações ascendentes de cada um dos jovens e o histórico de mobilidade social e geográfica de seus grupos familiares. Dessa forma, essas trajetórias foram investigadas a partir de tudo o que possa ter significado no processo de socialização dos jovens em foco, mas foram olhadas, principalmente, como trajetórias que apresentam campos de aquisição de disposições que orientarão esses jovens nas tomadas de posição em relação a diversas esferas da vida, como, por exemplo, a escolha de suas práticas e a rede de amigos.

Nesse sentido, foi feita uma investigação sobre a escolaridade e a ocupação dos pais e dos avós dos jovens pesquisados (Quadro 1), dados importantes para a definição da posição social das famílias em foco. Neste estudo, essa definição foi obtida por meio da análise do acesso dessas famílias a recursos tanto materiais como simbólicos. Dessa forma, a posição social foi definida pela somatória de quatro variáveis: (1) renda, (2) escolaridade, (3) ocupação de duas gerações ascendentes do jovem e (4) histórico de aquisição desses patrimônios materiais e simbólicos.

QUADRO 1- Distribuição das famílias dos jovens do estudo, considerando a escolaridade e a atividade dos pais e dos avós e a renda média *per capita*⁶ das famílias

Famílias dos jovens estudados	Mãe	Pai	Avó materna	Avô materno	Avó paterna	Avô paterno	Renda média <i>per capita</i> mensal
Família 1 Daniel, 18 anos / Bruna, 13 anos, Média Alta	Superior Unicamp Pegadoga em uma ONG	Doutorado Unicamp Engenheiro Prof. aposentado Unicamp	Superior Direito Funcionária pública INSS	Superior Advogado Defensor publico	Dona de casa	Representant e de vendas de equipamentos e máquinas	Quatro salários mínimos

⁶ A renda *per capita* familiar foi calculada através da soma dos salários de todos os residentes na casa, dividindo o total pelo número de pessoas que compõem a família.

Família 2 Carolina, 15 anos, Média Alta	Superior Artes Plásticas Voluntária ONG	Superior Filosofia USP Diretor Facamp	Magistério Prof. Escola Waldorf	Superior Advogado	Médio Dona de casa	Médio Pastor	Três salários mínimos
Família 3 Helena, 17 anos Média Alta	Superior Bióloga	Doutor Professor universitário - Unicamp Engenheiro de alimentos	Fundamental Costureira	Médio Comerciante Ceasa/SP	Fundamental Dona de Casa	Fundamental Marceneiro	Três salários mínimos
Família 4 Rafaela, 18 anos, Média Alta	Mestrado Prof. jornalismo Unip	Superior Funcionário público Câmara legislativa Brasília	Fundamental incompleto Comerciante	Fundamental incompleto Caminhoneiro	Superior completo Funcionária pública	Superior completo Funcionário público	Dois salários mínimos e meio
Família 5 Bianca, 14 anos, Média	Superior Psicologa PUC Doula	Superior Educação Física PUC	Superior Arquiteta	Superior Arquiteto Funcionário Público	Fundamental Dona de casa	Superior Engenheiro civil, militar	Dois salários mínimos e meio
Família 6 Vinicius, 17 anos, Média	Mestrado Assistente Social PUC	Superior Administração Segurança predial	Fundamental incompleto Costureira	Fundamental incompleto Mecânico	Fundamental incompleto Dona de casa	Fundamental incompleto Comerciante	Dois salários mínimos
Família 7 Paulo, 16 anos, Média	Superior Jornalista Professora PUC	Superior Analista de sistemas CPQD	Fundamental Dona de casa	Médio Técnico em química	Fundamental Dona de casa	Médio Mecânico	Dois salários mínimos
Família 8 Rodrigo, 17 anos, Média	Fundamental Costureira	Médio Primeiro sargento	Fundamental Incompleto Doméstica	Fundamental Incompleto Agricultor	Fundamental Incompleto Agricultora	Fundamental Incompleto Agricultor	Dois salários mínimos
Família 9 Felipe, 16 anos Popular	Fundamental Dona de casa	Médio Operador de Veículo – Rhodia	Fundamental Incompleto Caseiro	Fundamental Incompleto Caseira	Fundamental Incompleto Agricultora	Fundamental Incompleto Agricultor	Um salário mínimo e meio
Família 10 Gabriela, 17 anos, Popular	Fundamental Cabelereira	Fundamental Lavrador Ceasa/ Campinas	Analfabeta Dona de casa	Fundamental Serviços gerais	Fundamental Dona de casa	Fundamental Agricultor	Um salário mínimo
Família 11 Eduardo, 15 anos, Popular	Fundamental Incompleto Doméstica	Fundamental Serralheiro	Fundamental Incompleto Agricultora	Fundamental Incompleto Agricultor	Desconhecido	Desconhecida	Meio salário mínimo
Família 12 Ana, 16 anos Guilherme, 15 anos, Popular	Fundamental Incompleto Diarista	Fundamental Incompleto Pedreiro	Fundamental Incompleto Doméstica	Fundamental Incompleto Carroceiro	Fundamental Incompleto Agricultora	Fundamental Incompleto Agricultor	Meio salário mínimo

Nos próximos dois capítulos, a apresentação dos dados e da análise será organizada a partir do agrupamento dos jovens: os pertencentes a famílias das camadas médias — altamente escolarizadas, em ascensão escolar e pouco escolarizadas — e os das famílias das camadas populares - pouco escolarizadas e em ascensão escolar. No terceiro capítulo, as “juventudes” serão analisadas comparativamente e algumas possíveis conclusões serão expostas.

CAPÍTULO 1

AS JUVENTUDES NAS CAMADAS MÉDIAS: ESTRATÉGIAS E SELEÇÕES

Ele parece muito com o pai, física e emocionalmente. É tímido, ponderado, família... Com a mãe ele parece na firmeza e na certeza do que quer, não tem medo da vida (Sílvia, mãe de Vinicius).

Neste capítulo serão expostas as experiências de socialização dos jovens estudados nas famílias das camadas médias, a análise da forma como ocorre a seleção das escolas desses jovens por essas famílias e os possíveis efeitos desses processos na construção das práticas juvenis.

As experiências de socialização dos jovens nas camadas médias, focalizados no estudo, expressaram relações diretas com o território no qual esses moravam: Vila Santa Teresa, Cidade Jardim e adjacências.

Esses bairros apresentavam uma oferta significativa de espaços de esporte e lazer, como praças e parques abertos à comunidade (duas pistas de caminhada, lago e quadras poliesportivas da Universidade); uma escola particular de futebol; escolas de artes e idiomas (inglês, francês, dança, canto, violão, artes circenses, etc.), entre outros serviços, particulares e públicos, ligados à cultura e à complementação de atividades escolares, como o Kumon e o teatro da universidade. No entanto, os jovens em foco realizavam poucas atividades sociais no próprio bairro, optando por espaços particulares localizados em áreas centrais que possibilitavam o encontro com sua rede de amigos procedentes de outros bairros de classe média espalhados pela cidade.

O círculo de amizades desses jovens, por sua vez, era construído nas escolas em que estudavam, também localizadas em regiões centrais da cidade e nas quais passavam a maior parte do tempo (Quadro 2). Dessa forma, a relação desses jovens com o bairro apareceu associada ao espaço da casa e da família e não aos amigos. Já nas camadas populares, as principais amizades dos jovens, que também eram construídas nas escolas, ficavam concentradas no próprio bairro ou nas adjacências.

Assim, a escola apareceu, para todos os pesquisados, como o principal espaço onde se fazem amigos, se “fica com as meninas”, se paquera, se combina de “sair” e se conhecem os “sons” – nas palavras dos jovens.

QUADRO 2 – Inventário das práticas dos jovens estudados nas camadas médias altamente escolarizadas e em ascensão social

Jovem e camada social.	Rotina diária (práticas supervisionadas de estudo e domésticas)	Rotina diária (práticas de lazer e artísticas, passatempos)	Rotina de fins de semana (práticas de lazer, familiares, religiosas, esportes e trabalhos.)
Bruna, 13 anos, média altamente escolarizada.	Escola particular fora do bairro (6 h. diárias). Curso de balé Horário para estudos Curso de Inglês Cuida do cachorro	Assiste TV Ouve música Internet, lê livros ficção/filosofia/ecologia Assiste a filmes e séries	Semanalmente: <i>shopping</i> (comer, andar, tirar fotos, paquerar e conversar) e cinema. Internet. Frequentemente: sai com seus pais para almoçar e/ou jantar fora. Ocasionalmente: encontros na casa de amigas. Transporte: um dos pais leva e busca.
Carolina, 15 anos, média.	Escola particular fora do bairro (6 h. diárias). Conservatório – Aulas de violão e canto. Aulas de futebol Horário para estudos. Curso de francês	Ouve música Internet, assiste TV Lê ficção, filosofia, romances Fala no telefone com amigas Toca e ensaia violão	Semanalmente: <i>shopping</i> (comer, andar, paquerar, conversar) com as amigas. Frequentemente: “baladinhas” (para menores de 18 anos, em que não servem bebidas alcoólicas) no clube de que é sócia. Ocasionalmente: festas de aniversário e despedida de amigos. Transporte: um dos pais leva e busca
Bianca, 14 anos, média.	Escola particular fora do bairro (8 h. diárias). Ajuda a cuidar do irmão. Tarefas domésticas.	Ouve música Lê romances esporadicamente Internet Assiste TV	Semanalmente: <i>shopping</i> (comer, andar, tirar fotos, paquerar e conversar) e cinema, churrasco com o pai, internet. Ocasionalmente: festas de aniversário, <i>shows</i> (rock), dormir na casa das amigas. Transporte: um dos pais leva e busca.
Helena, 17 anos, média altamente escolarizada	Escola Técnica de Química e ensino médio fora do bairro(período integral) Curso de violino Estuda para o vestibular	Ouve e baixa músicas Internet Lê jornal, textos na internet. Saídas com amigos (cinema, visitas)	Semanalmente: Internet, visita amigos, cinema, leituras e saídas com a família a restaurantes. Ocasionalmente: vai a barzinhos com música (Casa São Jorge), cinema, teatro municipal de Paulínia, sinfônica e encontro de amigos nas casa para jogos (RPG, baralho, War). Transporte: carro ou ônibus.
Rafaela, 18 anos, média altamente escolarizada	Trabalha empresa júnior na Unicamp. Aulas de Engenharia de alimentos - Unicamp	Internet, namora Ouve música, lê livros ficção e científicos. Assiste TV ou a filmes	Semanalmente: namora, internet, visita amigos, lê . Ocasionalmente: vai a barzinhos com música, cinema, teatro, sinfônica e Centro de convivência. Transporte: carro ou ônibus.
Daniel, 18 anos, média altamente escolarizada	Cursinho particular fora do bairro (5 h. diárias) Curso de violão e de Inglês Estuda para o vestibular	Ouve, toca e grava músicas Internet, TV, filmes Lê livros diversos, textos na internet. Sai com os amigos (<i>shows</i> , bares)	Semanalmente: bares com música ao vivo, (Bar Birosca), sinuca, cinema, internet. Ocasionalmente: <i>shopping</i> (comer e cinema), restaurantes com os pais, churrasco na casa de amigos, viagens com amigos. Transporte: ônibus, carona com amigos, bicicleta, carro dos pais.
Paulo, 17 anos, média	Escola pública (ETECAP) fora do bairro (6 h. diárias) Curso técnico de mecânica (COTUCA)	Internet (baixa filmes e músicas, orkut, Msn) Ouve música	Semanalmente: Internet, visita amigos, treina <i>kung fu</i> , anda de bicicleta, almoça em restaurante com os pais. Ocasionalmente: vai a barzinhos com música e a festas na casa de amigos.

	<i>kung fu</i> , violão	Lê revistas de esporte e livros ficção.	Transporte: carro, ônibus, bicicleta.
Vinicius, 17 anos, média	Escola Técnica de Química e ensino médio fora do bairro (período integral) Curso de Inglês (Cultura Inglesa) Natação	Internet (e-mails e músicas) Joga "Footnerds" Reuniões Conselho da Criança. Lê jornal esporadicamente, notícias na net, revistas científicas e livros de ficção.	Semanalmente: passeia com o cachorro, namora, internet, visita amigos, centro espírita. Ocasionalmente: vai a barzinhos com música, jogar baralho ou RPG na casa de amigos, sinfônica e Centro de convivência. Transporte: carro ou ônibus.
Rodrigo, 17 anos, média pouco escolarizada	Escola pública no bairro (4 h. diárias/ noturno) Trabalha como aprendiz de auxiliar administrativo.	Assiste TV Videogame, Internet Ouve música, lê gibis	Semanalmente: igreja, visita aos amigos, barzinho perto da escola. Lê gibi, joga videogame, Internet. Quinzenalmente: <i>shopping</i> (cinema, paquera, ver lojas de produtos eletrônicos), festas de aniversário, dormir na casa de amigos, andar de moto com amigos. Transporte: a pé, carona com amigos ou ônibus.

Conforme o quadro acima, é possível verificar que esses jovens, filhos de pais altamente escolarizados têm a possibilidade de experimentar várias práticas complementares ao ensino formal, como cursos de inglês, francês, balé, natação, *kung fu*, canto, violão, violino, entre outros. Esses dados, considerando que esses cursos eram financiados pelas famílias, apareceram como expressão de alguns dos investimentos, simbólicos e materiais, realizados por esses pais no direcionamento de algumas práticas realizadas pelos filhos. A dependência financeira durante a realização desses cursos e também de outros, em faculdades, como no caso de Daniel, Rafaela e Vinicius – três jovens estudados que ingressaram na faculdade durante a pesquisa –, também expressou essa lógica. Essas atividades apareceram, principalmente, nas famílias cujos pais, como seus filhos, viveram experiências similares na juventude. Esses pais, quando jovens, contando com o apoio financeiro de suas famílias, também realizaram cursos de esportes e artes, como os indicados acima, e foram socializados em universidades como PUC, USP e Unicamp (Quadro 1).

No entanto, essa lógica apareceu de forma diferente em uma família classe média estudada, com uma situação econômica similar à das outras, cujos pais foram socializados principalmente através do trabalho e tinham um menor capital cultural (Família 08, Quadro 1).

Nesse sentido, a possibilidade de os jovens se dedicarem por mais tempo à escolarização e a cursos complementares ao ensino formal apareceu como um forte

investimento em famílias de alto capital cultural e naquelas em ascensão escolar. A importância que esses pais davam ao tempo que o jovem tinha para práticas de estudo, como cursos, tarefas escolares, preparação para o vestibular, pesquisas na internet e leituras escolares e não escolares foi uma das expressões desse tipo de investimentos. Os pais pesquisados revelaram maneiras bastante específicas para disciplinar e direcionar algumas práticas dos jovens.

A gente está passando por uma crise financeira, estou só no atelier agora e, com a compra da casa, o orçamento ficou mais apertado. Mas a última coisa que eu penso é em tirar a Carol dos cursos dela (violão, canto, francês e dança); tenho diminuído dinheiro pra sair, supermercado, essas coisas (Cristina, 37 anos).

Com isso, os jovens desse grupo, em meio a negociações com suas famílias, das quais ainda eram bastante dependentes, realizavam inúmeras práticas de estudo extraescolares supervisionadas diretamente ou não por seus pais; e o gosto por praticar certas atividades ou ir a certos espaços sociais não era arbitrário entre eles: a trajetória familiar era um elemento fundamental para compreender como certas competências e “gostos⁷” lhes eram transmitidos.

1.1 Paulo: uma rotina administrada rumo à ascensão

Paulo, filho de Beatriz (jornalista) e Alexandre (analista de sistemas), é um caso que exemplifica essa maneira de administração do tempo e supervisão das práticas juvenis pelos pais, em especial as de estudo. Casados há vinte e um anos, Beatriz e Alexandre foram os primeiros da família que cursaram o ensino superior e ambos atribuem essa conquista à educação rígida que receberam de seus pais, avós de Paulo. Associavam rigidez com disciplina, relatando que seus pais impunham horários para eles estudarem e ajudarem nas tarefas domésticas, assim como para a entrada em casa depois de saídas noturnas com namorados (as) e amigos.

Assim, representando a primeira geração a cursar uma faculdade na família, o casal relacionava isso ao fato de seus pais terem “permitido” que se dedicassem aos

⁷ Segundo Bourdieu (2005), o gosto é a competência necessária que o indivíduo adquire no mundo social para decifrar índices, sendo assim uma objetividade interiorizada.

estudos e, por isso — com exceção de ajudar na arrumação da casa e outras tarefas domésticas que realizavam, como cozinhar, lavar louça e “olhar” os irmãos —, não precisaram trabalhar “fora” em suas juventudes. Seus pais, avós de Paulo, por outro lado, cursaram apenas o fundamental, tendo apenas o avô materno de Paulo concluído o ensino médio e o técnico em Química (Quadro 1). No caso de Beatriz, ela foi escolhida pelos pais, entre seus irmãos, para dedicar-se aos estudos, pois se destacava por seu bom desempenho na escola: tirava notas altas e era recorrentemente elogiada por seus professores. Hoje, o casal tem uma renda *per capita* média de dois salários mínimos (Quadro 1), o que possibilitou a aquisição de uma casa própria de bom padrão em um condomínio, dois carros médios seminovos e também proveem o pagamento de escolas particulares para os dois filhos: Paulo (16 anos) e Heloísa (6 anos).

Assim, apesar da diferença significativa dos padrões de vida entre as duas gerações ascendentes ao jovem, nessa trajetória social, um dos elementos fundamentais que definiram a ascensão social da família foi a forma como esses avós direcionaram os estudos na vida dos filhos e, com isso, a possibilidade de Beatriz e Alexandre cursarem a faculdade. Isso pode explicar a forma como hoje esses pais administram a educação de Paulo, promovendo práticas de estudo que incentivam e supervisionam.

Paulo cursou até a oitava série do ensino fundamental, em dois períodos, em uma escola particular localizada nas proximidades do trabalho da mãe que, assim como o pai, trabalhava em período integral: ela, dando aulas na universidade, e ele, como analista de sistemas em uma empresa de grande porte.

Já o ensino médio Paulo cursava junto com os cursos técnicos de Mecânica e Química, em duas escolas públicas altamente concorridas em termos de vagas. Além disso, o jovem dedicava-se ao *kung fu* há sete anos, tendo aulas duas vezes por semana em uma academia localizada em um bairro central da cidade. Com essa rotina, sobravam para ele apenas duas tardes “livres” na semana, nas quais aproveitava para descansar, estudar e “teclar com os amigos na internet”. Aos fins de

semana, Paulo também praticava ciclismo e futebol com os amigos, numa quadra da universidade pública (Unicamp) que ficava perto de sua casa.

Para manter a disciplina com os treinos e, sobretudo, com as escolas, Paulo não costumava frequentar “baladas” até altas horas e também enfatizava não gostar de lugares onde “as pessoas se encontravam para beber e usar drogas” — em suas palavras —; dava o exemplo das boates e das *raves*. Dessa forma, ele costumava encontrar-se com os amigos em suas casas, onde ouviam música, jogavam baralho, assistiam a filmes, ficavam com as namoradas e preparavam churrascos e *pizzas*.

As preferências musicais de Paulo variavam entre *rock* nacional (Legião Urbana, Barão Vermelho) e *rock* “metal” (Metálica, ACDC). Quanto a filmes, gostava de assistir principalmente a filmes de ficção, do tipo de *Star wars*, e associava essa preferência ao pai, que também apreciava esse gênero de filmes. Já em relação a programas de TV, Paulo costumava assistir programas de esporte (ESPN, lutas e futebol), documentários diversos na Discovery Channel e outros programas da TV a cabo, como filmes e seriados americanos. Paulo também realizava leituras não escolares, principalmente em *blogs* da internet, revistas de esporte e livros de ficção.

No entanto, o que foi possível observar na rotina de Paulo, assim como na de outros jovens pesquisados das camadas médias altamente escolarizadas e em ascensão escolar, foi que esses jovens tinham uma rotina repleta de atividades escolares e extraescolares direcionadas por suas famílias. Com isso, em sua rotina durante a semana, havia pouco tempo livre para eles “escolherem” o que fazer. Paulo relatava, em tom de rebeldia: “*Não tenho tempo pra nada!*”.

Essa questão da falta de tempo foi abordada recorrentemente por alguns jovens nas entrevistas e era considerada por eles como “privação” ou falta de liberdade para decidir sobre a organização de suas rotinas. Assim, além do grande número de atividades, em diversas situações, os jovens também tinham que fazer seus horários conforme a possibilidade de horário dos pais para levá-los ou buscá-los nos cursos e em outros lugares frequentados com os amigos, como *shopping*, clubes, barzinhos e

casa desses amigos. Esses pais, por sua vez, também reclamavam da falta de tempo em seu cotidiano tomado pelo trabalho em tempo integral (Quadro 1).

Não tenho tempo pra nada, sabe. Depois que eu termino tudo, que chego em casa e ainda tem as coisas da escola pra fazer e, aí, só depois que eu posso fazer o que eu quero, tipo, aí, que fico no computador, converso com as minhas amigas [...] (Carolina, 15 anos).

Os pais de Paulo, entretanto, relatavam ter, como objetivo central na educação do jovem, que ele pudesse viver experiências que lhe possibilitassem uma “boa” formação. Para esses pais, uma boa formação incluía a disponibilidade de tempo e a possibilidade financeira para a realização de cursos. Nessa lógica, Paulo, desde a infância, estudou na escola particular mencionada acima, em tempo integral, na qual realizava diversas práticas artísticas e esportivas, como artes plásticas, flauta, futebol, *kung fu*, etc. Assim, o estudo em período integral, além de ser fundamental para que os pais trabalhassem, também correspondia às aspirações destes em termos pedagógicos. *“No Lúmen que eu comecei a gostar de esporte, comecei o kung fu lá...era bem puxado também...nem estudei tanto pro vestibulinho e passei em dois, acho que por isso!” (Paulo).*

Como já visto, ao concluir o ensino fundamental, por incentivo dos pais, Paulo participou do processo seletivo para duas escolas técnicas do município e, tendo sido aprovado nos dois exames, decidiu cursar as duas escolas em períodos diferentes: no Cotuca, cursou Mecânica, no período noturno; e, na Etecap, Química, no diurno.

Esse caminho percorrido por Paulo em seu processo de escolarização - primeiro ter estudado em uma escola particular “puxada” e, depois, ingressar em uma escola pública concorrida - também havia sido trilhado por outros jovens envolvidos nesta pesquisa, pertencentes a famílias com características similares: renda média estável, escolaridade alta e histórico de ascensão social. Esses dados, sobretudo, demonstram que a seleção escolar, expressa tanto pela escolha feita pelas famílias das escolas dos filhos como pela seleção que as escolas concorridas fazem dos jovens que serão seus alunos, funciona como forte mecanismo de diferenciação entre os jovens em diferentes posições sociais e representa mais um recurso utilizado por essas famílias na

socialização de seus filhos. Dessa forma, a seleção escolar funciona também como um importante recurso de seleção social, visto que a escola apareceu como o principal espaço de sociabilidade dos jovens pesquisados.

Outro dado comum aos jovens de famílias em posição similar à de Paulo foi a sua grande dependência financeira em relação a seus pais. Paulo recebia uma mesada semanal que gastava com lanches nas escolas e nas saídas com os amigos. Outras coisas materiais que o jovem quisesse, como roupas, por exemplo, eram compradas em conjunto e negociação com os pais.

Bruna, jovem cuja mãe representava a segunda geração com ensino superior de sua família e o pai, a primeira (Quadro 1), tinha em sua rotina uma dinâmica parecida com a de Paulo: estudava no período da manhã em uma escola “puxada”, em termos de conteúdo, e nas tardes realizava, três vezes por semana, aulas de balé e inglês. Sobravam-lhe duas tardes livres, que utilizava para realizar as tarefas escolares e práticas, como ler, ouvir música e “teclar com os amigos” na internet (Quadro 2).

Em suas palavras:

Ufa, hoje é terça, dia de ficar em casa! (risos) (O que você faz quando fica em casa?) Faço um monte de coisa, depende, fico no computador, vejo TV, ou então, ah, ouvir música, ficar no MSN e no Orkut, gosto de ler também, tem que fazer as coisas da escola, ah, sempre a mesma coisa! (Bruna).

Assim, como nos casos de Paulo e Bruna, os dados mostraram formas de controle e supervisão do uso do tempo dos filhos pelos pais, o que incidia diretamente sobre o conjunto de práticas que formavam a rotina desses e organizava esse conjunto.

Bruna, por exemplo, relatava que, depois de “*ir ao cinema com os amigos*”, o balé era a prática de que mais gostava, tendo sido incentivada pela mãe desde a sua infância. Também Carolina, cuja paixão era a música, recebia de seus pais — a mãe, a segunda geração com ensino superior; e o pai, a primeira (Quadro 1) — incentivo e supervisão para sua prática preferida: as aulas de canto e violão em um conservatório tradicional da cidade. Para Paulo, o *kung fu* era a prática preferida e, confirmando o

direcionamento dos pais na construção de algumas práticas pelos jovens, Paulo também tinha sido incentivado por seus pais desde a infância a praticar diversas modalidades de esportes, tanto através da escola, como em atividades de lazer com a família nos fins de semana.

Entretanto, esses casos ilustram a lógica que operava nas famílias altamente escolarizadas e em ascensão escolar estudadas. O que se constatou sobre essa lógica foi que, mesmo a juventude sendo uma fase que pressupõe uma busca pela autonomia, no caso aqui examinado — a autonomia na construção das práticas juvenis —, essa construção era realizada sob a tutela e a dependência financeira dos pais que, por sua vez, ofereciam a oportunidade aos jovens de um amplo repertório de experiências, através de práticas financiadas e supervisionadas por eles, pais, desde a infância.

Contudo, segundo a literatura (BERGER; LUCKMANN, 1983), é na infância, durante a socialização primária realizada primordialmente dentro do grupo familiar, que se constroem importantes habilidades sociais que posteriormente serão reforçadas, ou não, na socialização secundária, com a participação de outros importantes agentes, como a escola e o grupo de pares, com uma participação mais ativa do jovem.

Por fim, os casos a seguir também ilustram essas formas bastante específicas com as quais se opera a construção de algumas práticas juvenis e experiências de socialização nas camadas médias da sociedade.

1. 2 Bruna e Daniel: jovens de uma família altamente escolarizada

O conceito de *habitus* (BOURDIEU, 1995) está ligado à subjetividade do indivíduo e materializa-se na forma como este lida com o mundo; esse conceito foi fundamental no estudo dos jovens em foco, pois, como veremos a seguir, determinadas práticas e hábitos denotavam seu estilo de vida, assim como o do grupo a que pertenciam.

Bruna com seu corte *Chanel* assimétrico nos cabelos, roupas escuras e *jeans* justo, “de marca”, além de fazer balé, inglês, gostar de fotografia e cinema, também tinha outras práticas, como ler sobre filosofia e meio ambiente. Confessou ser a

ecologia o assunto que lhe despertava maior interesse e que na escola estava organizando com suas amigas um grupo para pensar sobre essa questão.

Eu gosto também de política, acho importante assim, eu acho legal, me interessa. Mas, meio ambiente, eu gosto muito de saber. De saber o que está acontecendo, sabe. Parece uma ideia meio maluca, mas esses dias a gente tava combinando, eu e as minhas amigas, de montar uma ONG só pra discutir sobre ecologia, a primeira atitude seria conscientizar as pessoas, tipo essas velhinhas que ficam lavando a calçada, sabe?

Segundo ela, seu interesse por ecologia surgiu na relação com seus pais, principalmente com a mãe. Esse dado reforça a ideia de que, na esfera familiar, são transmitidos alguns códigos e competências que influenciam as novas gerações na construção de suas práticas e gostos.

Eu gosto de bicho mesmo, de animais, gosto muito sabe, me interessa, leio sobre, a gente discute muito isso aqui em casa; por exemplo: é pior lavar louça com sabão de pedra, eu prefiro mil vezes com detergente, mas minha mãe me explicou o porquê e eu entendi e agora a gente só usa o sabão. (Bruna).

Sua mãe, Teresa, trabalhava como pedagoga em uma ONG ligada a educação há cerca de dez anos e interessava-se por questões ligadas ao meio ambiente, tendo, há um tempo, implementado na casa da família práticas como: separar o lixo reciclável, usar sabão no lugar de detergentes, aproveitar a energia solar e fazer o reaproveitamento da água. Ela representava a segunda geração de sua família a ter ensino superior. Seus pais, avós de Bruna, haviam cursado direito; o avô trabalhava como defensor público e a avó havia se aposentado como funcionária pública do INSS. (Quadro 1).

Jorge, o pai de Bruna, era engenheiro e tinha se aposentado como professor universitário. Durante alguns anos, também ocupara um cargo de confiança na Secretaria de Transportes do Estado de São Paulo (Quadro 1).

Bruna percebia sua relação com seus pais como aberta ao diálogo, porém, segundo ela, o assunto namoro era o único sobre o qual não conversava com eles, reservando-o apenas para seu grupo de amigas.

Pra minha mãe, eu conto tudo. Tem até coisa que eu não quero contar, mas eu acabo contando. Agora, com o meu pai eu converso bastante, mas não é sobre as mesmas coisas, eu converso com meu pai mais sobre livros que eu to lendo, política, meio ambiente, tal. E ele pergunta bastante também. Com a minha mãe, mais sobre o dia a dia, as minhas amizades, tal. Mas, eu também falo com ela sobre meio ambiente, política, livro que eu to lendo, mas com meu pai mais. Ah, eu acho que, menino, sobre menino eu não falo, eu acho que só...(risos).

Na escola, Bruna tirava notas altas e considerava-se uma boa aluna. Relatava ser bastante crítica e temia que isso lhe gerasse problemas, como já havia vivido com uma professora na escola em que estudava anteriormente. Seu relato oferece evidências de seu comportamento crítico:

Eu gosto da minha escola. Tenho professores bem legais. Alguns são meio chatos. Tenho bastante amigos lá e a diretora é legal. A maioria dos professores, eu gosto, sei lá, a maioria deles são legais e todos são muito bons, eu acho. E tem os chatos. Tem uma que é meio mole. Não dá aula direito. Ela deixa a aula inteira na maior zona. É a professora de Geografia, ela não dá aula de geografia, fica falando sobre a vida dela. E é muito chato isso. Aí, eu não aprendi quase nada, fui mal em geografia, porque não consigo prestar atenção na aula dela. Porque é chato e quando não tá chato, ela fica falando da vida dela!

Bruna também se interessava por música (*rock* internacional britânico e MPB) e relatava que havia conhecido a maioria dos *sons* de que gostava por meio de seus amigos da escola e de seu irmão mais velho que, por interesse e incentivo dos pais, estudava música há alguns anos.

Eu gosto mesmo de rock, mas ouço um pouco de tudo. Gosto muito de: Beatles, Millencolin, Offspring, Arctic Monkeys, Moveis Coloniais de Acaju, Blink 182, Amy Winehouse, Chico Buarque, Red Hot Chilli Peppers, Nirvana, Ramones [...] é mais ou menos isso que eu ouço.

O incentivo dos pais também determinou seu interesse pela leitura: além de disporem de muitos livros em casa, pois os pais também tinham o hábito da leitura, conversavam com frequência sobre livros; faziam indicações de leitura; e dispunham-se a comprar novos títulos. Bruna costumava ler à noite, até chegar o sono e após o uso da internet.

Sobre o último livro que leu, Bruna relatou:

Um livro que eu li esse ano e que eu mais gostei foi O dia do coringa. É um livro de filosofia, muito legal, mas que é meio confuso. Ele fala um pouco sobre a história da filosofia, mas de um jeito melhor, mais simples, fala algumas coisas tipo principalmente: Como um cara vê o mundo, sabe? É a história de um menino que está fazendo uma viagem com o pai e ele acha um livrinho, aí ele desvenda o livro. Ah, e é meio confuso mesmo, uma viagem, mas é muito legal. Têm umas frases, uns trechos do livro que são muito, muito legais.

No entanto, o que se observou, nesse caso e no de outros jovens filhos de pais altamente escolarizados, foi que esses jovens tinham um acesso amplo à mídia escrita através de materiais impressos (livros, revistas e jornais) e digitalizados (textos em *blogs*, *twitters* e outros da internet). Relacionado a isso, o hábito da leitura era cultivado no meio familiar pelos pais desses jovens, sendo esse um dado comum entre os pesquisados.

Na família de Bruna, a leitura geralmente ocupava parte do período noturno, que também se destinava ao uso da internet e à prática de assistir televisão, embora por um curto tempo. Em relação a programas de televisão e filmes, Bruna gostava de seriados americanos, documentários, animações, ficções, dramas e outras programações da TV a cabo, porém os canais abertos da TV nacional ela assistia com menor frequência — apenas quando havia alguma programação diferenciada que lhe despertava o interesse, como séries e filmes. Em suas palavras:

Eu gosto muito de comédia, mas os melhores filmes que eu vi ultimamente foram: O estranho caso de Benjamin Button, A viagem de Chirino, As bicicletas de Belleville e Quem quer ser um milionário?, é o que eu lembro agora. [...] Não gosto muito de televisão, mas quando eu assisto normalmente eu vejo: The big bang theory, Two and a half man, Friends e alguns desenhos tipo, Bob esponja e Padrinhos mágicos pra distrair também (risos).

Entretanto, considerando a prática “assistir televisão” como uma importante experiência de socialização, nos casos de jovens como Bruna, dois aspectos devem ser ressaltados: esses jovens tinham um acesso maior a uma rede de canais fechados da TV a cabo e assistiam, principalmente, a programas e seriados internacionais; empregavam menos tempo com essa prática e dispensavam um tempo maior para “navegar” na internet.

Nos fins de semana, Bruna saía com os pais para ir a restaurantes e também realizava outros programas, como ir ao teatro e fazer pequenas viagens. Com suas amigas, costumava ir ao *shopping* Iguatemi, localizado em uma área central da cidade, especialmente para ir ao cinema e paquerar. Também frequentava festas na casa das amigas e eventos promovidos pela escola. Para Bruna, suas amigas da escola tinham um papel importante na construção de suas práticas e identificava várias afinidades entre elas:

Às vezes não tem nenhum filme bom passando, aí a gente fica dando voltas, paquera, tira fotos. (risos) Mas, geralmente tem algum filme passando que todas querem ver, aí a gente combina de se encontrar num café que sempre vamos, da Livraria Cultura, sabe, e vai.

A jovem e suas amigas também gostavam de ir a *shows* de bandas de *rock* e MPB, programas que realizavam com pouca frequência, pois os pais não autorizavam a ida a todos os *shows*. O último a que foram, foi o de uma banda de *rock* internacional, em São Paulo, com a condição de que um dos pais as acompanhasse durante o evento.

A organização da rotina de Bruna e seu irmão, assim como de seus amigos sinalizava e determinava sua grande dependência financeira de suas famílias: recebiam dos pais uma quantia de dinheiro por semana, que usavam para sair com os amigos, comprar roupas, CDs e “*comer na rua*”. O irmão mais velho de Bruna, além disso, após ter iniciado a faculdade em outro município, também contava com a ajuda dos pais para o pagamento do aluguel e os gastos com outras contas como: água, luz e supermercado.

Pesquisadora: *Bruna, como você faz quando precisa de dinheiro?*

Bruna: *Eu ganho mesada, quarenta reais por semana, aí eu compro tudo pra mim praticamente. Aí tem algumas coisas que meus pais me dão, tipo o meu computador, por exemplo. Mas, o resto, eu que compro pra mim.*

Entretanto, assim como em outros casos de famílias com características similares, nessa família observaram-se direcionamento e supervisão das práticas dos jovens pelos pais e o peso dos capitais familiares (cultural, social e econômico) nesse processo.

A forma como esses pais controlavam e organizavam o tempo dos filhos era um exemplo dessa lógica. Bruna, por exemplo, além de ter uma rotina tomada pelas atividades escolares e extraescolares, no período em que ficava em sua casa, também tinha horários definidos para a realização de algumas tarefas, como cuidar do cachorro da família e fazer os trabalhos escolares. O tempo que a jovem ficava na internet também era monitorado por sua mãe, e Bruna só realizava essa e outras práticas como “*falar com suas amigas ao telefone*” após ter terminado suas obrigações.

Daniel, irmão mais velho de Bruna, com seu cabelo comprido cheio de *drads*, *jeans* surrado e camisetas de bandas de *rock* ou estilo *hippie*, também tinha, antes de entrar na faculdade de História da Unesp, uma rotina repleta de práticas de estudo supervisionadas pelos pais, dividindo seu tempo entre o cursinho pré-vestibular, aulas de violão e de inglês.

Esses dados, sobretudo, são reveladores da lógica de educação desses grupos familiares em posição social mais elevada, definida por Lareau (2007) como “cultivo orquestrado”, e da falta de tempo “livre” questionada por todos os jovens pesquisados desse grupo.

Nos fins de semana, Daniel costumava ir com seus amigos (da escola e do cursinho) a um bar com *shows* de bandas de *rock* ao vivo (com *couvert* artístico) e a outro, onde jogavam sinuca, conversavam e bebiam cerveja. Em outros momentos de lazer, também se dedicava à música. Daniel tocava violão há cerca de cinco anos e seus gêneros musicais preferidos, assim como os da irmã, eram MPB (Móveis coloniais de Acaju) e *rock* internacional britânico (Beatles).

Os pais de Daniel e Bruna eram casados há cerca de vinte dois anos e haviam migrado de outros estados do País para São Paulo, com o objetivo de cursar a universidade nos anos 80; aqui permaneceram e construíram suas trajetórias profissionais. Diferentemente de Teresa, Jorge representava a primeira geração da família a ter cursado uma faculdade (engenharia, Unicamp), tendo, assim, ultrapassado seus pais em relação ao nível de escolaridade (Quadro 1).

Um dilema apontado por Teresa na educação dos filhos, por exemplo, era a forma como ela e o marido incentivavam e supervisionavam o uso do tempo pelos filhos e como os jovens gastavam parte significativa deste na frente do computador. O uso da internet foi o principal desafio relatado por essa família.

O único computador da família era bastante disputado pelos jovens que ficavam, diariamente, cerca de três a quatro horas pesquisando, baixando arquivos de vídeo e música e teclando com os amigos da escola em *sites* de relacionamento, como MSN, Facebook, Twitter e Orkut. Diante disso, o pai decidiu comprar um computador para cada filho, acreditando ser esse um investimento importante, não apenas para o entretenimento, mas principalmente, para sua educação.

Segundo a mãe, com o objetivo de convencer a família sobre a importância desse investimento, o pai argumentava: *“Hoje em dia não se faz mais nada sem computador, e o Daniel está em época de vestibular! A Bruna, por ser mais nova, acaba sempre perdendo a vez e ela também precisa pra escola [...]”*.

Teresa questionava se não era exagero cada filho ter um computador e remetia-se a sua própria experiência com essa prática, para avaliar as negociações que fazia com os filhos, como mostra seu relato:

Acho importantíssimo! Mas perigoso também, tem que dar um limite. Esses dias mesmo cheguei do trabalho, jantei e entrei na internet. Perdi a noção da hora e o sono também...acabei conseguindo dormir bem tarde. Tem que ter cuidado, é hábito, entende? Não acho que dá pra ser toda noite. Então eu faço assim, durante o dia a Bruna pode ficar no computador o tempo que quiser, desde que não deixe de fazer suas outras coisas da escola. Mas, à noite, eu tenho que ficar em cima, deu nove, dez horas ela desliga, nem preciso falar mais... (Teresa, 51 anos).

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que o uso da internet pelos jovens, prática mais difundida entre os pesquisados, foi apresentado como um dos desafios enfrentados pela maioria dos pais na socialização de seus filhos. No entanto, pais, como os de Bruna e Daniel, com trabalhos intelectuais (Quadro 1), que também tinham em seu cotidiano como hábito o uso da internet, demonstraram maior habilidade para lidar com essa questão na relação com os filhos do que pais que não tinham essa

prática, como os pais das camadas populares, que realizavam trabalhos braçais (construção civil, agricultura e serviços domésticos). Essa lógica também apareceu entre os pais de outros jovens estudados: Sílvia (assistente social, mãe de Vinícius), Daniela (psicóloga, mãe de Bianca), Gabriela (jornalista, mãe de Paulo) e Cristina (artista plástica, mãe de Carolina). Dessa forma, dados como esses demonstram o efeito das experiências dos pais e da posição social na construção de algumas experiências de socialização vividas pelos jovens.

Para atender à necessidade dessas experiências, os pais enfrentavam outro desafio: a seleção dos amigos dos jovens. Teresa costumava permitir festas e encontros em sua casa, pois considerava importante conhecer o grupo de amigos dos filhos. Procurava também conhecer os pais desses amigos e relatava não proibir Bruna e Daniel de ter certas amizades. No entanto, conversava com os jovens quando tinha alguma questão que considerava importante sobre algum amigo, como no caso de uma amiga de Bruna que, segundo Teresa, a mãe “abandonou” em sua casa.

Em suas palavras:

Acredita que a menina ficou vários dias aqui em casa e a mãe nem ligou, sei lá, acho diferente, estranho, porque eu jamais ia deixar a Bruna na casa dos outros tanto tempo! Muito menos sem dar um telefonema, ou falar com a mãe da amiga. O que eu sei é que a mãe faz mestrado e o pai é artesão, acho que é isso, fiquei até com pena da menina, porque parecia que estava largada [...]. (Teresa, pedagoga, 51 anos).

Esses dados, sobretudo, dão evidências de que esses pais, socializados em faculdades de alta reputação, inclinam-se a ser, por um lado, mais identificados com algumas experiências dos filhos (tempo prolongado de estudos e dependência financeira) e, por isso, em alguns aspectos, mais liberais; por outro, mais controladores e exigentes em termos de amizades, organização do tempo e práticas de estudos.

Contudo, essa lógica também operava em outras famílias com características similares, como na família de Bianca, amiga próxima de Bruna. Essas duas jovens participavam de espaços de socializações comuns e estudavam na mesma escola.

A mãe de Bianca, psicóloga, percebia que a sua juventude e a educação recebida dos pais (avós de Bianca) tinham vários elos com a de sua filha. Isso ocorria apesar de essa mãe fazer uma reflexão crítica sobre a educação recebida dos avós de Bianca, num exercício de não reproduzir o que não considerava “bom” nessa educação.

Meus pais eram arquitetos, intelectuais e viveram uma parte da juventude nos anos 60. Eu engravidei da Bianca na faculdade ainda. Acho que no fundo eles foram muito liberais comigo, não sei se foi minha época que era diferente, mas eu comecei a sair muito cedo, fiz tudo muito cedo, namoro, viagens, essas coisas. Com a Bianca eu tento fazer um pouco diferente, primeiro porque hoje tudo é mais perigoso e porque acho que tem que ter um equilíbrio, nem muito liberal e nem muito rígida. O que eu sei é que não quero que ela viva algumas coisas que eu vivi, acho que é por isso. (Daniela, 36 anos).

No entanto, conforme mostra a trajetória social dessas famílias estudadas, fatos históricos como a revolução do papel da mulher⁸, a revolução da juventude dos anos 60⁹, as mudanças no mundo do trabalho, entre outros marcos importantes, fizeram parte da juventude da maioria dos familiares pesquisados, revelando algumas experiências de socialização diferentes das de seus filhos jovens. Apesar disso, o que se observou foi que, em relação a tempo de estudos e moradia com os pais, essa diferença apareceu de forma mais amena entre as gerações de famílias estudadas na pesquisa que ocupavam uma posição social mais elevada.

Assim como para a mãe da jovem Bianca, nas palavras de Teresa, mãe de Bruna e Daniel, essa familiaridade com as experiências vivenciadas pelos filhos e

⁸ A revolução do papel da mulher, na metade do século XX, foi certamente uma revolução social importante que também repercute na formação das novas gerações. Os direitos da mulher, sua inclusão no mercado de trabalho, novos padrões de sexualidade e a repercussão disso no grupo em que ela tem um papel central: a família. As transformações na organização e na dinâmica da família são intensas e aceleradas e surgem novos desenhos familiares, novos padrões de relação de gênero e entre as gerações, a redefinição das funções parentais, sendo essas funções divididas com outras agências: a escola, os espaços comunitários, os especialistas, entre outros (TEIXEIRA, 2002).

⁹ Outro marco importante na vida de alguns dos pais dos jovens entrevistados foi a revolução da juventude na década de 60 do século XX, com seus questionamentos sobre todas as instituições, inclusive sobre a escola autoritária e os propósitos de um outro modo de viver, fazer amor, fazer política e seus desdobramentos. Muitas das causas atuais surgiram nesse contexto, como: a ecologia, o direito das minorias, a ética na política, a tolerância com a diferença, a irreverência, o amor livre, a crítica à massificação, à manipulação dos meios de comunicação de massa (TEIXEIRA, 2002).

também a diferença entre o que vivem seus filhos e sua própria vivência ficam evidentes:

Caramba, me lembro de quando eu entrei no vestibular e vi pela primeira vez um computador! Ele era do tamanho de uma sala, acredita! Tinha que fazer uns furinhos, você não vai saber, não é da sua época também (sorri). Eu brinco com a Bruna, falo que eu sou da geração analógica e eles da geração digital (risos). E hoje, você vê, tem três computadores em casa, um pra cada um, eu acho um absurdo. Briguei muito com o pai deles por causa disso, mas ele fala que não tem jeito, que hoje é imprescindível. Mas eu é que tenho que lutar para que o Daniel não vire a noite com os amigos na internet e consiga acordar pra aula no dia seguinte!

Nessa perspectiva, é importante considerar que, assim como Bruna, Bianca e Daniel, os outros jovens pesquisados de famílias altamente escolarizadas referiam-se à experiência de cursar uma faculdade de forma “naturalizada” ou como um destino previsível e inescapável. Bianca pensava em cursar a faculdade de medicina e especializar-se em pediatria, mas também se interessava por arquitetura, curso realizado por seus avós maternos - dado revelador da influência das experiências de socialização das gerações ascendentes em certas escolhas feitas pelos jovens.

*Tipo assim, o que eu mais gosto é de tocar...eu já penso na faculdade, acho que vou fazer música, não sei, até lá eu **tenho** que decidir.* (Carolina, 15 anos).

*Eu vou prestar agora, Química, vamos ver. Queria na Unicamp. Se não der, **tenho** que tentar de novo...* (Vinícius, 17 anos, jovem que entrou em Química na Unicamp no final da pesquisa).

Entretanto, nessa lógica, ao contrário das famílias menos escolarizadas aqui estudadas, pode-se constatar que, nessas famílias altamente escolarizadas, práticas ligadas ao estudo apareceram como altamente valorizadas e eram incentivadas, direcionadas e supervisionadas na vida dos jovens, através de leituras conjuntas, do uso do computador no meio familiar, dos cursos de idiomas, música, dança, dos cursos preparatórios para o vestibular, entre outros. Assim, como veremos no decorrer da análise, essas variações também se davam nesses grupos familiares através de uma seleção criteriosa das escolas e de outros espaços sociais nos quais os jovens faziam amigos e implementavam suas principais práticas.

1.3 Rodrigo e Vinícius: trajetórias em ascensão

Em oposição à lógica operante nas famílias estudadas com alto capital cultural, na família de Rodrigo, composta por pais com menor nível de escolaridade (Quadro 1) e recente histórico de ascensão econômica, foram encontrados relatos como:

Ele sabe que, quando ele completar dezoito anos, ele deve começar a procurar o canto dele. Eu falo pra ele: “Junta seu dinheiro, faz uma poupança”. Porque o irmão dele não fez nada disso e tá aqui até hoje, com trinta anos nas costas, morando com a gente. Ou, eu falo: “Segue carreira no exército, que eles dão tudo lá, moradia, salário, mas isso ele não quer [...]”. (Edmundo, pai de Rodrigo, 17 anos).

A família de Rodrigo (17 anos), há vinte anos, mudou-se de Pernambuco para a região, em busca de melhores condições de vida. Nessa trajetória, um elemento importante foi o histórico de mobilidade geográfica e social, pois a família, nos últimos anos, ascendeu economicamente e continua em processo de ascensão escolar: Rodrigo já está ultrapassando seus pais, em relação ao tempo de escolarização (Quadro 1).

Edmundo (primeiro sargento aposentado), único membro entre seus ascendentes que completou o ensino médio (Quadro 1), ascendeu socialmente através de sua carreira militar. Já em sua juventude, ingressou na carreira e, quando teve oportunidade, solicitou sua transferência para o estado de São Paulo, onde acreditava ter mais oportunidades de trabalho para o restante da família. Essa mudança e a estabilidade na carreira possibilitaram à família o acúmulo de bens materiais: renda estável de dois salários mínimos *per capita*, casa própria em um bairro tradicional da cidade com boa infraestrutura (Vila Santa Teresa) e recente aquisição de um carro novo.

Sua esposa, Marli, completou o ensino fundamental e iniciou a profissão de costureira no novo bairro, trabalhando de forma autônoma em sua própria residência. No entanto, apesar de os quatro filhos jovens da família estarem ultrapassando seus pais em tempo de estudos, nenhum cursou faculdade, e todos iniciaram suas experiências de trabalho entre quatorze e quinze anos de idade.

Rodrigo, o caçula, nunca realizou nenhuma prática de estudo extraescolar direcionada pelos pais e começou a estagiar com dezesseis anos em uma empresa, como auxiliar administrativo, tendo como maiores aspirações um contrato nessa empresa e a compra de uma moto. *“Meu pai fala que com a minha idade já tava pensando na casa que ia comprar pra casar com a minha mãe, ele vive me falando isso. Eu ainda nem consegui tirar minha carta pra financiar minha moto, mas essa é a minha meta.”* (Rodrigo, 17 anos).

Nos horários em que Rodrigo não estava na empresa ou na escola, seu tempo era preenchido com práticas não supervisionadas, com o objetivo de *“passar o tempo”*: preferia ler sua coleção de gibis, escutar música (*rock pop* nacional), ficar na internet teclando com os amigos e assistir televisão. Nos fins de semana, gostava de andar de moto com seu melhor amigo e ir a um bar próximo de sua escola, chamado *“Bate Ponto”*. Algumas vezes, também ia ao *shopping* Dom Pedro, para comprar roupas.

No entanto, diferentemente dos outros jovens estudados, com situação econômica familiar similar, Rodrigo era menos dependente financeiramente de seus pais e todos os gastos que tinha nas saídas com os amigos e na compra de roupas eram realizados com seu salário. Raras vezes, quando este não era suficiente no mês, seu pai lhe emprestava algum dinheiro.

Em relação à escola, Rodrigo relatava não gostar de estudar, principalmente de ler, e considerava-se um aluno médio.

Gosto de ler gibi, agora nem tanto mais, livro nem pensar (risos), não teve nenhum que li até o final! Prefiro ficar ouvindo música no computador, só que só à noite, porque trabalho e estudo, aí chego umas dez e meia da noite, e pra passar o tempo até o sono chegar, né, fico fazendo isso também. Gosto de assistir televisão também, quando tem alguma coisa legal passando, tipo filme ou algum programa que eu esteja acompanhando, tipo BBB, A grande família, eu gosto também. (Rodrigo, 17 anos).

No entanto, o que se observou na socialização desse jovem foi uma seleção escolar diferente das estudadas anteriormente. Seus pais matricularam Rodrigo desde a infância em escolas públicas que consideravam boas, por terem menos greves e

violência (brigas, drogas, etc.) e ele estava concluindo o ensino médio em uma delas, localizada fora do bairro, em uma área central da cidade.

Contudo, o estudo do caso de Rodrigo, em comparação com outros, apontou para as primeiras hipóteses desta pesquisa. Sua família e a de Vinícius, por exemplo, tinham situação econômica similar, com uma renda *per capita* de dois salários mínimos, em média, em seus orçamentos mensais (Quadro 1). Apesar disso, esses dois jovens, ambos com 17 anos, cursando o último ano do ensino médio, apresentavam, em suas rotinas diárias, práticas significativamente diferentes (Quadro 2). Essas duas famílias circulavam por redes sociais específicas e apresentavam aspirações opostas para seus filhos, o que se concretizava, por exemplo, na seleção das escolas em que estudavam: Vinícius, diferentemente de Rodrigo, após completar o ensino fundamental em uma escola particular considerada de alto padrão na cidade, onde tinha uma bolsa parcial de estudos, ingressou em uma escola técnica pública altamente concorrida em termos de vagas. Para ele, projetava-se o ingresso em uma universidade pública de qualidade, o que se efetivou no final da pesquisa; e para Rodrigo, a carreira militar ou um emprego estável.

Nas famílias desses dois jovens, não apenas a situação econômica era similar, mas também o recente histórico de ascensão: ambas adquiriram casa própria e estabilidade financeira após o casamento dos pais, porém a geração ascendente vivia em condições precárias, marcadas pela instabilidade financeira (Quadro 1). No caso de Vinícius, no entanto, houve na família uma ascensão escolar, pois sua mãe conseguiu cursar a faculdade de serviço social e seu pai, a faculdade de administração, com uma bolsa de estudos obtida através de seu trabalho na secretaria de uma universidade particular. Já no caso de Rodrigo, como visto, a ascensão deu-se pela carreira militar do pai, tendo sido o trabalho a principal experiência socializadora de seus pais, e não os estudos.

Nessa lógica, Vinícius, que tinha como uma de suas práticas diárias acompanhar notícias ligadas a política e atualidades com sua mãe (Assistente Social e conselheira municipal da criança e do adolescente), através de leituras não escolares de jornais ou na internet, demonstrava interesse em cursar uma universidade pública, como a USP

ou a Unicamp¹⁰ e, além disso, tinha mais chances de conseguir seu ingresso, considerando os conteúdos tidos como importantes nos vestibulares dessas universidades. Já Rodrigo passava cerca de dez horas diárias na empresa onde trabalhava e desejava construir uma carreira para conquistar sua independência financeira e sair da casa de seus pais.

No entanto, para fins de análise, o que importou no estudo dessas variações de práticas entre os jovens em foco foi a constatação de que o capital econômico familiar não define os tipos de investimentos simbólicos feitos pelos pais, como, por exemplo, o direcionamento de algumas práticas: realizar um estágio, gostar de ler ou estudar para o vestibular. Em contraposição, outras importantes variáveis definidoras da posição social, como o nível de escolaridade e as experiências de socialização dos pais na juventude, apareceram com peso significativo na definição desses direcionamentos dos jovens estudados, em relação, principalmente, a práticas de estudo, trabalho e lazer.

Nesse sentido, o caso de Vinícius, assim como os de Bruna, Daniel, Carolina, Bianca e Paulo, também ilustra a lógica do direcionamento dos pais em relação à construção de determinadas práticas pelos filhos, sendo, como os dados mostraram, o nível de escolaridade desses pais a variável comum às famílias desses seis jovens. Outra questão relevante foi o fato de as práticas vivenciadas por esses jovens — a realização dos cursos de línguas estrangeiras, as leituras sobre atualidades e a literatura, que compõem o conteúdo dos exames para ingresso em importantes universidades brasileiras, e o acesso a certos tipos de objetos, como filmes, a internet banda larga e a outras mídias — estarem mais próximas da cultura “legítima” ou dominante em nossa sociedade.

Nessa lógica, Vinícius fazia natação e inglês, além de cursar o técnico em Química e fazer o cursinho pré-vestibular, no qual tinha uma bolsa integral. Esse jovem desde a infância também acompanhava sua mãe em atividades de militância política e atualmente relatava que uma de suas práticas preferidas era a participação em espaços de discussões políticas, como o Conselho Nacional da Criança e do Adolescente

¹⁰ Após terem terminado as rodadas de entrevistas, um e-mail da Sra. Sílvia relatava, com muito entusiasmo, que Vinícius havia sido aprovado em nono lugar no vestibular da faculdade de Química da Unicamp.

(Condeca), no qual participava de reuniões quinzenais havia cerca de dois anos, tendo recentemente participado como delegado em uma conferência que discutia questões ligadas aos direitos da criança e do adolescente¹¹. Vinícius também tinha como prática assistir periodicamente à orquestra sinfônica, hábito que relata também ter construído na relação com sua família e alguns amigos da escola. Ao mesmo tempo, gostava de ouvir “rock pesado” (Metálica), influenciado por seus amigos do técnico, e bossa nova, por influência de sua namorada, Rafaela, que relatava:

Ultimamente meu estilo favorito é o samba e bossa nova, não pagode, samba! Além de outras músicas da MPB. Neste caso, a influência é da minha família por parte de pai, que tem origens na cidade do Rio de Janeiro. Gosto também de rock dos antigos até os atuais. Essa influência está ligada a uma fase mais rebelde minha no período do ensino fundamental, mas que deixou como herança esse gosto por rock. (Rafaela, 18 anos).

Outra jovem, também do grupo de amigos de Vinícius e Rafaela, relata suas preferências musicais:

Pesquisadora: Você falou que gosta muito de ouvir música. Que tipo de som você gosta de ouvir?

Helena: Música erudita faz parte do meu cotidiano, já que toco violino. Mas não é o tipo de música que mais gosto. Gosto também de pop e rock. A MPB conheci com meu pai e é o que mais ouço no rádio. Também acho que gosto de rock por causa do meu pai, mas principalmente dos meus amigos. (Helena, 17 anos).

Sobre os filmes que gostava de assistir, Rafaela, namorada de Vinícius, relatava criticamente:

Gosto de quase todo tipo de filme, mas tento me aprofundar mais na arte do cinema, assistindo filmes mais alternativos, de outras nacionalidades (argentino, espanhol, alemão). Cada vez menos suporto assistir filmes tipo “besteirol americano”, como o atual Super heróis. Não gosto muito de terror e suspense, porque não gosto de levar sustos, e adoro um romance, uma comédia pra aliviar o dia.

¹¹ Nessa conferência, foi possível observar que Vinícius era o único jovem “classe média” que dela participou: os demais jovens eram oriundos do grupo popular e pertencentes a ONGs e a movimentos sociais. Essa foi a terceira conferência da criança e do adolescente, da qual Vinícius participou e na qual foi indicado pelos outros jovens para ser delegado.

Vinícius tinha um gosto parecido para filmes e, quanto à televisão, relatava que algumas vezes, para fazer companhia a sua mãe, assistia a novelas nacionais no período noturno. Também gostava de cozinhar junto com seu pai. Considerava que esses eram momentos de lazer que cultivavam para poderem aproveitar o pouco tempo que tinham para ficar juntos, já que a rotina da família era bastante dinâmica e todos passavam a maior parte do dia fora de casa.

O jovem também tinha em sua rotina a prática de ler textos não escolares, como revistas (*Super Interessante* e publicações científicas), textos impressos e pela internet e livros diversos (espíritos e de ficção).

No caso de Rafaela, a própria jovem realizava uma autorreflexão sobre suas práticas e também relacionava essas práticas e seus gostos com a trajetória social de sua família: os pais haviam migrado do Rio de Janeiro para cursar a faculdade no interior de São Paulo.

Essa relação entre práticas e família aparece claramente em seu relato abaixo:

Acho que tenho uma educação diferenciada comparada a muitos amigos meus, há uma preocupação muito grande em relação à personalidade e independência pessoal. Por minha mãe e meu padrasto serem professores (padrasto - professor aposentado da Unicamp), há uma ênfase em vários tipos de conhecimento, desde o “clássico” até o “contemporâneo”. Há também uma tendência a “mente aberta”, já que minha família não é muito tradicional. Moro com minha mãe e meu padrasto, um irmão, filho dos dois, e morei muito tempo também com um filho que é só do meu padrasto, são três no total. (Rafaela, 18 anos, camada média altamente escolarizada).

Outro dado importante, no caso desses jovens, foi o fato de eles associarem suas práticas em relação à música à influência tanto da família como de seus amigos e de apresentarem variações interessantes, como no caso de Helena, que relatava gostar de música desde erudita até *pop*.

Um exemplo da influência dos pais na construção de algumas práticas de Vinícius, por exemplo, é o fato de os pais acompanharem o jovem em eventos, *shows*, peças de teatro, entre outros, como uma “Virada cultural” que ocorreu na cidade:

promovida pelo Ministério da Cultura, ofereceu uma programação ampla de apresentações artísticas gratuitas, que aconteceram simultaneamente em diversos pontos da cidade. Daniel, Vinícius, Helena e Rafaela participaram da programação, porém nenhum jovem estudado das camadas populares compareceu.

Nas palavras da mãe de Vinícius:

Pesquisadora: Como vocês negociam as "coisas", saídas, horários, amizades?

Silvia: De forma muito tranquila, porque ele é muito tranquilo e vai a lugares que a gente conhece também. Sempre vamos buscar e poucas vezes discordamos dos horários e lugares, porque sabemos quem vai estar junto. Muitas vezes estivemos juntos também, como por exemplo, na "Virada cultural" que teve no mês passado, e naquele evento que chama "democratização do teatro popular", acho que é isso, tem todo ano no Centro de Convivência e vamos também.

Outro exemplo dessa influência dos pais em várias dimensões na vida de alguns jovens é o caso de Carolina, que será exposto a seguir.

1.4 Carolina: uma jovem de família materna altamente escolarizada e a paterna em ascensão social

Os pais de Carolina, Cristina (artista plástica) e Bruno (professor universitário de filosofia), matricularam a jovem em um conservatório de música particular tradicional na cidade e em cursos de línguas estrangeiras (francês e inglês), quando Carolina ainda era criança e sonhava em ser musicista.

Sua mãe, em sua infância e juventude, também realizou cursos de artes e línguas, pois a avó de Carolina era professora primária da Escola Waldorf, onde ela tinha uma bolsa integral. Essa escola, onde Cristina estudou até seus dezessete anos de idade, seguia uma metodologia não tradicional, com currículo composto principalmente por atividades lúdicas e ligadas a artes plásticas, música, dança, etc. A escola fazia parte de uma rede mundial de instituições de ensino e seu corpo docente, do qual a avó materna de Carolina fazia parte, tinha, além da formação regular, uma

formação na pedagogia que denominam de Waldorf¹². Já o pai de Cristina, avô de Carolina, era advogado e trabalhava como profissional liberal.

O pai de Carolina era negro e passou sua infância em um meio popular e religioso, tendo sido a primeira geração da família a ter ensino superior. Seu avô paterno era pastor em uma igreja batista e a avó, dona de casa (Quadro 1).

Apesar dessas trajetórias sociais distintas — Cristina, a mãe, representava a segunda geração a ter ensino superior, enquanto Bruno, o pai, a primeira —, esses pais “orquestraram” (LAREAU, 2007) a educação de Carolina, como fica evidente em seus relatos:

Carolina não teve muita escolha, não! (risos) Ela cresceu ouvindo Noel Rosa, Chico Buarque, coitada! (risos). Tem muita coisa que é dela, lógico, mas não dá pra negar que ela cresceu comigo e o pai dela discutindo filosofia, frequentando as bibliotecas da USP, porque, quando tive ela, ainda estava na faculdade. Foi uma barra, parei o curso, depois comecei artes plásticas e também acompanhei muito as andanças do Bruno. Por exemplo, uma viagem para a França que fizemos, o Bruno teve bolsa sanduíche, e fomos os três. Pra formação da Carolina, eu acho que foi muito bom, ela tinha cinco anos, e começou a se alfabetizar lá. Quando morávamos em São Paulo, estudou no Liceu Francês e até hoje faz curso de francês, e o melhor é que não foi por imposição minha e do pai dela, ela gosta e quis continuar estudando quando mudamos pra Campinas. (Cristina, 37 anos).

Esses pais conheceram-se na universidade, e Carolina nasceu quando os pais ainda cursavam a graduação em filosofia na Universidade de São Paulo. Nesse contexto, a universidade, as viagens para o exterior e as práticas ligadas a música, apareceram como experiências de socialização dos pais, que se identificavam com as experiências atuais e projetadas para a filha.

A rotina de Carolina era repleta de práticas supervisionadas, como horários para estudar, usar a internet e ensaiar violão. Estudava no período matutino em uma escola

¹² A pedagogia Waldorf tem como objetivo desenvolver a clareza do raciocínio, o equilíbrio emocional e a iniciativa de ação nas crianças e nos jovens, tendo como principal concepção a de que a vivência deve preceder a teoria e o conteúdo ensinado deve ser ajustado ao momento do aluno. Foi criada pelo filósofo Rudolf Steiner, em 1919, e aplicada inicialmente numa escola para os filhos dos operários da fábrica de cigarros Waldorf, em Stuttgart, Alemanha.

religiosa particular tradicional da cidade, realizava o curso de canto e violão em um conservatório três vezes por semana, uma vez por semana praticava futebol de salão na escola com seu grupo de amigas, fazia um curso de francês na Aliança Francesa da cidade e também realizava sessões de psicoterapia. Assim como os outros jovens pesquisados, filhos de pais altamente escolarizados, Carolina, com uma rotina acelerada, tinha pouco tempo livre. A jovem, na única tarde “livre” que tinha para ficar em sua casa, aproveitava para colocar as lições da escola em dia e realizar outras práticas de que gostava:

Às vezes fico vendo filme, ouvindo música, fico no computador, leio, daí vai muito da hora, basicamente isso. Ah, tipo, e eu gosto também de ficar falando no telefone com uma amiga, a gente fica um tempão conversando, se deixar todo dia! (risos) Minha mãe não gosta muito, mas não dá pra ficar a tarde inteira em casa só estudando, né?

Carolina relatava sobre suas práticas de leitura não escolares, também incentivadas por seus pais:

Pesquisadora: Você falou que lê. O que você gosta de ler?
Carolina: Ah, vai de época. Gosto de estórias de fantasia essas coisas, tipo Harry Porter. Porque já tem que ler os livros pra escola, que são mais literatura mesmo, aí gosto de ler outras coisas também. Li o Crepúsculo também, o um e o dois! Esse todo mundo leu também, né? Hum, deixa eu pensar. Ah, num sei, teve uma série de livros de ficção, que foi aí que eu comecei a gostar de ler, tipo gostei de um (livro que ganhou de presente de seus pais): O mundo de Sophia, mas não sei se foram os que eu mais gostei, mas foram os que mais marcaram assim, foi aí que eu descobri mais a leitura. (Carolina, 15 anos).

Uma das evidências de que as leituras de Carolina eram incentivadas por seus pais é o fato de a maioria dos livros a que tinha acesso, tanto os exigidos pela escola, como os que ela citou acima, serem comprados pelos pais, a pedido da jovem ou como presentes. Na casa da família também existiam muitos livros: na sala principal havia uma grande estante, repleta deles.

O ambiente doméstico que abrigava sessões de leitura, nos fins de semana, era substituído por espaços externos: Carolina encontrava-se com os amigos da escola no *shopping* Iguatemi, onde “pegava” um cinema, caminhava para ver vitrines e paquerava. Também ia a *shows* e festas noturnas realizadas em um clube localizado na

área central da cidade, ao qual pertenciam a família e algumas amigas da escola. Cristina demonstrava preocupações com o uso de bebida alcoólica e cigarro pela filha, principalmente nessas festas, e relatava que tentava conversar abertamente com a filha sobre o assunto.

Entretanto, uma das hipóteses exploradas no estudo de casos como os de Carolina foi que a posição social e as experiências de socialização que os pais tiveram na juventude tinham um efeito sobre as estratégias que estes utilizavam na socialização de seus filhos jovens e, conseqüentemente, nas práticas que estes realizavam.

Por fim, reforçando a hipótese acima, assim como nessa família, nas famílias de Bruna e Daniel, numa lógica também parecida com a família da jovem Bianca, apareceram identificações projetivas por parte dos pais sobre as práticas e as experiências dos filhos. Na família dos irmãos Bruna e Daniel, como descrito, houve um histórico de mobilidade geográfica: os pais migraram de Pernambuco para a região de Campinas com o objetivo de cursar a faculdade, incentivados pela família. O filho, Daniel, durante a realização da pesquisa de campo, entrou na faculdade de História da Unesp em outro município e representava a terceira geração a ter essa experiência na família.

Nas palavras da mãe:

Eu acho delicado falar sobre essas coisas, mas o negócio do Daniel é a música. Ele faz aulas há anos e toca muito bem, desde Beatles até o que pedirem pra ele. Aí, eu falei pra ele: "Vai, começa a faculdade", pra ele experimentar mesmo e saber como é, só de viver essa experiência já é super importante. Aí, se ele ver que não é essa a praia dele, ele faz outra, de música, por exemplo, eu quero que ele seja feliz. Mas eu confesso que desde que ele foi, me dá uma saudade! (risos) Dele, e de quando eu entrei também, é tão boa essa fase. Ele parece que tá adorando, já arrumou uma república, tá fazendo parte dos movimentos lá, centro acadêmico, essas coisas, e nem ligar pra casa liga! (risos) Mas, eu entendo, já passei por isso, e na minha época a desculpa era que não tinha como ligar, e era longe, só dava pra ir pra casa nos feriados...(risos). Eu até abri um Orkut pra ver se me comunico mais com ele, vamos ver (risos). (Teresa, 51 anos).

1.5 Os jovens, as seleções e as escolas

Contudo, como já exposto, a socialização dos jovens extrapola o meio familiar, e importantes experiências de socialização são produzidas na escola. cuja escolha, por sua vez, como também pudemos constatar, é definida pela posição social das famílias.

Nessa lógica, as famílias de maior renda e mais escolarizadas pesquisadas selecionavam, para e com os jovens, as escolas, da rede privada ou pública, consideradas de excelência, conforme critérios como disciplina, pedagogia, caráter laico ou religioso e o fato de ter como alunos filhos de “famílias amigas”, entre outras categorias mobilizadas pelos entrevistados. O Quadro seguinte ilustra essa tendência:

QUADRO 3 - Distribuição dos jovens estudados, das camadas média e média alta, considerando a escolaridade e tipo de escola

Jovem	Escola	Série	Tipo
Bruna, 13 anos	Anglo	6ª série EF	Particular
Bianca, 14 anos	Anglo	6ª série EF	Particular
Carolina, 15 anos	Instituto Educacional Imaculada	8ª série EF	Particular
Rafaela, 18 anos	Etecap/Unicamp	3ª série EM/ 1º ano Engenharia de alimentos	Técnica/Pública
Helena, 17 anos	Etecap	3ª série EM	Técnica/Pública
Daniel, 18 anos	Anglo/ Cursinho Oficina do Estudante/ Unesp	3ª série EM/ 1º ano História	Particular/Pública
Vinícius, 17 anos	Etecap/ Cursinho	3ª série EM	Técnica/Pública e cursinho pré-vestibular particular.
Paulo, 16 anos	E.E. Culto à Ciência/ Etecap	2ª série EM	Técnica/Pública
Rodrigo, 17 anos	E.E. Barão Geraldo de Rezende	3ª série EM	Pública

Vinícius (17 anos), Rafaela¹³ (18 anos), Helena (17 anos) e Paulo (17 anos), da camada média em ascensão escolar, estudavam em uma escola técnica pública, Etecap, localizada em um bairro central da cidade e considerada de alto padrão por seus pais. Foram aprovados no exame para ingresso nessa escola, altamente concorrida em termos de vagas, após terem estudado até a oitava série em escolas particulares.

Assim, apesar de as camadas médias mais escolarizadas estarem inseridas de forma massiva na rede de ensino particular, é importante considerar que a escola técnica citada (Etecap) tem como critério de seleção o “mérito” do aluno que se submete a exames de seleção criteriosos. Na maioria das vezes, como era o caso desses quatro jovens, a preparação para esse exame ocorre durante o ensino fundamental em escolas particulares da cidade, “puxadas” em termos de conteúdo. Esse é um circuito formalizado da elite brasileira (escola particular – escola pública concorrida), o que reforça a hipótese de que a seleção escolar constitui um dos principais mecanismos de diferenciação entre jovens de grupos sociais diferentes.

Bruna (13 anos) e Bianca (14 anos) estudavam em uma escola particular com uma perspectiva mais internacional, com material pedagógico importado, e laica (Anglo), que tinha como missão a preparação para o vestibular de universidades públicas concorridas. Daniel (18 anos), no início da pesquisa também estudava nessa mesma escola, e posteriormente estudou em um cursinho também particular no centro da cidade (Oficina do Estudante); ao final da pesquisa cursava o primeiro ano de faculdade de História na Universidade Estadual de São Paulo (Unesp). Já Carolina (15 anos) também estudava em uma escola particular (Instituto Educacional Imaculada), porém de cunho religioso, na área central da cidade. Essa escola, além de oferecer um ensino de qualidade, era considerada importante por seus pais para o “controle” e a formação de valores da filha.

¹³ Rafaela entrou na faculdade de Engenharia de Alimentos (Unicamp) durante a pesquisa e, anteriormente a isso, estudava na mesma escola técnica que seu namorado, Vinícius, e a amiga, Helena. Como já foi aqui mencionado, Vinícius, quando a pesquisa de campo já havia sido concluída, também entrou em nono lugar no vestibular da Unicamp, na faculdade de Química.

No entanto, o que se constatou foi que a maioria das famílias estudadas das camadas médias fazia uma seleção criteriosa da escola em que os filhos estudavam e demonstrava ter clareza de que o que importava era que essas instituições correspondessem às suas aspirações e necessidades. No caso de Carolina, por exemplo, o fato de seu pai ter sido socializado em um meio religioso, como vimos, pode explicar a seleção de uma escola que tinha como um dos objetivos trabalhar valores religiosos com os alunos, mas que também, considerando a trajetória intelectual desses pais, oferecia um ensino “puxado”, com o objetivo de preparar os jovens para o vestibular.

A preparação para o vestibular, no entanto, foi a principal aspiração que apareceu entre os pais desse grupo. Nesse sentido, é importante explicitar melhor o que foi aqui anteriormente mencionado: no Brasil, cursar o ensino médio em uma escola particular e depois ingressar em uma universidade pública compõe um circuito formalizado da elite do País. Esta pesquisa pôde constatar o resultado concreto disso: ao final da pesquisa de campo, os três jovens desse grupo que haviam concluído o ensino médio - Vinícius, Rafaela e Daniel - foram aprovados no vestibular de duas importantes universidades públicas do país: Unicamp e Unesp.

No caso de famílias como as de Vinícius, Paulo e Felipe¹⁴, a possibilidade de cursar uma escola de “qualidade” significava para os pais uma oportunidade de ascensão social para a nova geração.

Como já exposto, os pais mais escolarizados estudados também matriculavam os jovens em escolas de línguas estrangeiras, arte, música, natação, artes marciais, entre outras. Essa forma de direcionar alguns espaços sociais que os jovens “deviam” frequentar era permeada por negociações mútuas entre pais e filhos, e também reveladora da lógica de educação desses grupos familiares em posição social mais privilegiada, definida por Lareau (2007) como “cultivo orquestrado”.

¹⁴ Felipe é um jovem do grupo popular e também estuda em uma escola técnica concorrida da cidade. Seu caso será discutido no próximo capítulo.

Como vimos, os jovens desse grupo apresentavam em seu cotidiano um número significativamente maior de práticas de estudo supervisionadas do que os jovens da camada popular, e seus pais participavam de forma mais ativa nas instituições. No relato de uma mãe desse grupo, essa lógica aparece claramente:

Na 4ª escola, como Vinícius sempre foi muito observador e desde pequenininho apresentou facilidades para lidar com experimentos, e desde a 4ª série foi vidrado por ciências, motivamos ele para a Etecap, escola técnica de Química; foi treineiro na 7ª série e foi aprovado. Na 8ª série prestou o vestibulinho e foi aprovado em 1º lugar. Ele gosta muito de estudar. Quando começou o ensino médio, mesmo não gostando de inglês, foi estimulado, então buscamos a Cultura Inglesa, pois, como ele é muito crítico, tinha que ser uma escola comprometida. Fez seis módulos e parou pra poder se preparar para o vestibular. No cursinho, como é aluno especial de matemática, aula extracurricular, foi chamado pelo professor e conseguiu uma bolsa integral. Esse movimento foi dele, ele só comunicou a gente. (Sílvia, 42 anos).

Além disso, nas camadas médias, o bom desempenho do aluno nos estudos era favorecido pela maior proximidade entre família e escola: mesmo com ambos os pais trabalhando, as famílias tinham conhecimento da linha pedagógica da escola e faziam intervenções, quando consideravam que a escola não estava correspondendo às suas expectativas quanto à socialização dos filhos. Pode-se afirmar que esse dado revela mais um efeito da posição social sobre as experiências educativas dos jovens estudados.

Um exemplo dessa seleção, e também de um maior controle sobre o processo de escolarização dos filhos, foi a mudança de escola das jovens Carolina e Bruna. Os pais, em negociação com as filhas, optaram por trocar as jovens de escola, por discordarem do método de ensino utilizado pelas escolas que elas frequentavam. A mudança de Carolina partiu de um pedido seu para os pais, pois não havia se adaptado ao método de ensino, que considerava inferior ao da escola em que estudava anteriormente, na cidade de São Paulo (Liceu), e também por não ter conseguido fazer muitas amizades. Segundo Carolina, ela também sofreu preconceitos por parte de alguns alunos da turma, por ter vindo de “fora” e por ter um estilo diferente: “cabelo curto”.

A saída de Bruna foi motivada por um conflito com uma professora, que segundo ela, não ensinava adequadamente e tratava os alunos com “grosserias”. Em suas palavras:

Ah, tinha uma professora que era muito grossa, ela não deu aula pra gente. A gente ficou o ano inteiro se preparando pra festa de formatura e ela vinha falando de um papo de democracia, não ao preconceito, umas aulas super legais, só que ela não aceitava, nada que contrariasse ela, era muito grossa, muito brava e nossa! Eu lembro que uma vez, eu tinha uma amiga que o hamster dela morreu e ela tava chateada, aí essa professora, começou a brigar com ela, e deixou ela no corredor sozinha, até ela parar de chorar. E aí, ela era muito grossa, a gente fez um abaixo-assinado e foi legal, porque a gente enfrentou ela, eu e mais quatro amigas. (Bruna).

Em razão disso, Bruna e suas amigas fizeram um abaixo-assinado contra a forma com que a professora agia em sala de aula e entregaram para a direção da escola. Após isso, ela e duas amigas solicitaram a mudança de escola para os pais que, ao avaliarem a situação, concordaram. Bruna relatou ainda sentir saudades das amigas da antiga escola (Curumim), mas avaliava positivamente a nova escola, como vimos anteriormente.

No caso de Bianca, a participação e a atuação da mãe na escola também apareceram claramente:

Esses dias a Bianca chegou mais tarde da escola. Aí me contou que na saída da escola tinha ido com as amigas em um posto de gasolina que tem perto da escola e que tinham bebido. Tinham bebido Smirnoff, é vodca, super forte! Fiquei superpreocupada, primeiro com essas amigas e depois com a própria escola. Tem uma lei que diz que não pode vender bebida alcoólica para menores de idade, e também parece que a alguns metros de escolas é proibido ter bar. Fui falar com a diretora, saber se eles estavam cientes do que estava acontecendo e fiz mais: falei que ela tinha que ir ao posto de gasolina questionar sobre a lei, acho que é papel deles também. Depois soube que a diretora também chamou as outras mães para conversar e não aconteceu mais. (Daniela, 36 anos).

Outro caso que ilustra essa lógica de seleção e controle que esses pais e os próprios jovens faziam em relação à instituição escolar fica evidente nos relatos de Sílvia, mãe de Vinícius:

Depois do pré, queríamos que a escola do Vinícius continuasse sendo pequena e que ele pudesse ser conhecido pelo nome, mas que tivesse continuidade, e procuramos algo para atender a demanda da família, ficava perto da nossa casa e minha mãe ia buscar ele todos os dias. Estudou lá quatro anos, verificamos que a professora da segunda série era pouco comprometida, fizemos várias reuniões na escola, nos propusemos a ajudar, mas, como não tivemos retorno, começamos a levá-lo para conhecer outras escolas.

Como mostra o outro depoimento abaixo, Vinícius participou ativamente da escolha das escolas em que estudou e seus pais estiveram presentes de forma intensa em todo o processo de escolarização do filho, pois, nas palavras de Sílvia, procuravam por uma escola que estivesse dentro dos “padrões desejáveis” da família:

Gostamos muito do Colégio Progresso, mas ele preferiu estudar no Madre Cecília, a professora da 3ª série, Larissa, foi maravilhosa, o acompanhou em suas singularidades e conseguiu perceber suas potencialidades, na 4ª série tivemos novos problemas com uma professora não tão, vamos dizer, ética, conversamos com ela várias vezes e com a coordenação pedagógica. Na 5ª série, as coisas retornaram aos padrões desejáveis. Nessa escola conseguimos uma bolsa de 50%, o que ajudou muito. (Sílvia, 42 anos).

O que se pôde constatar, então, foi que os níveis de empoderamento entre jovens e pais desse grupo era alto e, por isso, havia, com relação ao processo de escolarização dos jovens, uma participação e um controle mais ativo, fortemente relacionados com a posição social das famílias e com as experiências de socialização dos pais. Segundo Perosa (2006), os usos feitos pelas famílias da escola privada no Brasil resultam numa experiência educacional que potencializa os efeitos do processo educativo sobre a modalidade de incorporação dos estereótipos de classe.

No entanto, dentro das camadas médias, ocorreram variações, como no caso de Rodrigo (17 anos), que, como exposto, era oriundo de uma família com recente ascensão econômica e estudava em uma escola pública central da cidade, o que contrariava a lógica operante nas outras famílias estudadas, que tinham uma situação econômica similar. Rodrigo era o caçula de cinco irmãos, e todos estudaram na rede pública. Sobre essa questão, sua mãe relatava: “É o aluno que faz a escola, né? Vê o meu outro filho, o Carlos, estudou lá no Resende também e hoje é concursado da

prefeitura, tem é que estudar bastante, acho que depende muito mais do aluno.” (Marli, 55 anos).

Na direção dessas questões, Bourdieu afirma (2000):

A ação do privilégio cultural só é percebida, na maior parte das vezes, sob suas formas mais grosseiras, isto é, como recomendações ou relações, ajuda no trabalho escolar ou ensino suplementar, informação sobre o sistema de ensino e as perspectivas profissionais. Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito.

Conclui-se que o fato determinante de a instituição escolar ser selecionada por essas famílias fez com que esses pais, como os dados apontaram, apresentassem um forte empoderamento e recursos para relacionar-se com a escola dos filhos.

É importante ressaltar também que, apesar de demonstrarem maior “controle” sobre o processo de socialização dos filhos, esses pais também recorriam a especialistas, quando enfrentavam alguma dificuldade na educação de seus filhos, como no caso de Carolina, que havia começado atendimento psicológico, incentivada pela mãe que também fazia psicoterapia, e de Bruna, que realizava sessões de acupuntura, ainda por indicação de sua mãe. Ademais, esses pais monitoravam e selecionavam cuidadosamente os serviços realizados por esses especialistas (pedagogos, médicos, psicólogos, etc.).

CAPÍTULO 2

AS JUVENTUDES NAS CAMADAS POPULARES: REPERTÓRIOS E LIMITES

No ônibus, a caminho do *shopping*, Ana dizia que a última vez que havia ido para “aqueles lados”, tinha sido no ano passado, para ir ao cinema... explicava que sua mãe não gostava que eles fossem lá, pois achava que gastavam muito dinheiro “à toa”. Reclamava num tom aborrecido: “Ela fala que é para eu comprar um DVD ‘baratinho’ na cidade e assistir em casa mesmo. Pode isso!?” Ri e continua: “Tem todo um clima, entende? Ela não entende isso, sabe. Que tem uma magia assistir o filme no cinema! [...]”.

Na semana seguinte, enquanto Ana combinava com seu irmão de ir novamente ao cinema para assistir *Harry Potter*, sua mãe confessou timidamente que nunca havia ido a um cinema. (diário de campo, 16 de julho de 2009).

Roupas falsificadas de marcas famosas (Diesel, Oklei, Nike, Pullman) combinadas com acessórios chamativos, como correntes, brincos e *piercings*, além de outros estilos, compunham o visual dos jovens desse grupo. Ana, com suas roupas multicoloridas, denominava seu estilo de “patricinha/black”. Felipe fazia o seu estilo com calças *jeans*, tênis e bonés “de marca”. Gabriela, por exigência do trabalho, vestia-se com roupas sociais, neutras e discretas, optando, nos fins de semana, por um estilo mais confortável, como um *jeans* justo, “de marca”, e “blusinha”. Já Eduardo e Guilherme, com suas roupas largas, chamativas e cheias de acessórios metalizados, autotransformavam-se como “manos”.

Assim, os estilos de vestir desses jovens reuniam hábitos de consumo que iam desde o uso de roupas falsificadas de *griffes* da moda até tipos específicos de acessórios da moda, como correntes, brincos e *piercings* metalizados. Esses dados, no entanto, sugerem que, por “imitação prestigiosa” (MAUSS, 1974), os jovens estudados das camadas mais populares buscavam identificar-se com os das camadas mais altas, que também consumiam esses artigos de *griffes*, porém originais — artigos que, por sua vez, estavam em alta no mundo da moda e eram altamente valorizados pela mídia.

Os cenários por onde esses jovens circulavam com seus pares e onde também residiam era um espaço geográfico marcado pela escassez de possibilidades e repertórios, com poucas opções de lazer e equipamentos sociais (Quadro 4) e, como os dados mostraram, estavam diretamente ligados às suas experiências de socialização.

QUADRO 4 – Inventário das práticas dos jovens estudados da camada popular

Jovem e camada social.	Rotina diária (práticas supervisionadas de estudo e trabalho)	Rotina diária (práticas de lazer e “passatempos”)	Rotina de fins de semana (práticas de lazer, familiares, esportes e religiosas.)
Eduardo, 14 anos, popular	Escola pública no bairro (5 h. diárias) tarefas domésticas	Assiste TV Videogame <i>Lan house</i> (jogos, sites de relacionamento) Futebol, solta pipa. Fica na “ <i>rua de casa</i> ”.	Semanalmente: vende verdura no bairro, fica com os amigos na “rua de casa”, praça, futebol, <i>lan house</i> e empina pipa. Mensalmente: <i>shopping</i> (cinema, fliperama, ver lojas, paquerar). Ocasionalmente: Parque Taquaral (“dar volta”, pedalinho). Quermesse. Festas de aniversário e no barracão da associação de moradores. Transporte: a pé ou de ônibus.
Guilherme, 15 anos, popular	Escola pública no bairro (5 h. diárias) Entrega panfletos Vende verduras Tarefas domésticas	Videogame <i>Lan house</i> (sites de relacionamento, jogos) Assiste TV (desenho, novela).	Semanalmente: Praça, futebol, <i>lan house</i> , pipa. Mensalmente: <i>shopping</i> (cinema, ver as lojas, paquerar). Ocasionalmente: encontros marcados pela Internet no Parque Taquaral (Praça de Esportes). Ver filme na casa dos amigos, festas do grupo de jovens da igreja. Transporte: a pé ou de ônibus.
Felipe, 16 anos, popular	Escola técnica de informática fora do bairro (5 h., período noturno)	Internet (msn, orkut, pesquisas escola) Assiste TV.	Semanalmente: futebol, barzinho com os amigos (bate papo e paquera), visita parentes. Ocasionalmente: <i>shows</i> em casas noturnas (Campinas Hall), pagode, churrasco. Quinzenalmente: <i>shopping</i> (ver roupa com os amigos, comer e paquerar) Transporte: a pé ou de ônibus.
Ana, 16 anos, popular	Cuida do irmão mais novo. Escola Pública no bairro (5 h. diárias) Trabalha como doméstica ou babá. Arruma a casa.	Passeia no bairro com amigas. <i>Lan house</i> (sites de relacionamento) Assiste TV. Lê revistas femininas e “fofocas” (<i>Capricho</i> , <i>Fuxico</i> e <i>Caras</i>).	Semanalmente: missa, catequese (voluntária), praça, casa das amigas. Mensalmente: <i>shopping</i> (comer, andar, paquerar, conversar) com as amigas. Ocasionalmente: quermesses, sorveteria, festa eletrônica da igreja. Transporte: a pé ou de ônibus
Gabriela, 17 anos, popular	Trabalha como auxiliar administrativo em Indústria Química (8 horas diárias). Faz lições da escola no horário de almoço. Escola pública noturna no bairro (4 h. diárias) / tarefas domésticas	Assiste TV. Ouve música.	Semanalmente: missa, ensaios no coral da igreja (católica), casa das amigas, TV, faxina em casa. Ocasionalmente: visita a parentes, festas da igreja e de aniversário. Transporte: a pé ou de ônibus

Assim, pensar as percepções desses jovens e de suas famílias sobre o lugar onde moravam foi uma questão que ganhou grande relevância na análise, considerando que o bairro era o principal espaço social onde realizavam suas práticas, diferentemente dos jovens nas camadas médias.

No bairro Parque Esperança havia uma escola pública, e lugares como a igreja e a praça eram importantes espaços de sociabilidade e lazer. O campo de futebol

frequentado pelos jovens desse bairro não ficava no próprio bairro, mas no bairro vizinho, Bosque dos Eucaliptos, para onde caminhavam quase diariamente para poderem jogar bola, soltar pipa e encontrar os amigos. Segundo esses jovens, o campo do próprio bairro era usado por grupos para o uso de drogas como maconha e *crack*. Segundo eles ainda, quem frequentasse o campo ficaria “mal falado”; além disso, seus pais também não autorizavam a ida ao espaço, pois, como diz Ana: “*Vichi, lá só tem casqueiro e maconheiro, não dá pra ir lá não, aí a gente vai no campo lá em cima, do Bosque, sabe?*”.

É importante ressaltar que esse bairro também apareceu nos relatos de famílias do bairro vizinho de forma negativa:

Pesquisadora: *Saindo daqui, vou lá pro Parque Esperança, a senhora sabe me informar como chego lá?*

Luci: *Você vai falar com as pessoas lá de baixo, é?*

Pesquisadora: *Sim, vou conversar com uma família lá.*

Luci: *Hum, depende, vai na favela ou no bairro mesmo? Porque tem vários Parques, tem o um e o dois, os do um são “melhorzinhos”. (Luci, mãe de Felipe, Bosque dos Eucaliptos).*

Embora esses dois bairros fossem compostos por famílias da camada popular, no Parque Esperança as famílias viviam em uma situação mais precária, algumas em terrenos “ocupados” ilegalmente. Também existia ali uma forte atuação do tráfico de drogas. Outra diferença é que esse bairro era composto, em sua maioria, por famílias que migraram recentemente de outros estados brasileiros, e o Bosque dos Eucaliptos, por famílias antigas de ex-agricultores e de classe média que vieram para cursar a universidade e continuaram residindo na região.

No relato de um jovem do Bosque dos Eucaliptos aparecem termos pejorativos também se referindo aos jovens do Parque Esperança.

Pesquisadora: *E você joga futebol todo dia?*

Felipe: *Antes, sim, todo dia, agora meus amigos tão tudo trabalhando, num tem nada pra fazer. Só eu que tô parado mesmo. Tem um ou outro que não, mas aí num bate os horários, então, de sábado e domingo é lei, né! E também a gente joga no campinho lá de cima, sabe?*

Pesquisadora: *Não!*

Felipe: *O do Centro, porque o daqui não é bom não, e também vem muita molecada, lá de baixo, sabe?*

Pesquisadora: *Lá de baixo?*

Felipe: *É, do Parque Esperança. (Felipe, 16 anos).*

No entanto, o que se verificou foi que, para os jovens desse grupo, “ficar em casa” (Quadro 4) nem sempre era uma opção: era, às vezes, uma condição imposta pelos pais, preocupados com a violência no bairro, ou determinada pela própria falta de opções de lazer descrita:

De fim de semana, eu tenho ficado em casa mesmo, pra relaxar. Às vezes vou no grupo de jovens da igreja, raramente eu saio pro shopping, essas coisas.

Na real, não tem muita coisa pra fazer aqui não, e se você sai pra fora, só tem aquelas meninas fuxiqueira, aí, eu prefiro nem sair, né, porque se não ficam falando que eu to no meio do fuxico também, credo! ... e lá em cima tem também os moleques que ficam fumando droga, minha mãe nem gosta que a gente vai lá, aí eu nem vou também. (Ana, 16 anos, Parque Esperança).

As mesmas preocupações com a violência no bairro moviam Francisca, mãe de Ana (16 anos) e Guilherme (15 anos):

Pesquisadora: *A senhora falou que mora aqui há bastante tempo, e a senhora gosta daqui?*

Francisca: *Não foi escolha morar aqui, foi porque com o dinheiro que a gente tinha não dava pra comprar em outro lugar. Só dava pra cá. Porque eu não queria de jeito nenhum vir pra cá, mas aí eu tive que vir, né? Porque antes da gente vir morar aqui, ele não fazia essas coisas que ele faz agora (Referindo-se ao marido que começou a usar crack há um ano.). Eu vou falar do que eu não gosto, tá bom?*

Pesquisadora: *Fala, Francisca, pode falar.*

Francisca: *Do ambiente daqui. Eu acho que aqui não é ambiente pra criar filho. Eu saio pra trabalhar, fico preocupada. Quando eles saem um pouquinho. Quando eles vão pro lado de lá eu fico mais aliviada, eu não quero que eles fiquem aqui. Inclusive, eu não gosto que eles tenham muita amizade aqui não, nem eu também não tenho.*

No relato de outra mãe também fica evidente essa preocupação com as situações de perigo com as quais o filho pode se deparar, como uso de drogas e abordagens policiais¹⁵, e a tentativa de controlar e supervisionar as amizades do filho:

Luci: *Os amigos que ele encontra lá nos barzinhos assim, eu já não conheço, hum.*

Pesquisadora: *E a senhora tem vontade de conhecer?*

Luci: *Ah, quem num tem, né! Vê com quem ele tá andando, né. Essas coisas. Porque hoje em dia está perigoso, né, essas coisas. Uso de droga, né, bebida, essas coisas. Isso meu marido não gosta, né. Ele sempre fala que vai lá, dar um sondada, pra ver o que ele tá fazendo, né? (Ri e olha para Felipe.) Só nos carnaval, aí que nós fomos, né? Ver se ele tava bebendo, essas coisas. Se tava fumando com esses amigos, né, por que. Porque se a polícia chega lá, e tem um fumando maconha, leva todos, né! O que já aconteceu com o meu sobrinho, né, de não ter culpa e entrou no meio, e foi. Ficou preso, né? E a gente tem medo, né? Me preocupa. (Luci, mãe de Felipe, Bosque dos Eucaliptos).*

Entretanto, como foi constatado no caso dos jovens das famílias altamente escolarizadas e em ascensão social, também era na escola que se dava a construção das principais redes de amizades dos jovens estudados das camadas populares. Dessa forma, como a escola pública onde estudavam era a mais próxima de suas residências, o bairro acabava sendo a principal extensão dessa importante rede.

Pesquisadora: *E seus amigos? Quem são?*

Felipe: *Ah, tudo lá do Barão.*

Pesquisadora: *Lá do Barão?*

¹⁵ Pensando sobre as diferentes juventudes, Bourdieu escreveu: “[...] os garotos mal vestidos de cabelos longos demais, que nos sábados a noite passeiam com as namoradas numa motocicleta em mau estado são os que a polícia pára.” (BOURDIEU, 1978, p.113).

Felipe: *É lá da escola. Ah, tem lá do Bosque, ali também. Tem um que mora ali em cima também, mas nem falo muito com ele. Ah, porque aqui tem muita coisa errada, tranqueira, essas coisas. Muita coisa, droga envolvida, aí, eu nem faço amizade aqui, só os da escola mesmo que mora tudo aqui também.* (Guilherme, 15 anos).

Pesquisadora: *Você tem muitos amigos?*

Felipe: *Ah, geralmente eu fico na minha assim, sabe. Vou conversando às vezes, tipo vai conversando alguma coisa, aí eu vou me enturmando.*

Pesquisadora: *Hoje, quem são seus amigos?*

Felipe: *Ah, eu considero aqui os de Barão mesmo. Os que eu jogo bola. Os lá da Vila (bairro onde moram seus avós) também. São tudo daqui* (Felipe, 16 anos).

Assim, pensando na importância do bairro onde, no caso desses jovens, importantes rede sociais eram construídas, a partir de Elias (2000), é possível refletir sobre o fato de a juventude estar representada e ser pertencente a diferentes grupos sociais interdependentes, cuja autoimagem trará para o jovem reflexos em suas práticas e na percepção que tem de si próprio e do outro. Elias, em seus estudos, apontou modos pelos quais a estrutura da comunidade e do bairro pode influenciar o desenvolvimento da personalidade dos jovens que ali crescem. Apontou também a interação entre o lugar da família em uma ordem hierárquica de um bairro e a formação da autoimagem dos filhos dessa família.

Os dados sobre a lógica de socialização dos jovens das camadas populares estudados e a análise da forma como se dão mecanismos de diferenciação, como a seleção escolar e social por suas famílias, permitem pensar na relação desses processos com a construção das práticas juvenis:

2.1 Felipe: a aposta da família

O caso de Felipe é um exemplo da lógica de socialização operante entre os jovens estudados da camada popular, filhos de pais que foram socializados principalmente através de trabalhos braçais (agricultura, construção civil e serviços domésticos) e estudaram por um curto período em sua juventude (Quadro 1).

Os pais de Felipe demonstraram realizar investimentos materiais e simbólicos relacionados às práticas ligadas à escolarização e à profissionalização do garoto, porém numa lógica diferente dos pais altamente escolarizados e em ascensão escolar pesquisados.

A família de Felipe, composta por antigos camponeses da região, havia comprado recentemente um computador para o filho, não poupando esforços financeiros para isso. Apesar de oriundos da camada popular menos escolarizada, os pais dispunham de um conjunto de condições que permitiram realizar esse investimento material: Felipe era filho único e seu pai tinha estabilidade no emprego como operador de máquina em uma empresa considerada de alto padrão da região (Quadro 1). Além disso, esses pais estavam movidos pelo fato de Felipe (17 anos) ter ingressado recentemente em uma escola técnica pública de informática altamente concorrida em termos de vagas, pois o filho representava a possibilidade de ser o primeiro da família a realizar um curso técnico: sua mãe havia interrompido os estudos no ensino fundamental, e o pai, no ensino médio.

Esse dado confirma estudos atuais sobre trajetórias de escolarização nas camadas populares menos escolarizadas (ALMEIDA, 2000; LAHIRE, 1997), nos quais se identifica que as novas gerações estão ultrapassando seus pais em relação a tempo de estudos e nível de escolaridade, o que caracteriza nesses grupos um histórico de mobilidade e ascensão social.

Os pais de Felipe começaram a trabalhar ainda na infância. Luci, sua mãe, além de trabalhar na roça, também tinha como responsabilidade “olhar” seus dois irmãos mais novos e contribuir com as tarefas domésticas. Francisco, o pai, começou a trabalhar na roça aos onze anos de idade e, por ser o filho primogênito, ficou responsável por parte do orçamento da casa após o falecimento de seu pai (avô de Felipe).

Esses pais projetavam para Felipe uma história diferente das que tinham vivido em sua juventude e tinham como principal aspiração que ele conseguisse obter um diploma e um bom trabalho, estável e bem-remunerado.

A despeito desse objetivo, o novo recurso adquirido pela família, o computador, era motivo de vários conflitos entre o jovem e seus pais. Luci e Francisco não sabiam utilizar o equipamento e percebiam essa prática de forma ambígua: ora como um recurso importante para a profissionalização do filho, ora como uma prática que impedia que Felipe realizasse outras atividades consideradas mais importantes para a família, como trabalhar “fora”.

Nas palavras de Luci:

... isso aí toma todo o tempo dele, aí ele não faz mais nada! (A Sra. Luci fala para a pesquisadora, olhando para Felipe, que está sentado na frente do computador, conversando no MSN com os amigos).

Ela diz, com tom de voz alto: *Eu falo pra ele que se ele não parar com isso aí, eu vou vender esse computador, só assim, né?*

Felipe responde: *Para mãe, que saco, to vendo o que cai na prova de amanhã!* (ele se levanta e vai pro quarto...)

Sra. Luci fala em voz alta: *Tá nada, eu sei que ele fica de namorico só e de papo com os amigos dele.*

Felipe relatava: *“Fico no bate papo, ORKUT, MSN, essas coisas, pra passar o tempo mesmo, né, já que eu não to trabalhando mesmo. E faço pesquisa pro curso quando precisa também”*.

Assim, o jovem considerava que o computador era essencial para acompanhar o curso técnico de informática, que havia decidido fazer por influência de sua madrinha e tia materna, professora primária, e de amigos da escola, como conta: *“Resolvi fazer o curso foi pela escola mesmo. Assim, os amigos comentavam, aí decidi: vou fazer então. Não tinha nada pra perder, aí fui. Também os primos falavam que era bom, os meus tios, aí eu fiz a prova, passei e fui fazer o curso.”* (Felipe, 16 anos).

Fica evidente, no exemplo da participação dos tios desse jovem na escolha pelo curso técnico, a influência da família ampliada na construção de algumas experiências e práticas dos jovens.

Porém, Felipe e seus pais relatavam sentimentos contraditórios em relação ao projeto comum da família de prolongar o tempo de estudos do jovem, pois relatavam essa experiência, ora como um importante investimento para uma melhor inserção no

mercado de trabalho, ora como uma prática que impedia o jovem de trabalhar. Felipe também confessava não ter desejo de seguir a área da informática, mas acreditava que o curso seria importante para ele ter um diploma e prestar um concurso público.

Mãe: Meu marido é louco que ele faça uma faculdade, né. A gente tem vontade de ver ele formado. Mas, é complicado e ele já não quer. (Silêncio).

Felipe: Mas eu já vou estar formado no curso de informática, é quase uma faculdade, se for ver! Eu não pretendo, não. Prefiro fazer um concurso público, porque aí já é garantido, né? Eu vou estudar pra passar em concurso público. Meu objetivo é esse, passar num concurso público.

Mãe: É aí ele faz um concurso público, e vamos ver, né? Aí, pelo menos, ele fica garantido o resto da vida dele inteira....

Felipe, sempre usando tênis e bonés com símbolos de marcas famosas, tinha algumas práticas mais frequentes e preferidas, entre elas, jogar bola. A prática do futebol era incentivada pelo pai de Felipe desde a infância e um projeto que tinham era de que o garoto se tornasse jogador de futebol profissional, mas, como mostram os relatos, esse projeto foi se acabando com o tempo.

Felipe: Antes eu queria mesmo era ser jogador profissional... Mas, agora diminuiu bastante a chance por causa da minha idade. Eu tinha que fazer quando eu era mais novinho, né? Aí tinha mais chance de pegar. Quanto mais velho, é mais difícil, porque aí você tem que mostrar o dobro do que você ia mostrar quando era menor. Porque quem já tá no clube, já tá acostumado assim, vai melhorando com o tempo.

Mãe: E os olheiros, ficam tudo de olho também, né? Fica tudo de olho, num vê que eles pegam menino com 16, 17 anos pra jogar no time! E eles já ficam de olho pra ver quem é o melhor, né! Mas ele nunca fez peneira, quem sabe ainda, né? (risos).

Pesquisadora: Felipe, desde quando você gosta de futebol?

Mãe: Ichi, isso aí vem do pai. Ele vai morrer em cima de uma bola. Ele quase foi pro Guarani, sabe? Mas, aí o pai dele morreu, o vô do Felipe, né, a mãe também morreu e não deu pra ficar.

Suas outras atividades sociais preferidas, porém, incluíam: fazer churrasco com os amigos, ir ao samba, ao pagode e a festas que tocavam *psy* (tipo de música eletrônica). Costumava também frequentar um barzinho próximo da antiga escola em

que estudava (Bar “Bate Ponto”) e esporadicamente ia a uma praça de esportes na região central da cidade (Lagoa do Taquaral).

Para essas despesas, Felipe não recebia uma quantia fixa dos pais. Seu pai, quando possível, dava ao filho um dinheiro para ele sair e lancha na escola. Suas roupas também eram compradas em negociação com os pais e, algumas vezes, Felipe contava com a ajuda de seus tios maternos e padrinhos.

Entretanto, os pais projetavam para Felipe um futuro ligado à estabilidade financeira, o que na trajetória social dessa família só passou a existir quando Francisco conseguiu seu emprego atual com vínculo empregatício. Felipe relatava que se o pai “arrumasse” um serviço para ele na “firma”, ele pararia o curso porque, em suas palavras: “*Aí eu já tava garantido, né?*” O jovem também afirmava que não gostava de estudar e considerava-se um aluno mediano na escola.

Outro dado importante na forma como práticas ligadas ao trabalho e aos estudos eram significadas por essa família referia-se ao fato de tanto Francisco como Luci terem recebido uma educação rígida de seus pais. Seus pais, avós maternos e paternos de Felipe, trabalhavam como agricultores e, assim como os filhos, interromperam os estudos para poderem trabalhar desde a infância.

Vem da família já assim, né? A família é rígida assim. Teve o pai que passou assim pra gente, a gente vai passando pra eles também. Porque meu pai foi bem rígido com a gente, sabe? Não deixava eu sair sozinha, com amigo, com nada. Se saísse, tinha que ser com eles, com os irmãos, aí já viu, né? A gente não teve a liberdade que ele tem! Tinha que trabalhar, é diferente. Eles têm mais liberdade que a gente. Eu mesma só estudei até a quinta série e olhe lá! Já o Francisco, depois que a gente casou, fez o supletivo pra poder conseguir trabalhar na firma. (Luci).

Francisco e Luci eram casados há dezoito anos e escolheram ter apenas um filho. Relataram que essa escolha foi baseada nas próprias experiências familiares vividas por eles: ambos tinham um grupo grande de irmãos.

Sobre a educação recebida dos pais, Felipe relatava:

Felipe: Acho que a educação que eles me dão é boa, mas, tem hora que eles exageram um pouco mais, parece e sou só eu também, né? Meu pai, quando ele chega meio alterado também, é trabalho, também. Aí ele vai, acaba bebendo um pouco mais e começa a falar um monte pra mim, aí eu tenho que escutar, né? Tem hora que perde a razão, e eu também acabo falando um pouco mais. Tem hora que eles me protegem muito, e quando precisa mesmo.

Pesquisadora: *Quando você acha que precisa?*

Felipe: Ah, quando eu to pra baixo assim, triste assim, desse jeito. (Esse relato de Felipe aconteceu após uma discussão com a mãe por ele ter acordado tarde).

O relato de Felipe e os de outros jovens, como o de Guilherme: *“Com ela não tem conversa não, se chegar fora do horário ela bate mesmo, aí, às vezes, nem volto, durmo na casa do meu amigo...”*, oferecem evidências de que a educação dada pelos pais pesquisados desse grupo era menos pautada no diálogo e de que, em algumas situações, o castigo físico era utilizado. Esse dado, que também apareceu nos casos das famílias dos jovens Gabriela, Guilherme, Ana e Eduardo, reforça a hipótese de que as experiências de socialização que os pais viveram tendem a ser reproduzidas com os filhos, considerando que todos os pais desse grupo receberam uma educação rígida da família e socializaram-se na juventude, principalmente através do trabalho. Para eles, uma educação “rígida” significava “proibições” e punições físicas que recebiam, caso não se comportassem “bem”: se fossem a lugares proibidos ou se não cumprissem com algumas obrigações impostas pelos pais (avós dos jovens pesquisados).

No entanto, é importante ressaltar que a violência física intrafamiliar não é um problema específico das camadas populares, pois está presente também em outras camadas sociais. Segundo Saffioti (2004), a patologização dos agressores e a culpabilização dos pobres como portadores de uma cultura de violência acabam encobrindo hierarquias e contradições sociais. O que, por outro lado, não exclui as condições de pobreza como possíveis desencadeadoras de algumas situações de violência, pois estas estão associadas a situações de precariedade e estresse, como desemprego e falta de recursos, o que, por sua vez, também provoca uma baixa estima nessas famílias, tanto na esfera pública, como na esfera familiar.

Entretanto, essas famílias, assim como as famílias das camadas médias, apresentaram inúmeras preocupações em relação às práticas e à utilização do tempo pelos jovens. Essa lógica ficou clara no exemplo sobre o uso da internet, que também entre os jovens desse grupo foi a prática mais comum; e mesmo Gabriela, Ana, Eduardo e Guilherme, que não tinham acesso à internet em suas casas, utilizavam espaços como a *lan house*, a casa de amigos ou a casa dos patrões de seus pais para a realização dessa prática.

Seguindo o exemplo da internet, os pais desse grupo, que exerciam funções manuais (domésticas, pedreiros, serralheiros, operários) e que não tinham como prática o uso da internet ou que nunca realizaram essa atividade, como Luci e Francisco, apresentaram maiores dificuldades para supervisionar e lidar com o uso dela no cotidiano dos jovens. *“Eu peço pra ele me ensinar, mas ele não ensina não! (ri) Acredita? Ele não tem paciência, e acho que eu não ia saber mexer também, mas nunca é tarde pra aprender, né?” (Ri) (Luci).*

Nessa lógica, apesar de existirem experiências socializadoras comuns entre pais e filhos, principalmente em relação à educação dada e recebida, esses jovens pesquisados, em relação à escolaridade, estão ultrapassando seus pais. Os dados mostraram que, em relação a certas experiências ligadas à escolarização e à formação profissional, uma distância significativa entre as duas gerações apareceu de forma diferenciada nos grupos familiares altamente escolarizados e em ascensão social, em que os pais tinham ensino superior e os filhos estavam se preparando para, como eles, viverem essa experiência.

Assim, apesar de a realidade atual exigir cada vez maiores aperfeiçoamentos profissionais, levando a um prolongamento do período de preparação dos jovens¹⁶ para

¹⁶ Sobre essa questão, Elias diz: “A maneira como a sociedade promove a adaptação do indivíduo a suas funções adultas acentua, com muita frequência, a cisão e a tensão internas a seu psiquismo. Quanto mais intenso é o controle dos instintos, quanto mais estável é a formação superegógica exigida pelo desempenho das funções adultas, maior se torna, inevitavelmente, a distância entre o comportamento das crianças e o dos adultos; quanto mais difícil se torna o processo civilizador individual, mais longo é o tempo necessário para preparar as crianças para as funções adultas. Justamente por ser tão vasta a discrepância entre a atitude das crianças e a que se exige dos adultos, o jovem já não é colocado, quando criança, no degrau mais inferior da carreira funcional que está destinado a escalar,

o ingresso no mercado de trabalho e, com isso, à sua maior permanência na casa dos pais, as experiências relatadas por pais como Francisco e Luci e por outros pais desse grupo, como veremos adiante, mostraram que estes saíram de casa com a idade do filho, ou menos, e tiveram, na época, um estilo de vida significativamente diferente do de seus filhos, em relação a diferentes esferas da vida, como trabalho, namoro e escola. No caso dos jovens Ana e Guilherme, essa lógica também fica evidente, como será exposto no próximo tópico.

2.2 - Ana e Guilherme: jovens de uma família popular pouco escolarizada

Francisca, mãe de Ana e Guilherme, diarista, iniciou em sua infância suas práticas ligadas ao trabalho; sua mãe era doméstica, e seu pai, um carroceiro que realizava pequenos fretes, trabalhava também na construção civil (Quadro 1). João, seu companheiro há vinte anos, com quem havia migrado de Minas Gerais para o interior de São Paulo em busca de melhores condições de vida, era pedreiro e também havia iniciado na infância, com seu pai, suas práticas ligadas ao trabalho na construção civil. Como João houvesse iniciado recentemente um tratamento ambulatorial para dependência química — há alguns anos havia passado a fazer uso do *crack* com amigos do bairro—, seu rendimento no trabalho diminuiu, o que levou Francisca a assumir a maior parte das contas da família.

Sobre sua juventude, Francisca relatava:

Quando eu tinha a idade do Guilherme eu já trabalhava pra ajudar minha mãe, oh, fazia tempo! E era assim, não tinha esse negócio de “ai, eu vou ali, ai que não sei o quê”, balada, não tinha isso não! Era de casa pro serviço, do serviço pra casa. E ai se a gente levantasse a voz assim pra mãe!” (Francisca, mãe de Ana e Guilherme).

Eu comecei a trabalhar quando eu tinha 10 anos. Lá em Minas, eu ia tomar conta das crianças das mulheres, elas saíam e não tinham com quem deixar. Depois quando eu tava com 13 anos eu peguei uma casa

como nas sociedades mais simples. Não aprende diretamente, servindo a um mestre adulto de sua futura função, como fazia um aprendiz de um artesão. Ele é inicialmente afastado da esfera dos adultos por um período longo e que ainda continua a crescer. Os jovens que se preparam para uma gama cada vez mais variada de funções já não são diretamente treinados para a vida adulta, mas o são diretamente, em institutos, escolas e universidades especializados.” (ELIAS, 1994a, p. 33).

pra tomar conta e estudava, né? Quando dava eu ia pra escola. Eu fiz até a quarta série, mas quando foi pra mim passar pra noite, não deu. Porque meus pais não deixavam. Porque antes, filha mulher não tinha esse negócio de estudar na cabeça deles, não. Se fez a quarta série, já tava ótimo, e não era isso que eu queria, então era uma briga desgramada, porque eu queria estudar e eles não queriam deixar. Eles achavam assim, que eu não ia estudar, que a gente ia lá namorar, sabe. Mas, eles se enganou, porque eu não namorava na escola, eu namorava era fora (risos). (Francisca, 37 anos).

As diferentes e, às vezes, similares condições de socialização na juventude de pais e filhos podem ser elementos para compreender, por exemplo, por que os pais desse grupo estranhavam novas legislações, como as que definem que jovens com menos de dezesseis anos não podem trabalhar (ECA¹⁷), caso de Guilherme, Ana e Felipe.

Francisca e João — do mesmo modo que os pais de Felipe —, por terem tido, quando jovens, experiências significativamente diferentes das dos filhos, também não se identificavam com o prolongamento do tempo de escolarização e preparação para o mundo do trabalho e com o conseqüente aumento do tempo que os seus filhos jovens permaneciam morando com a família e dependendo financeiramente dela.

Nas palavras de Ana, o medo de perder o apoio financeiro da família e interromper suas práticas de estudos fica evidente:

Ai, ano que vem já, no fim, eu faço dezoito. Dá até medo! (risos) Eu quero tanto que acabe, mas agora que ta chegando sei lá, acho que vou sentir falta, sabe, mais das amigas assim...ah, mas, também de ir pra escola. Tenho um monte de amiga que falou que queria terminar, mas depois viu que não, porque aí tem que trabalhar mesmo, né! Acho que eu to vivendo a crise dos 18! (risos). (Ana).

Sem dúvida, nessas famílias, práticas ligadas ao trabalho são valorizadas e, para o jovem, significam, além de maior independência financeira, maior aceitação grupal e a possibilidade de vivenciar práticas de lazer e consumo valorizadas nos universos juvenis, como ir ao *shopping*, ao barzinho com os amigos; levar a namorada para sair; comprar roupas “da moda”; colocar um *piercing*; comprar um celular, entre outras citadas pelos jovens pesquisados.

¹⁷ Estatuto da Criança e do Adolescente.

O Gui antes trabalhava no mercado. Ele teve que mentir a idade, porque o homem não contratava “de menor”, mas ele adorava, porque dava certo com a hora da escola, aí ele conseguiu comprar o celular dele, que ele tanto queria, e comprou até o videogame. Isso não sei se foi tão bom porque agora não sai mais da frente desse negócio (risos). Agora ele tá entregando panfleto de casa em casa pro mercado. Também gosta desse servicinho, porque ganha por dia e aí ele compra as coisas pra ele, vai na lan house... (Francisca).

Assim, como os dados mostraram, a lógica que operava na construção das experiências de socialização dos jovens pesquisados nas camadas populares era definida pela falta de recursos financeiros para a matrícula dos jovens em cursos — nenhum deles realizava curso extraescolar durante a pesquisa (Quadro 4) —; pela falta de identificação desses pais com algumas práticas atuais dos filhos, como o uso da internet, por exemplo; pela dificuldade de manejar esse uso. Esse era o caso de Felipe, especialmente em relação ao curso informática.

Os jovens irmãos, Ana e Guilherme, filhos de Francisca e João, apresentaram em suas rotinas práticas relacionadas principalmente a trabalhos informais e passatempos, algumas delas direcionadas e supervisionadas pelos pais: o trabalho, por exemplo, Ana realizava em conjunto com a mãe.

De terça e quinta vou na casa de uma mulher fazer faxina com a minha mãe, eu ajudo ela. Nos outros dias, tô ficando o dia inteiro em casa, mas arrumei um serviço de babá. Tô olhando o filhinho da amiga da minha mãe, ela deixa ele aqui quando vai trabalhar cedinho até a tardezinha. Aí é melhor, né, fico em casa, mas ganho um dinheirinho também. (Ana, 16 anos, em período de férias escolares).

Ana relatava que sua prática preferida era assistir televisão, principalmente novelas e filmes e, assim como os outros jovens estudados das camadas populares, tinha acesso aos canais abertos da televisão nacional. Ela associava esse gosto por televisão a um hábito que havia adquirido quando pequena, influenciada por sua mãe, que precisava levá-la para a casa onde trabalhava como doméstica; e, enquanto fazia o seu trabalho, a única atividade possível para entreter a filha era a televisão.

Minha mãe falou que eu sou viciada em TV? (risos) É assim, oh, quando ela ia fazer faxina nas casas das mulheres, né, (olha pra mãe e sorri) ela me colocava na frente da televisão e falava assim: “Ana, não sai daí!” Eu assistia Teletubs, lembra? (sorri olhando pra mãe). Por isso

que eu fico na televisão assim, (ri), nossa, eu sou viciada em TV. Aí, quando eu chego assim, só TV (ri). (Ana).

Nos fins de semana, Ana costumava ir à *lan house*, à casa das amigas e a reuniões do grupo de jovens da igreja. Todas essas atividades eram realizadas em seu próprio bairro, e uma vez por mês, em média, Ana ia para a “cidade” para “bater perna” e passear no *shopping* para “ver vitrines”, comer e ir ao cinema. As idas ao *shopping*, principalmente ao cinema, eram motivos de brigas em casa. A mãe, além de preocupada com a distância e a hora em que os filhos chegariam em casa, também questionava o gasto com o ônibus e as entradas. Francisca nunca havia ido a um cinema e, segundo Ana, por essa razão, não compreendia essa prática da filha. Assim, por diversas vezes, Ana ia ao *shopping* sem a permissão de sua mãe, dizendo a ela que iria à casa de uma amiga. A jovem atribuía esse gosto pelo cinema à convivência atual com as amigas e, na infância, com sua madrinha, ex-patroa da mãe, com quem foi a primeira vez ao cinema.

Sobre a educação recebida da mãe, Ana relatava que era rígida e com pouco diálogo.

É assim, eu entendo, tem que ter hora pra chegar em casa e tudo, mas ela pega no pé demais. Por isso, eu não conto as coisas pra ela, porque eu sei que ela não vai entender, sabe. Tipo, minhas amigas pra ela são todas tranqueiras, tem umas que são mesmo, mas não as que eu mais ando. Então, nem falo. Ela só confia mesmo quando é alguma coisa da igreja (Ana).

Ana também gostava de ir a quermesses no bairro e a uma festa com música eletrônica — “Cristoteca” — realizada pelo grupo de jovens da igreja. Para custear essas saídas, Ana e seu irmão usavam o dinheiro recebido pelos “bicos” que faziam: entrega de panfletos, faxinas e trabalho como babá.

Como Guilherme e Ana tinham vários amigos em comum, todos da escola onde estudavam e da igreja do bairro, saíam juntos. Porém revelavam, além de afinidades, preferências distintas quanto a atividades, a interesses escolares e a modos de ser. Ele, com suas roupas largas, chamativas e cheias de acessórios metalizados, tinha como atividades preferidas jogar futebol e *videogame*.

Embora Guilherme se julgasse um aluno ruim, enfatizava gostar de matemática, pois considerava a disciplina importante para aprender a “mexer” com carros, atividade pela qual se interessava.

Guilherme: *“Ah, eu gosto mais de matemática, das outras matérias eu não gosto”.*

Pesquisadora: *Por que você gosta de matemática?*

Guilherme: *Ah, porque eu acho que também eu quero mexer com mecânica, aí mexe mais com matemática, porque eu vejo na televisão, e porque também eu gosto de carro, mexer com carro, essas coisas, carro, moto.*

Em relação a práticas de leitura, Guilherme não realizava nenhuma leitura não escolar: *“Quando eu fico em casa fico na TV e mais no vídeo game também. Se eu começo a ler alguma coisa pra escola é incrível: dá fome! (risos) Acho que só, ah e ajudo minha irmã, minha mãe, lavo a louça e faço o almoço quando dá”.* Ana, porém, lia esporadicamente revistas direcionadas ao público jovem e de “fofoca” sobre famosos, como: *Capricho, Caras e Contigo.*

As preferências musicais aproximavam os dois irmãos: ambos relatavam gostar *“de todo tipo de música”*, mas enfatizavam o gosto por música sertaneja, música eletrônica e pagode. Cresceram ouvindo música sertaneja com os pais, e as músicas eletrônicas conheceram através de sua rede de amigos da escola e da igreja. O rádio sempre estava ligado, na cozinha, em uma rádio popular famosa da região (FM). Essa mesma rádio também costumavam ouvir a caminho da escola, em seus aparelhos de MP3, algumas vezes com fone de ouvido e outras, sem ele, para poder compartilhar a música com seus amigos no trajeto. *“...o tipo de música que eu gosto mais é black, pagode, sertanejo, psy, eletron, axé, ah, e quase todo tipo de música”.* (Ana, 16 anos).

A mesma diversidade Ana revelava em relação a programas de televisão e filmes:

Gosto de quase tudo, de filme de romance, comédia, terror, aventura, às vezes não tem nada bom passando e fico assistindo só pra passar o tempo mesmo, porque de TV, o que gosto mais mesmo é de desenho e

novela. Na hora da novela, ninguém nem fala comigo, porque já sabem! (risos). (Ana).

Essa fala de Ana menciona de forma clara o sentido de “*passar o tempo*” que esses jovens atribuíam à maioria de suas práticas: Ana, Guilherme e Felipe enfatizaram, em diversos momentos, a “*falta do que fazer*” em suas horas livres, que eram muitas em sua rotina, em evidente contraposição ao que ocorria com os jovens estudados nas camadas médias. Os diálogos seguintes apontam opiniões coincidentes de dois jovens:

Guilherme: Às vezes não tem nada pra fazer, não! O que salva é o grupo de jovens que agita algumas coisas nas casas, e a gente assiste filme. A gente faz festa também, com música eletrônica, aí é legal, mas faz dois meses que não tem nenhuma. Ah, e tem a lan house, o campinho, pra passar o tempo também.

Felipe: Eu vou no shopping, de vez em quando. Umas três vezes no mês assim. Mais ou menos, uma média.

Pesquisadora: E o que vocês fazem lá?

Felipe: Ah, vê filme, vitrine de loja também. Passa o tempo também se não tem nada pra fazer aqui, aí a gente vai pra lá. Às vezes, não tem nada pra fazer, é um saco.

No próximo tópico será exposto o caso do jovem Eduardo, que também oferece evidências dessa associação entre práticas juvenis e posição social, através das experiências familiares de socialização e de outras importantes variáveis, como renda e capital cultural dos pais.

2.3 Eduardo: outro jovem oriundo da camada popular

Eduardo, 15 anos, também pertencente a uma família popular pouco escolarizada (Quadro 1), revelou em sua rotina práticas parecidas com as de Guilherme e Ana.

As condições socioeconômicas das famílias de Eduardo e de seus amigos e vizinhos, Guilherme e Ana, tinham pontos em comum. Ambas residiam no Parque Esperança em terrenos não legalizados e estavam envolvidas com trabalhos informais e manuais que geravam uma renda *per capita* mensal em torno de meio salário mínimo.

Também em relação à escolaridade, havia semelhanças: tanto os pais de Eduardo como os de Ana e Guilherme interromperam os estudos no ensino fundamental.

Filho de José, serralheiro, e Helena, babá (Quadro 1), descendentes de antigos camponeses italianos que migraram para a região em meados do século XX, Eduardo trabalhava como vendedor de verduras nos bairros vizinhos nos fins de semana, com um amigo de seu pai, morador do bairro, e tinha como práticas supervisionadas somente as realizadas na escola do bairro.

Na escola, Eduardo considerava-se um aluno mediano e dizia não gostar de estudar e, principalmente, não gostava de ler; por isso, nenhuma leitura não escolar fazia parte de sua rotina: lia apenas o que era obrigatório para provas e trabalhos da escola.

No horário contrário ao da escola, o garoto ocupava-se com práticas (Quadro 3) predominantemente não supervisionadas, associadas a diversão e passatempos, como assistir TV (canais abertos: desenhos, novelas e programas nacionais), soltar pipa, passear com seu cachorro, jogar futebol no campo do bairro, jogar videogame em sua casa e na de amigos, ir ao fliperama e à *lan house* do bairro. Eduardo pagava os gastos que tinha com essas práticas com o dinheiro que recebia com a venda de verduras nos fins de semana, o equivalente a trinta reais semanais.

Além dessa programação diária de lazer, Eduardo também costumava frequentar o *shopping* Dom Pedro com seus amigos uma vez por mês, geralmente aos domingos. Não fazia parte do grupo de jovens da igreja do bairro, grupo que Ana e Guilherme integravam e que promovia diversos programas, como festas, sessões de filmes e outros eventos — “Cristoteca”, quermesses, etc. — voltados para esses jovens; mas, embora não tivesse uma religião, estava pensando em começar a participar desse grupo com seus amigos, pois, muitas vezes, segundo seu relato, não tinha como ocupar seus horários livres.

De alguns de seus momentos de lazer — campo de futebol, fliperama, lanchonete do bairro — seu irmão mais velho, Roberto, 25 anos, também participava.

Com ele Eduardo conversava mais sobre assuntos como: namoro, amigos e “baladas”. Também a relação com sua mãe — embora esta fosse rígida — Eduardo considerava afetiva, mas, com seu pai, era distante e com pouco diálogo. Seus pais também haviam recebido uma educação rígida de seus avós e, como os outros pais entrevistados desse grupo, começaram a trabalhar ainda na infância, ambos na agricultura.

Eduardo relata:

Minha mãe assim, ah, ela é legal, tem hora que não quer que eu saia, porque sempre tem coisa em casa pra fazer, mas ela acaba deixando, não tem jeito (risos)...

Pesquisadora: *E seu pai?*

Eduardo: Não vejo ele direito, não paro em casa e ele também. E não tem muito papo, ele é meio ignorante, é melhor nem falar. Não converso muito com ele. Não converso muito em casa. É mais com o meu irmão.

Pesquisadora: *Seu irmão?*

Eduardo: É, o Roberto, ele não está agora, tá fazendo um bico com meu pai. Ele também conhece o pessoal que eu ando, aí é mais fácil [...]”

O que se observou, no entanto, foi que alguns padrões de relação, como a educação recebida por Eduardo e a sua trajetória familiar, têm vários pontos em comum com os de seus amigos Guilherme e Ana, assim como com o de Felipe, estudado nos itens anteriores. Desses elos, destacaram-se, principalmente: as experiências de socialização ligadas a trabalhos informais e manuais dos pais, a educação baseada em menos diálogo e mais “sanções” verbais e, algumas vezes, físicas e a predominância de práticas de lazer não supervisionadas pelos pais. Essas questões também aparecem no caso a seguir e serão tratadas no próximo capítulo.

2.4 Gabriela, entre o trabalho, a casa e a escola: uma rotina acelerada

Gabriela, 17 anos, também da camada popular menos escolarizada, é filha de Manoel, lavrador, e Maria, cabeleireira. Durante a semana, Gabriela tinha o seu tempo quase todo preenchido por seu trabalho como auxiliar administrativa em uma indústria

química, onde passava oito horas por dia. O tempo que lhe restava era dividido entre práticas escolares no período noturno na escola pública do bairro e domésticas, como lavar sua roupa e ajudar o pai com a louça (Quadro 4).

Seus pais casaram-se ainda jovens: Manoel, com dezoito anos; e Maria, com quinze. O casal migrou do nordeste do País, Seara, com o objetivo de buscar melhores condições de vida no estado de São Paulo, onde iniciou sua nova vida com trabalhos domésticos e na construção civil. Maria formou-se no curso de cabeleireira, e Manoel conseguiu um trabalho com carteira assinada no Ceasa. Esses fatos possibilitaram uma melhora nas condições financeiras da família, que passou a ter uma renda *per capita* média mensal de um salário mínimo.

Há cinco anos, o casal separou-se, e Gabriela optou por continuar residindo com o pai, com quem considerava ter uma relação próxima e de ajuda mútua. *“Meu pai não quer que eu ajude com nenhuma conta em casa, nisso ele me ajuda bastante. Eu também ajudo, porque homem você já viu, né? Eu que lavo a louça e roupa também. Uma correria pra mim...tem que ser de fim de semana, à noite...”*

Assim, apesar de Gabriela sentir saudades da mãe e do irmão mais novo, Lucas, 12 anos, ela fez a escolha de morar com o pai devido a antigos vínculos que considerava importantes: não queria ficar distante de seus amigos, da igreja e da escola do bairro onde morava desde a infância, e a mãe decidiu mudar de bairro para abrir seu novo salão de beleza.

Nos finais de semana, encontrava os amigos em suas casas, na praça ou no *shopping*. Também frequentava a igreja católica, onde cantava no coral e tocava violão. Reservava a tarde dos sábados para fazer a faxina da casa e lavar roupas. Aos domingos, gostava de assistir a seu programa de TV preferido (*Globo esportes*), pela manhã, e lamentava não ter mais tempo para assistir TV durante a semana, em especial a novelas, pois, no horário destas, estava na escola. Usava os momentos de folga também para visitar a mãe e o irmão: costumavam cozinhar juntos, assistir TV e, algumas vezes, sair para passear no *shopping*.

Gabriela tinha um gosto musical variado: gostava de Legião Urbana e outros *rocks pops* nacionais e, através do grupo de coral da igreja, também aprendeu a apreciar músicas populares brasileiras como as de Roberto Carlos, Chico Buarque e Caetano Veloso.

Estava concluindo o ensino médio e, por influência de colegas do trabalho, tinha planos de prestar o vestibular para a faculdade de Química na Unicamp. No entanto, perdeu o prazo de inscrição para o exame e decidiu que tentaria realizar um curso técnico na mesma área. Com uma rotina acelerada, tomada pelo trabalho, pela escola e pelas tarefas domésticas, pouco tempo sobrava para a prática de leituras não escolares e de lazer durante a semana. No trabalho, em seu horário de almoço, Gabriela aproveitava para estudar para provas, fazer trabalhos escolares e acessar a internet.

Utilizava seu salário apenas para gastos consigo mesma (roupas e saídas) e, por não precisar ajudar com as contas da casa, já havia começado a economizar para pagar o desejado curso técnico de Química, que pretendia iniciar no próximo ano.

Mesmo sem ter ainda iniciado esse curso, já havia ultrapassado seus pais em relação à escolaridade, caracterizando, portanto, mais um exemplo de família cuja trajetória compõe um histórico de mobilidade social e ascensão escolar.

Contudo, a exposição do caso de Gabriela e dos anteriores serve para pensar, através do estudo da posição social dessas famílias e das práticas juvenis, em que condições se dão as experiências de socialização desses jovens pertencentes às camadas populares menos escolarizadas. Os dados apontaram para lógicas de socialização pautadas mais em práticas ligadas a trabalhos formais e informais do que em práticas de estudo, como cursos extraescolares e horários definidos pelos pais para leituras e outras atividades de estudo. Um dado que reforça essa afirmação é o fato de todos os jovens estudados desses grupos realizarem algum tipo de trabalho (faxina, panfletagem, auxiliar administrativo, babá e feira), exceto Felipe que, como vimos, vivenciava inúmeros conflitos com os pais, devido ao fato de não trabalhar. Um fato que ilustrava essa lógica era a opinião de Luci, ao saber que o filho Felipe havia se matriculado em um curso gratuito de *web design* (construção de *sites*) oferecido pela

prefeitura. Ela relatava: *“Mas outro curso? Eu falei pra ele: ‘Bem que podia ser um servicinho, né?’ Ele quer tanto um trabalho, e aí, ele já estuda só à noite mesmo, né, aí dá muito bem pra ele trabalhar.”* (Luci).

Nesse sentido, no mundo atual, ao mesmo tempo que a escolaridade prolongada aumenta a possibilidade de os grupos viverem a experiência da juventude¹⁸, dando ao indivíduo um *status* temporário entre ser criança e ser adulto, ocasiona um mal-estar no jovem das camadas populares, na medida em que, para ele ser reconhecido socialmente por seu grupo social, é preciso começar a trabalhar.

Na direção dessas questões, Bourdieu afirma:

Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes, ou para encurtar, entre as duas juventudes. Por exemplo, poderíamos comparar sistematicamente as condições de vida, o mercado de trabalho, o orçamento do tempo, etc., dos “jovens” que já trabalham e dos adolescentes da mesma idade (biológica) que são estudantes: de um lado as coerções do universo econômico real, apenas atenuadas pela solidariedade familiar; de outro a facilidade de economia de assistidos quasi-lúdica, fundada na subvenção, com alimentação e moradia e preços baixos, entradas para teatro e cinema a preços reduzidos, etc. (BOURDIEU, 1978, p.113).

2.5 Os jovens, os limites e as escolas

Contudo, como já exposto, importantes experiências de socialização são produzidas na escola, cuja escolha, por sua vez, é definida pela posição social dessas famílias.

¹⁸ Sobre essa possibilidade de viver a “juventude”, Bourdieu afirmava: “o fato de diferentes classes sociais terem tido acesso de forma proporcionalmente maior ao ensino secundário e de, ao mesmo tempo, uma parte dos jovens (biologicamente) que até então não tinham acesso à adolescência, terem descoberto este status temporário, ‘meio criança, meio adulto’; ‘nem criança, nem adulto’”. (BOURDIEU, 1978, p.114).

QUADRO 5 - Distribuição dos jovens da camada popular estudados, considerando a escolaridade e o tipo de escola

Jovem	Escola	Série	Tipo
Gabriela, 17 anos	E.E. Barão Geraldo de Rezende	3ª série E.M.	Pública
Pâmela, 16 anos	E.E. Barão Geraldo de Rezende	3ª série E.M.	Pública
Eduardo, 15 anos	E.E. Barão Geraldo de Rezende	8ª série E.F.	Pública
Felipe, 16 anos	Escola Técnica de Paulínia	1º série E.M.	Técnica/Pública
Guilherme, 15 anos	E.E. Barão Geraldo de Rezende	8ª série E.F.	Pública

Os jovens estudados desse grupo estavam todos na rede pública. Guilherme, Eduardo, Gabriela e Ana estudavam na escola pública mais próxima de suas casas. Já Felipe, como relatado anteriormente, estudava em uma escola técnica pública de informática considerada de alto padrão e escolhida por influência de sua tia, professora, e de amigos da escola pública do bairro, onde estudava anteriormente.

Nesse contexto, os pais tinham um menor repertório de instituições para a seleção da escola dos filhos, e, na maioria dos casos, as vagas eram deferidas pelas escolas públicas, conforme o local de moradia das famílias.

Apesar disso, os relatos desses pais revelaram tentativas de selecionar escolas públicas mais centrais, consideradas de melhor qualidade, para o filho estudar. Porém fatos como a falta de recursos para o passe escolar¹⁹ impossibilitavam a matrícula dos jovens nessas instituições. O longo tempo do percurso da casa para a escola foi outro fator que apareceu como impedimento para a seleção dessas escolas públicas consideradas “melhores” pelos pais. Escolas “melhores”, para esses pais, significavam

¹⁹ O passe escolar é um benefício fornecido pelo Estado. Com isso, os alunos das escolas públicas que moram longe dela, recebem um desconto de 60% sobre o preço integral da passagem de ônibus. Dessa forma, pagam 40% da passagem, custo que, muitas vezes, não é possível dentro do orçamento familiar, e as famílias optam por escolas mais próximas de suas residências.

escolas que tinham menos greves, menos faltas de professores e ofereciam maior segurança em relação a drogas e violência entre os alunos. Nas palavras de uma mãe:

Francisca: Eu queria mesmo é que eles estudassem lá no Carlos Gomes, sabe? Mas, fica muito longe daqui, lá eles até dão a vaga, é estadual, quando é municipal eles dão preferência pra quem é do bairro.

Pesquisadora: Como a senhora conheceu essa escola, Francisca?

Francisca: É aquela escola perto da prefeitura, sabe? Dizem que é boa, os professores são melhores, não faltam e não é igual a escola daqui que vive cheia de molecada na porta de escola, vendendo droga, essas coisas. Eu sei que lá, tem até viatura da polícia na entrada e na saída da aula, que fica rondando. (Francisca, 37 anos).

Assim, embora tenham aparecido, nos relatos dessas famílias, critérios para a seleção da escola dos filhos, as opções eram significativamente menores na rede pública, como mostra o relato de outra mãe, Luci:

Luci: O Felipe estudou numa escola só antes do técnico. Eu coloquei ele lá, porque aqui nessa outra escola, tinha muita greve, né? Só era greve, greve. As crianças ficavam mais em casa do que na escola e lá nessa escola não tinha greve. Né, Felipe? Não teve nenhuma greve lá, né? E minhas amigas também têm os filhos todos lá, ele tem bastante primo que estuda lá também. Então a escola é boa. Muita gente falava pra mim que a escola era boa, aí ele estudou no parquinho e eu já coloquei ele lá e ficou até a oitava série. É a antiga escola da Bosch, sabe? ...fica no Floresta, perto da casa da minha mãe, da vó dele. (Luci, 36 anos).

No entanto, apesar de tentativas, por parte da família, de selecionar, dentro de um repertório restrito, a escola dos jovens, neste grupo, diferentemente das camadas médias, constatou-se uma relação mais distante entre escola e família.

Nos relatos de duas mães, esse distanciamento fica evidente:

A Ana fala bem de lá. Eu nem posso falar muito, porque se fui lá duas vezes foi muito, não dá pra ir nos horários que eles marcam e também não vou pedir pra mudar, né? E também, se a gente vai, é só pra falar mal dos filhos, dizer que a gente não acompanha, não faz do jeito deles. Isso no caso do Gustavo, porque a Ana não dá trabalho nenhum. Quem me conta mais as coisas de lá são eles mesmo. (Francisca, 37 anos).

Pesquisadora: *E a senhora ia lá, tinha contato lá com o pessoal, com o diretor?*

Mãe: *Não. Não dava pra ir lá. E eu trabalhava na firma né, e aí tinha bastante mãe que tinha o filho lá também. E aí iam falando pra mim, aí eu coloquei lá, e meus irmãos colocou também. Aí ficou tudo pra lá. Foi bom, não teve uma greve que eu sei, por isso também que não ia lá, nem precisava, né? (Luci, 36 anos).*

Ao finalizar este capítulo, é importante considerar que os dados sugeriram que a distância das experiências de socialização entre pais e filhos neste grupo simbolizava, em grande medida, falta de identificações, repertórios e sentimentos de impotência dos pais para lidar com algumas práticas atuais dos jovens. Dessa forma, esses pais, como no caso do uso da internet e da realização de cursos pelos filhos, muitas vezes tentavam intervir baseados em crenças produzidas por várias fontes, como a mídia, a escola e os “patrões”.

Contudo, neste grupo, parte significativa das experiências de socialização dos jovens ficava nas “mãos” do Estado, tendo essas famílias apresentado menor repertório de seleção dos espaços sociais frequentados pelos jovens e menor poder para interferir em algumas experiências vividas por eles em importantes instâncias como, por exemplo, a escola. Assim, podemos afirmar que, nesses casos, a seleção escolar configurou-se como um forte mecanismo de diferenciação entre esses jovens e os dos outros grupos estudados.

CAPÍTULO 3

ESSAS E AQUELAS JUVENTUDES: ALGUMAS CONCLUSÕES

Neste capítulo serão apresentadas: uma análise comparativa das práticas e das experiências de socialização dos jovens estudados e as principais conclusões extraídas da pesquisa de campo: (i) as práticas dos jovens são diferenciadas porque são produtos de processos de socialização diversos e (ii) os processos de socialização são diferenciados porque também a posição social das famílias é diversa.

O que se observou no estudo das rotinas dos jovens pesquisados foi que as lógicas de socialização operantes nas diferentes esferas de sua vida (família, amigos, escola e territórios) são significativamente diferentes e variam conforme a posição social de suas famílias.

Como vimos, a possibilidade de os jovens dedicarem-se por mais tempo à escolarização e à formação profissional apareceu como um forte investimento em famílias de alto capital cultural e naquelas em ascensão escolar. A importância que esses pais davam ao tempo do filho para práticas de estudo, como elaborar trabalhos escolares, estudar para o vestibular, pesquisar na internet e realizar cursos diversos foi uma das expressões desse investimento. Assim, como foi visto no capítulo 1, os jovens pesquisados, filhos de pais com curso superior, referiam-se à possibilidade de cursar uma faculdade de forma “naturalizada” e, em sua rotina, preparavam-se para tal experiência. O fato de jovens como Bianca e Carolina, com quatorze e quinze anos de idade, respectivamente, já pensarem na faculdade que gostariam de fazer (pediatria ou arquitetura e música) reforça essa afirmação.

Nas entrevistas, esses pais problematizavam a educação dada aos jovens pesquisados, realizando críticas à escola, a outros pais e a si mesmos.

É muito difícil pensar sobre a educação de Carolina. Tem sido um exercício e tanto! (risos...) São tantas as variáveis, agora ela ta ficando mocinha e tem tido mais liberdade, sai mais com as amigas e, quando recebe um não, vem sempre com aquele papo: “Todos os pais deixam,

porque vocês têm que ser diferentes?” Difícil...A gente às vezes não sabe como lidar com esse tipo de cobrança, por exemplo. Aí a gente conversa, tenta mostrar o porquê e chegamos num acordo...Não dá pra prender, né, eu sei, tive essa idade, curti bastante e sei como é. O que eu tento é que ela sempre me fale tudo, não afastar ela de mim, pra pelo menos ir conversando com ela sobre as coisas...Converso bastante com algumas mães de amigas delas também, a gente combina quem leva e busca, fala sobre o lugar, horário, isso ajuda... (Cristina, 37 anos).

Dessa forma, as mães pesquisadas desse grupo, apesar de reconhecerem a influência de outros agentes, como a escola e os amigos, demonstraram sentir-se as maiores responsáveis pelo comportamento dos filhos, utilizando formas de controle através da persuasão e argumentação e, algumas vezes, privando o jovem de recursos que inviabilizariam a realização de alguma prática não autorizada, como, por exemplo, deixar de levar o jovem a certos lugares ou, mesmo, de dar dinheiro. Assim, a dependência financeira também apareceu como uma forma de controle de algumas práticas dos jovens por essas famílias. No entanto, esses pais, socializados em faculdades de alta reputação, inclinavam-se a ser, por um lado, mais identificados com algumas experiências dos filhos e por isso, em alguns aspectos, mais liberais; por outro, mais controladores e exigentes em termos de círculos de amizades e de estudos.

O que apareceu também foram maneiras bastante específicas com as quais esses pais disciplinavam e organizavam o tempo dos filhos: direcionavam, desde a infância, práticas supervisionadas e extraescolares, como leituras não escolares, aulas de balé, canto, violão, inglês, francês, natação, artes marciais, entre outras. Entretanto, pode-se inferir que essas formas de controle e supervisão da utilização do tempo dos jovens por esses pais organizavam e incidiam diretamente sobre o conjunto de práticas que formavam suas rotinas.

Já entre os jovens da camada popular pesquisados, práticas de estudo complementares ao ensino formal, como cursos e leituras não escolares, apareceram com menos frequência que práticas ligadas a trabalhos formais ou informais. Essa afirmação é reforçada pelo fato de todos esses jovens estudados trabalharem (Quadro 4), com exceção de Felipe que, como vimos, vivia inúmeros conflitos com os pais

devido ao fato de não trabalhar “fora” e dedicar-se exclusivamente ao curso técnico de informática.

Os dados também sugerem que, nas camadas populares, a distância entre pais e filhos, nas experiências de socialização, simbolizava, em grande medida, falta de identificação e de repertório comum e sentimentos de impotência dos pais para lidar com algumas práticas atuais dos jovens (uso da internet, prolongamento dos estudos, etc.). Muitas vezes, essas famílias tentavam intervir baseadas em crenças produzidas por várias fontes, como a mídia, a escola e os “patrões”. Assim, esses pais, socializados em sua juventude principalmente através do trabalho braçal, recorriam menos ao diálogo e, algumas vezes, valiam-se de punições físicas. Tinham menos informações e pouco controle sobre a sociabilidade de seus filhos, o que se materializava nas poucas possibilidades de escolha de importantes espaços sociais, como, por exemplo, a escola.

Esses jovens, por sua vez, apresentaram maior independência dos pais em alguns aspectos, como no caso das saídas com os amigos e das práticas não supervisionadas que realizavam em suas rotinas pelo bairro: soltar pipa, “*dar um pião*” pelo bairro, fazer saídas noturnas, etc. Como vimos, saíam com seus pares a pé, de *bike* ou de ônibus, com o dinheiro que ganhavam em seus trabalhos formais ou informais, e frequentavam espaços mais próximos de seu bairro. Os pais desse grupo também apresentaram inúmeras preocupações com seus filhos; no entanto, tinham menos recursos e menos informações para fazer a seleção e o controle dos espaços sociais frequentados por eles e de suas redes de amizades.

Em oposição a essa lógica, entre os pais das camadas médias mais escolarizadas, os dados deram evidências de que essas famílias incentivavam de diferentes formas algumas práticas de estudo realizadas pelos jovens. De forma *simbólica*, através de práticas de leitura conjunta, horários definidos para atividades de estudo, acompanhamento das tarefas escolares, monitoramento dos cursos extraescolares e das saídas conjuntas para programas culturais, como *shows*, teatro e cinema; e também de forma *material*, através do financiamento desses cursos, da compra de livros, de assinaturas de jornal, TV a cabo, internet, pagamento de entradas

para atividades culturais, entre outros. Nessa lógica, a possibilidade de os jovens experimentarem vários cursos e dependerem financeiramente desses pais para dedicar-se a essas experiências (cursos, faculdades, etc.) também expressou esse tipo de investimento feito por essas famílias. Nesse sentido, é importante considerar que experiências de socialização como as descritas acima também apareceram na trajetória desses pais que, identificados com seus filhos, também viveram na juventude a possibilidade de depender financeiramente de seus pais, realizar cursos e frequentar faculdades (Quadro 1).

Assim, como já exposto, um aspecto comum a todos os jovens da pesquisa foi o fato de a escola ser seu principal espaço social, no qual se faz amigos, se “fica com as meninas”, se paquera, se combina de “sair” e se conhecem os “sons”. Ela é o lugar onde se dá a construção de suas principais redes de sociabilidade: na rotina dos jovens em foco, configurava-se como definidora de importantes experiências de socialização — práticas de lazer, esportivas e sociais. Porém, como o estudo mostrou, a seleção escolar e, conseqüentemente, social ocorria de forma desigual entre os jovens em diferentes posições sociais e materializava-se, em diversas esferas de sua vida, como um forte mecanismo de diferenciação entre seus grupos.

Entretanto, ficou também evidenciado que o trabalho de socialização realizado pelas famílias dos jovens em foco estava diretamente relacionado com as características do território onde viviam. Sobre isso, Elias e Scotson (2000) apontam que a estrutura do bairro pode influenciar o desenvolvimento da personalidade dos jovens que nele crescem, assim como a posição social da família em um contexto social mais amplo forma a autoimagem do jovem, o que tem efeito direto sobre sua atuação no mundo social. De fato, a pouca iluminação das ruas nos bairros populares e os vários relatos sobre abordagens policiais vividas por seus jovens moradores, por exemplo, demonstraram mais uma diferença entre as experiências de socialização destes e as dos jovens das camadas mais altas.

Nos relatos destes últimos não apareceu, em nenhum momento, a referência à instituição “polícia”, e o assunto “drogas ilícitas” foi abordado de forma velada, quase como um tema tabu para esses jovens na relação com seus pais. No entanto, mesmo

que essa questão não tenha vindo à tona no discurso desses jovens e pais entrevistados, no estudo do campo, a referência a um ponto de tráfico surgiu no relato de moradores de um dos bairros de classe média pesquisado (Cidade Jardim). Já sobre drogas lícitas, como álcool e tabaco, pais e jovens desses grupos demonstraram conversar com maior frequência e abertura.

Portanto, em contraposição a essa realidade, a presença da polícia no cotidiano dos jovens pesquisados nos bairros populares apareceu como uma marca importante de suas experiências de socialização, direcionando as formas como suas famílias lidavam com questões como os horários de entrada em casa (*“toque de recolher”*), medo de os jovens serem detidos por frequentar certos espaços do bairro, como bares e praças, entre outros. Por essa razão, o assunto “drogas”, tanto lícitas como ilícitas, era abordado frequentemente por esses jovens e por seus pais. Entretanto, um dado que pode oferecer evidências sobre a abordagem mais frequente desse assunto por essas famílias era o fato de conviver com o tráfico de drogas em seus territórios, muitas vezes com atuações “escancaradas” e bem próximas de suas casas.

A referência às constantes abordagens policiais sofridas por jovens das camadas populares não envolvidos com o universo infracional reforça a atuação de um antigo fenômeno social, denominado pela literatura (WACQUANT, 2001) “criminalização da pobreza”; aqui, mais especificamente: “criminalização da juventude pobre brasileira” (TEIXEIRA, 2006). Sobre isso, pensando sobre as diferenças entre as juventudes, Bourdieu escreveu: “[...] os garotos mal vestidos de cabelos longos demais, que nos sábados à noite passeiam com as namoradas numa motocicleta em mau estado, são os que a polícia pára.” (BOURDIEU, 1978, p. 113).

Outra importante variação que o estudo verificou foi a forma como os jovens pesquisados circulavam por seus territórios: na camada popular, de bicicleta, de ônibus ou a pé; nas camadas médias, com o carro da família, de carona, com transporte contratado e, esporadicamente, em situações específicas, de ônibus ou de bicicleta (Quadros 2 e 4). Podemos supor que essas diferentes formas de circulação dos jovens também faziam com que eles olhassem para seus territórios — de amplitudes distintas — por diferentes perspectivas.

Em contraposição aos jovens das camadas populares, os das camadas médias circulavam por diversos lugares da cidade, pois suas redes de sociabilidade estavam pulverizadas em diversos bairros classe média, e os encontros aconteciam em lugares centrais da cidade, como o *shopping center*, os teatros e os bares. Esses jovens frequentavam casas noturnas: Casa São Jorge (bar, com *couvert* artístico, que tocava chorinho, samba de roda e MPB), Bar Biroasca (*pub* com bandas de *rock* ao vivo, também com *couvert* artístico), clubes (bailes, festas temáticas, matinês e *shows*), entre outros.

Os espaços de circulação dos jovens das camadas populares, por sua vez, eram mais próximos de seus bairros. Frequentavam, principalmente, churrascos com os amigos, churrascos de família, “*barzinhos com mesinha pra fora*”, *lan houses*, *shopping center*, encontro de jovens da igreja, entre outros. Dentre os espaços noturnos, estes eram os mais frequentados: Bar Bate Ponto (próximo à escola), Bar do Fernando (bar e lanchonete do bairro) e uma casa de *shows* próxima ao *shopping* Dom Pedro.

O *shopping center* apareceu como o espaço de lazer comum a quase todos os jovens da pesquisa, exceto Vinícius, que relatava não gostar de ir a *shoppings*. No entanto, o que se constatou foi que, apesar de ser essa prática comum aos jovens, ela acontecia em cenários diferentes e com frequências diversas: os jovens das camadas populares e médias pouco escolarizadas circulavam pelo *shopping* Dom Pedro, mais próximo dos bairros e mais acessível economicamente, por oferecer um grande número de serviços de lazer e alimentação. Já os jovens das camadas médias altamente escolarizadas e em ascensão escolar, frequentavam outro *shopping*, o Iguatemi, mais distante dos seus bairros, com menor número de lojas e serviços, voltado para um público mais elitizado e atraindo esse público, por exemplo, com programações diferenciadas de filmes e eventos (exposições, *vernissages*, etc.). Entre os pais destes últimos, também apareceu a preferência por esse *shopping* para ir a restaurantes, cinemas e para compras diversas. Já entre os pais das camadas populares, que relataram utilizar mais os serviços do centro da cidade para fazer suas compras, o *shopping* era um espaço social visitado com menor frequência.

Porém, não apenas ambientes externos foram apontados como cenários para práticas lazer: também muito difundido entre todos os jovens era o hábito de “*ficar na internet*”, além de ouvir música no celular, no “MP3”, entre outros aparelhos digitais. (Quadros 2 e 4).

Também com nuances e variações entre os jovens nas diferentes posições sociais, a prática de ficar na internet, nas camadas médias mais escolarizadas, estava associada à comunicação com os amigos pelo Orkut, pelo MSN e pelo Facebook; a pesquisas, leituras de notícias, textos em *blogs*, *Twitters*; e à aquisição de arquivos de filmes e músicas em *sites* como “Baixaki” e “Youtube”. Além disso, essas práticas aconteciam principalmente no âmbito doméstico e também eram realizadas, de forma específica, por seus pais, que conferiam suas caixas de *email* frequentemente e realizavam pesquisas diversas.

Nas camadas populares e no caso de Rodrigo, da camada média pouco escolarizada, o tempo gasto no uso da internet era significativamente menor e preenchido principalmente pela comunicação com os amigos através das redes de relacionamento (Orkut e MSN) e, em alguns casos, como no de Eduardo e Guilherme, com jogos em rede nas *lan houses* do bairro. Esses jovens navegavam na internet em diversos espaços, como a casa da patroa da mãe, a escola, a *lan house* e o trabalho. Dois deles tinham acesso à internet em sua casa.

Os jovens das camadas mais escolarizadas gastavam maior tempo na frente do computador, navegando na internet, e com práticas de leitura do que diante da televisão. Esta última prática também revelou divergências: entre os jovens das camadas médias o acesso era maior a canais fechados da TV a cabo, em que assistiam a seriados americanos e documentários e tinham acesso a uma maior diversidade de filmes e programas estrangeiros. Já os jovens das camadas menos escolarizadas assistiam a programas de canais abertos e a programas brasileiros e gastavam um tempo maior com essa prática. Esses dados, sobretudo, fornecem evidências de que as práticas “ficar na internet”, “assistir TV” e outras experiências de socialização vividas através da mídia também são estratificadas e definidas pela posição social das famílias dos jovens pesquisados. Alguns hábitos familiares nas

casas dos jovens poderiam estar associados a essas variações: enquanto assistir TV era hábito comum nas famílias estudadas das camadas populares, nas famílias mais escolarizadas das camadas médias todos os pais dos jovens pesquisados acessavam a internet em seu cotidiano e realizavam práticas regulares de leitura.

Em relação a práticas de leitura, entre os jovens das camadas populares apenas uma jovem se dedicava a leituras não escolares — revistas femininas e de “fofocas”, como *Capricho*, *Caras* e *Fuxico*; os demais realizavam exclusivamente as leituras obrigatórias para a realização de atividades escolares. Já nas camadas médias, todos os jovens tinham em sua rotina a prática de leitura de materiais não escolares, como romances, livros de ficção, de filosofia, revistas científicas e femininas, gibis, jornais impressos, textos em *blogs* e em outros *sites*. (Quadros 2 e 4).

Assim, no que diz respeito ao acesso aos meios de comunicação, a mídia escrita era mais utilizada pelos jovens pesquisados que possuíam maior capital cultural, em contraposição à televisão aberta, veículo mais popular. Os jovens das camadas populares apresentavam uma exposição maior à mídia oral do que à escrita, utilizando a TV como principal meio de informação. Dessa forma, a leitura de materiais não escolares não apareceu como um hábito entre esses jovens. Entretanto, apesar de, entre os jovens das camadas médias mais escolarizadas, esse tipo de prática aparecer com mais frequência, ela também ocorria em cada caso com diferentes nuances e formas. (Quadro 2).

Outro aspecto dissonante evidenciado por este estudo diz respeito à familiaridade com idiomas: todos os jovens das camadas médias mais escolarizadas já haviam realizado ou realizavam cursos de línguas estrangeiras e valorizavam essa prática, enquanto, entre os jovens das camadas populares, essas experiências não apareceram.

Talvez resulte dessa divergência um dado interessante que a pesquisa revelou: os jovens das camadas populares pesquisadas, em uma ida ao cinema, preferiram assistir ao filme dublado (*Harry Potter*), enquanto alguns jovens das camadas médias relataram ter aversão a filmes dublados, preferindo os legendados.

Também em relação a viagens foram constatadas discrepâncias: na camada altamente escolarizada, os jovens relataram experiências de viagens nacionais e internacionais, geralmente acompanhados pelos pais, para lazer, trabalhos ou cursos no exterior. No caso das outras camadas, na trajetória dos jovens apareceram viagens esporádicas dentro do País e associadas a visitas a parentes ou a práticas religiosas.

Além disso, estes últimos revelaram muitas práticas viabilizadas pela escola, como pequenas viagens e saídas para museus, teatros e parques. Nas palavras de Ana:

Ah, eu já fui em bastante lugares com a escola também, tipo no Hoppi Hari, no teatro, mas é um saco, né, porque tem que ficar andando todo mundo junto, aí você quer fazer uma coisa, o outro não quer, aí tem que esperar, aí nem dá pra aproveitar direito, né? Eu quero ir no Hoppi Hari de novo, só que sozinha! (risos). (Ana, 16 anos).

A igreja também apareceu como uma instituição promotora de eventos e espaços de sociabilidade para alguns jovens nas camadas populares, principalmente os moradores do Parque Esperança, que relataram diversas práticas viabilizadas pela igreja do bairro, como: “clube do cinema”, quermesse e “Cristoteca” (festa eletrônica de jovens católicos).

Com esse recenseamento sobre as práticas dos jovens estudados, foi possível constatar também que, em alguns casos, em grande medida nas camadas populares, pela falta de opções, a ida a certos lugares estava mais relacionada à possibilidade de encontrar o grupo de amigos do que ao serviço oferecido pelo espaço, como o tipo de música ou cardápio.

“Ah, eu nem gosto muito de ir lá, tá ligado. Mas se você quer encontrar as pessoas, tem que ir, porque todo mundo vai só lá!” (Guilherme, 15 anos).

“A gente fica mais ali no centro de Barão mesmo, né? Tem um barzinho, a gente fica batendo papo lá. Todo sábado quase, à noite assim, a gente vai pra lá. De vez em quando tem algum show por aí, aí a gente vai também”. (Felipe, 16 anos).

Já em outros casos, como os de alguns jovens das camadas médias, encontrar os amigos também apareceu como um importante fator de motivação para ir a

determinados lugares, mas as opções eram mais variadas e os jovens também avaliavam outras variáveis, como, por exemplo: gênero de música tocada no bar, programação e cardápio. *“Tipo, esse fim de semana eu vi (na internet) que não tem nada legal tocando na casa São Jorge, então nem rola ir, né? Não sei mais aonde eu vou.”* (Carolina). Contudo, esta análise também mostra que há uma associação entre a posição social e as práticas dos jovens, e essa relação define a fronteira entre a legitimidade cultural (a “alta cultura”) e a ilegitimidade cultural (a “subcultura” ou “simples diversão”) na vida desses jovens. O que interessa nessa constatação, no entanto, é o fato de que a posição em relação à cultura “legítima” ou dominante pode ter efeitos sobre o percurso social do jovem, sendo importante considerar que as hierarquias culturais ordenam os indivíduos e as suas práticas, do mais legítimo ao menos legítimo, em uma configuração social maior, da qual participam.

Um fato importante a considerar nessa reflexão é o de que os conteúdos dos vestibulares das universidades públicas mais concorridas no Brasil estão significativamente mais próximos da cultura “legítima” (atualidades, conhecimento sobre línguas, jornais, certos filmes, literatura, etc.). Essa cultura “legítima”, por sua vez, como os dados mostraram, está mais próxima dos jovens pesquisados das camadas médias altamente escolarizadas. Assim, podemos supor que a possibilidade de ascensão escolar e de manutenção da posição social familiar está mais presente na trajetória de vida destes últimos. A aprovação de três jovens — Daniel, Rafaela e Vinícius —, com pais altamente escolarizados, nos exames de seleção para duas importantes universidades públicas (Unicamp e Unesp) reforça essa lógica. Já Rodrigo (camada média pouco escolarizada) e Gabriela (camada popular pouco escolarizada), dois jovens também em fase de vestibular, não prestaram o exame — Rodrigo optou por continuar trabalhando na função de auxiliar administrativo e Gabriela, por manter-se em seu trabalho e realizar um curso técnico.

Apesar disso, confirmando estudos atuais sobre trajetórias de escolarização nas camadas populares menos escolarizadas (ALMEIDA, 2000; LAHIRE, 1997), os jovens pesquisados das camadas populares e médias menos escolarizadas, em relação a tempo de estudos e nível de escolaridade, haviam ultrapassado ou estavam

ultrapassando seus pais, o que caracteriza, nesses grupos familiares, um histórico de mobilidade e ascensão escolar.

Ao pensar sobre essas variações, outro aspecto surgiu no decorrer da pesquisa: a questão racial. Na camada média altamente escolarizada, todos os jovens estudados eram brancos. Na camada média em ascensão social, uma das jovens estudadas era parda, e os outros quatro jovens, brancos. E, nas camadas populares, todos os jovens eram pardos ou negros, exceto Eduardo: branco, descendente de imigrantes italianos camponeses.

Esses dados sobre a raça dos jovens estudados, apesar de não ter sido o foco central da pesquisa, demonstram, sobretudo, uma importante relação entre desigualdade social e racial nas diversas juventudes, o que é muito relevante, quando se discute sobre condições desiguais de socialização entre jovens de diferentes grupos sociais e raciais. Nesse sentido, este estudo, que propõe pensar a complexidade que envolve todo o processo de socialização dos jovens em seus diferentes grupos sociais e nos efeitos disso nas práticas juvenis, leva também a ponderar que políticas de cotas raciais nas universidades são paliativas, considerando justamente essa complexidade em que se dão as experiências e onde se constroem as principais práticas dos jovens com suas famílias nas diferentes posições sociais.

Essas diferentes inserções sociais, conforme mostraram os dados, definem, em grande medida, a forma como esses jovens implementam ou não práticas de estudo em suas rotinas. Isso pode ser determinante em seu modo de viver certas experiências, como, por exemplo, cursar uma universidade, o que pressupõe certas competências que, como o estudo ilustrou, são, em grande medida, adquiridas na esfera familiar. Entretanto, podemos refletir que a instituição de cota racial na universidade não deveria impor-se como uma única opção política (AZEVEDO, 2004) para aqueles que pretendem a diminuição da desigualdade entre jovens de diferentes grupos sociais em nossa sociedade.

Assim, considerando os símbolos distintivos existentes entre os jovens estudados nos diversos grupos, a forma como esses jovens tinham seus visuais

construídos também variou em outros aspectos e pode-se observar entre eles uma pluralidade de formas de vestir-se e de “marcar” um estilo.

Nas camadas mais populares, o uso de roupas falsificadas de *griffes* famosas combinadas com acessórios chamativos, como correntes, brincos e *piercings* metalizados, sugere que os jovens desse grupo, remetendo a Mauss (1974), por “imitação prestigiosa”, buscavam identificar-se com os jovens das camadas mais altas, que consumiam roupas caras e originais, de marcas altamente valorizadas pelo mundo da moda e pela mídia.

Nas camadas médias, Sônia e Bruna, com cortes assimétricos nos cabelos, roupas escuras e *jeans* justo, “de marca”, nas saídas com a turma, faziam um tipo *fashion* misturado com um estilo *emo*²⁰. Bianca usava cabelos longos, vestidos multicoloridos em tecidos finos ou *jeans*. Paulo, Vinícius, Helena e Rafaela usavam roupas confortáveis e neutras, como *jeans* e camiseta, às vezes, com acessórios *hippies*. Rodrigo, pela exigência do trabalho como auxiliar administrativo, vestia-se com roupas mais formais e sociais, como *jeans*, sapato e camisa e, nos fins de semana, usava o básico: *jeans* “de marca” e camiseta. Daniel tinha como visual o cabelo comprido cheio de *drads*, um *jeans* surrado e camisetas de bandas de *rock* ou com frases escritas, símbolos *hippies* e políticos.

No entanto, é possível inferir que a juventude é um momento suscetível à “imitação prestigiosa” (MAUSS, 1974): “a criança, como o adulto, imita atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem sucedidos em pessoas em quem confia e que têm autoridade sobre ela” (MAUSS, 1974, p. 215). O autor refere-se à educação agindo sobre as crianças para adequar seus corpos às “técnicas corporais” da sociedade em que vive, mas pode-se entender que a mesma lógica seja válida para as juventudes, pois nessa fase o indivíduo está em formação, e suas referências familiares e externas são importantes para a construção de suas representações. Assim, a “imitação prestigiosa” (MAUSS, 1974) apareceu, em cada jovem, nas diferentes camadas sociais,

²⁰ *Emo* é a abreviatura do inglês *emotional hardcore*, que é um gênero de música. O termo foi originalmente dado às bandas do cenário *punk* de Washington, que compunham num lirismo mais “emotivo” que o normal. Os *emos* usam roupas justas e escuras e cortes assimétricos nos cabelos, tendo como marca uma grande franja caída pela testa.

de uma maneira específica: os jovens das camadas populares “imitavam” desde figuras fortes presentes em sua vida, como alguns adultos do bairro que também usavam os mesmos tipos de roupas largas e acessórios e autotransformavam-se como “*manos*”, a jovens das camadas altas que, classificados como “*patricinhas e mauricinhos*”, usavam roupas caras, de marcas da moda. Já nas camadas médias, os jovens “imitavam” desde estilos valorizados no meio juvenil, como o estilo *emo*, até estilos que seus próprios pais tinham em sua juventude, como o *hippie*.

Contudo, com essa caracterização e considerando as práticas dos jovens do ponto de vista das desigualdades sociais e, mesmo, os “modismos” e a tendência crescente de uma uniformidade no consumo de produtos culturais (ADORNO, 2003), os dados obtidos mostraram que as práticas dos jovens estudados, nas suas diferentes posições sociais, diferenciaram-se em diversos aspectos e podem reproduzir ou transformar sua posição social. No entanto, essa diferenciação estava expressa diretamente em suas maneiras de vestir-se e nas práticas que implementavam e eram produzidas, principalmente, pela sua participação em determinadas redes de sociabilidade construídas na relação com suas famílias, em meio a condições, negociações e estratégias.

Nesse sentido, Bourdieu afirma:

A correspondência que pode ser observada entre o espaço das posições sociais e o espaço dos estilos de vida é resultado do fato de que condições semelhantes produzem habitus substituíveis que engendram, por sua vez, segundo sua lógica específica, práticas infinitamente diversas e imprevisíveis em seu detalhe singular, mas sempre encerradas nos limites inerentes às condições objetivas das quais elas são o produto e às quais elas estão objetivamente adaptadas. (BOURDIEU, 1983 p. 83).

Os conceitos desenvolvidos por Bourdieu sobre os aspectos estruturantes da estratificação social, nas diferentes sociologias (do gosto, da cultura e da educação), ofereceram importantes observações para esta análise.

Assim, o estudo dos gostos e das práticas reveladas pelos jovens pesquisados permitiu conhecer alguns mecanismos de diferenciação entre seus grupos sociais, sendo o principal deles a seleção escolar.

Gosto é a competência necessária para decifrar índices (BOURDIEU, 2005), e, nessa lógica, o conceito de gosto é entendido não apenas como uma singularidade, mas como uma objetividade interiorizada, que pressupõe um sistema de classificação anterior à ação e que orienta a escolha. Assim, podemos afirmar que as práticas dos jovens tendem a reproduzir as relações de dominação, pois, como vimos, a distribuição de bens materiais e simbólicos ocorre de maneira desigual em seus grupos e define a posição social de suas famílias.

Nesse sentido, o estudo reforça a afirmação de que esse sistema de classificação é produto das posições sociais e reporta à noção de *habitus*: princípios geradores de práticas distintas e distintivas que reproduzem as relações sociais que os criaram. (BOURDIEU, 1996).

[...] o que o operário come e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo e de outras atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. (BOURDIEU, 1996, p. 22).

Assim, podemos inferir, através dos dados obtidos, que as práticas dos jovens expressam não apenas aspectos singulares, mas, principalmente, suas posição social. Nessa lógica, pensando no papel diferenciador que a realização de determinadas práticas pode desempenhar na vida de um jovem, é importante considerar que são as disposições e as competências que distinguem as diferentes classes sociais. Diferenças simbólicas — materializadas nas diferentes práticas, opiniões e nos bens possuídos pelos indivíduos — estão associadas a diferentes posições e funcionam como símbolos distintivos. (BOURDIEU, 1996).

O que os dados sugeriram foi que características específicas das posições sociais dos jovens podem ser expressas em suas disposições de gosto. Portanto, o

gosto por praticar certa atividade, assistir a tal gênero de filme ou ouvir tal música não é arbitrário e pode indicar caminhos para compreender a forma como os jovens se apropriam ou transformam os sistemas de classificação que lhes são transmitidos, tanto por seu grupo familiar, como por outras redes sociais, em seus processos de socialização.

A pesquisa também identificou a seleção escolar como um forte mecanismo de diferenciação entre os jovens nas camadas médias e populares. Nas camadas populares, parte significativa das experiências de socialização dos jovens ficava nas “mãos” do Estado, tendo essas famílias apresentado um menor empoderamento para interferir em algumas experiências de socialização vividas por seus filhos. Falta de recursos financeiros e leis como as que determinavam que o jovem deveria estudar na escola pública mais próxima de sua residência também apareceram como fatores que limitavam o repertório de escolhas dessas famílias. Em contraposição, nas camadas médias, as escolas dos jovens eram escolhidas conforme as aspirações, os desejos e as necessidades das famílias, e a relação entre os pais e essa importante instância era fortalecida através de intervenções, participações em reuniões e conhecimento das linhas pedagógicas utilizadas pelas instituições selecionadas.

Por fim, é importante lembrar que esta análise foi orientada para tentar capturar a heterogeneidade de experiências de socialização dos jovens em seus diferentes grupos sociais, o que se configurou como um grande desafio, pois, segundo Lahire, aquilo que vivemos com nossa família, na escola, com amigos ou no trabalho, não é sinteticamente somado, de maneira simples. No entanto, considerando o contato dos jovens com outros universos além da família e pressupondo contextos diferentes, muitas vezes, bastante incoerentes e heterogêneos, o estudo dos casos mostrou que as relações extrafamiliares dos jovens com outras agências (escola, amigos, bairro e outros espaços sociais) eram construídas primordialmente a partir das interações com a família, por meio de negociações e trocas entre pais e filhos. Essas negociações estavam diretamente ligadas à posição social dessas famílias, que definia condições e repertórios para as tomadas de decisão sobre as práticas e as experiências que os jovens implementavam em suas rotinas e às quais tinham acesso.

Entretanto, os resultados confirmam que variações na posição social (renda, classe, escolaridade e trajetória de vida) são capazes de explicar variações na forma como se dão os processos de socialização dos jovens e a forma como estes constroem os seus gostos (preferências musicais, passatempos, etc.) e as suas práticas (de lazer, de estudo, econômicas e artísticas); confirmam também que essas diferenças podem ter efeito no seu circuito e no seu destino social.

3.1- Considerações Finais

Considerando principalmente a posição social das famílias, o grande desafio nesta análise comparativa das práticas juvenis entre os grupos foi buscar não deixar de olhar para outros aspectos do mundo social do qual o jovem participa. Para tal, foi importante considerar a complexidade das múltiplas experiências de socialização a que esses jovens estiveram expostos, observando tanto as regularidades como as variações intergrupos, como foi o caso das famílias dos jovens das camadas médias que, no estudo do campo, foram categorizadas em: altamente escolarizadas e em ascensão escolar.

Nesse sentido, não é possível fazer uma caricatura do repertório das práticas dos jovens em seus diferentes grupos sociais, mas é importante dar continuidade à idéia de que a posição social de um indivíduo tem relação com a forma como ele constrói suas práticas, fato que pode reproduzir ou transformar sua posição em uma configuração social maior, da qual participa; como esta pesquisa demonstrou, a trajetória social da família é um elemento fundamental para compreender por que os pais investem num sentido ou noutro, na socialização das novas gerações.

Finalizando, esta pesquisa responde a questões voltadas a um recorte específico da realidade, metodologicamente e geograficamente, e, portanto, não esgota todas as questões que emergem sobre o tema. Ao contrário disso, este estudo gera novas questões que podem inspirar futuras pesquisas na área como, por exemplo, o estudo da variação das práticas juvenis, levando em consideração não apenas a posição social, como também outras importantes variáveis como: gênero, raça e religião.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A. *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

ADORNO, T. W. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ALMEIDA, A. M. F. Ultrapassando o pai - herança cultural restrita e competência escolar. In: NOGUEIRA, M. A. et al. (Org.) *Família & Escola - trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ALMEIDA, A. M. F.; NOGUEIRA, M. A. (Org.). *A escolarização das elites*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

ALMEIDA, A. M. F. Apresentação. *Educ. Soc.* [online]. v. 29, n.103, p. 329-332, 2008.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AZEVEDO, C. M. Cotas raciais e universidade pública brasileira: uma reflexão à luz da experiência dos Estados Unidos. *Projeto História* — PUC, São Paulo, n. 23, p. 347-358, nov. 2001.

AZEVEDO, C. M. Cota racial e estado: abolição do racismo ou direitos de raça?. *Cad. Pesqui.* [online], v.34, n.121, p. 213-239, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742004000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 abr. 2001.

BAUDELLOT, C. Le scandale des héritiers. *Les Inrockuptibles*, Dossier Pierre Bourdieu (1930-2002), Paris, n. 323, fév. 2002.

BECKER, H. S. *Outsiders: studies in the Sociology of deviance*. Nova York: Free Press, 1963.

_____. Personal change in adult life. *Sociometry*, v. 27, n. 1, p. 40-53, 1964.

_____. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. Tradução: Marco Estevão, Renato Aguiar. Revisão técnica: Márcia Arieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1983.

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. Entrevista a Anne-Marie Métailié. 1978. Edição em português em: BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

_____. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção grandes cientistas sociais, n. 39).

_____. *O poder simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel-Bertrand, 1989.

_____. A dominação masculina. *Educação e Realidade*. UFRGS, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 133-184, 1995.

_____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. *Escritos de Educação*. Organização Maria Alice Nogueira, Afrânio Catani. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2000.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BOURDIEU, P. et al. *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Petrópolis: Vozes, 1999. (Introdução e 1ª. Parte).

CHAPOULIE, J. M. ; BRIAND, J. P. A instituição escolar e a escolarização. Uma visão de conjunto. *Educação e sociedade*, ano 15, n. 47, abr. 1994.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

DUBET, F. *A sociologia da experiência*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

_____. A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização. *Contemporaneidade e Educação*, São Paulo, ano III, n. 3, p. 27-33, mar. 1998.

DURKHEIM, E. *Educação e sociologia*. Tradução de Lourenço Filho. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1952.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a.

_____. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ERIKSON, E. H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

ERIKSON, F. Métodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In: WITTRUCK, Merlin (Org.). *La investigación de la enseñanza I*, Barcelona- Buenos Aires: México, 1989.

HOBBSAWM, E. *Era dos extremos – o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOGGART, R. *As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*. Lisboa: Editorial Presença, 1973. V. 1 e 2.

LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *L'homme pluriel*. Paris: Nathan, 1998.

_____. *A cultura dos indivíduos: os determinantes da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LAREAU, A. *Home advantage: social class and parental intervention in elementary education*. Londres: Falmer Press, 1989.

_____. A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas. *Educ. rev.* [online]. n. 46, p. 13-82, 2007.

MACHADO PAIS, J. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo soc.*, v.17, n. 2, p.173-205, nov. 2005.

MARTINS, M. C. A educação dos filhos na expectativa dos pais. *Guia da Internet BR*, v. 1, p. 1-14, 2003. Disponível em: www.sesc.com.br/sp>. Acesso em: 05 jul. 2009.

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. p. 213-233.

NEVES, D. PO legado da *pobreza* e a inserção geracional. *Ilha – Revista de Antropologia*, v. 5, n. 1, p. 65-89, 2003.

_____. Pobreza e humanismo salvador: mediações subjacentes. *Dados* [online]. v. 50, n.1, p. 117-158, 2007.

PEIXOTO, C. E. Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais. In: PEIXOTO, C.; SINGLY, F. de; CICCHELLI, V. (Org.). *Família e individualização*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

PEROSA, G. S. A aprendizagem das diferenças sociais: classe, gênero e corpo em uma escola para meninas. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 26, p. 87-111, 2006.

PIKUNAS, J. *Desenvolvimento humano: uma ciência emergente*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1979.

ROCHA, M. S. P. M. L.; PEROSA, G. S. Notas etnográficas sobre a desigualdade educacional brasileira. *Educação e Sociedade*, v. 29, p. 425-449, 2008.

SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SÃO PAULO (Estado). *Estatuto da criança e do adolescente*. 13. ed. São Paulo (SP), 2004.

SETTON, M. G. J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, nov. 2005.

SMITH, W. Barão Geraldo: história e identidade local. *Agora*, Santa Cruz do Sul, v. 7, n. 2, p. 133-155, jul./dez. 2001.

SOARES, R. Adolescência: monstruosidade cultural? In: *Educação & Realidade*. v. 25, n. 2, p. 151-159, jul./dez. 2000.

SOUSA, J. T. *Reinvenções da utopia: a militância política de jovens nos anos 90*. São Paulo: Hacker, 1999.

SPOSITO, M. P. Estudos sobre juventude em Educação. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5/6, 1997.

_____. (Coord). *Juventude e escolarização (1980/1998)*. Brasília: MEC/INEP/Comped, 2002. 221 p. (Estado do conhecimento, 7).

SPOSITO, M. P. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

TEIXEIRA, M. L. *Adolescência violência – uma ferida de nosso tempo*. Tese (Doutorado) — PUC-SP, São Paulo, 2002.

TEIXEIRA, M. L. *Adolescência violência – desperdícios de vida*. São Paulo: Cortez, 2006.

WACQUANT, L. *As prisões da miséria*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

APÊNDICE

Fotos do Campo



Cidade Jardim



Cidade Jardim



Cidade Jardim



Vila Santa Teresa



Vila Santa Teresa



Vila Santa Teresa – Escola e Igreja



Bosque das Palmeiras



Parque Esperança



Parque Esperança



Entrada do bairro Parque da Esperança no período noturno.

Fotos com alguns jovens da pesquisa



No fliperama.



Na FNAC do shopping.



Departamento de CDS e outras mídias.



Fliperama do *shopping*.



Fliperama do *shopping*.



No terminal de ônibus.